RB 182,553

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

MULHERES

HERONYMO SILVA
GILB SILVA & Comp.
RUA CONCEIÇÃO, 59
TEL. 60-NICTHEROY

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

POESIA

Nada (1896) — 2.ª edição.
Sonetos (1916) — 4.ª edição.

PROSA

Outros tempos, inquéritos médicos às genealogias reais portuguesas, etc. (1909) — 2.ª edição, ampliada.
Figuras de ontem e de hoje (1914) — 2.ª edição.
Pátria Portuguesa (1914) — 4.ª edição, no prelo.
Ao ouvido de M.me X (1915) — 4.ª edição.
O amor em Portugal no século XVIII (1915) — 2.ª edição.
Mulheres (1916) — 5.ª edição.
Êles e Elas (1918) — 3.ª edição.
Espadas e Rosas (1919) — 4.ª edição.
Como elas amam (1920) — 3.ª edição.
Abelhas doiradas (1920) — 2.ª edição, no prelo.
Os galos de Apollo (1921).
Arte de amar (1922).
As Grandes Batalhas — No prelo.

TEATRO

O que morreu de amor (1899) — 4.ª edição.
Viriato Trágico (1900) — 2.ª edição.
A Severa (1901) — 4.ª edição.
Crucificados (1902) — 2.ª edição.
A Ceia dos Cardeais (1902) — 24.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) — 4.ª edição.
Paço de Veiros (1903) — 3.ª edição.
Um serão nas Larangeiras (1904) — 4.ª edição, no prelo.
Rei Lear (1906) — 2.ª edição, no prelo.
Rosas de todo o ano (1907) — 9.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) — 5.ª edição.
Auto de El-Rei Seleuco (1908) — 2.ª edição.
Santa Inquisição (1910) — 2.ª edição.
O Primeiro Beijo (1911) — 4.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) — 2.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) — 2.ª edição.
1023 (1914) — 2.ª edição.
Sóror Mariana (1915) — 3.ª edição.
Carlota Joaquina (1919) — 3.ª edição, no prelo.
D. João Tenório (1920).
A Castro (1920).

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição.

JÚLIO DANTAS
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

MULHERES

QUINTA EDIÇÃO, AMPLIADA

16.º MILHAR

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 — RUA GARRETT — 60

Reservados todos os direitos de reprodução: em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Português;* no estrangeiro (países da União) em harmonia com a Convenção de Berlim, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de Março de 1911, e a que o Brasil aderiu tambem pela lei n.º 4:541, de 6 de Fevereiro de 1922, e decreto n.º 15.530, de 21 de Junho do mesmo ano. A propriedade desta obra pertence à Sociedade Editora Portugal-Brasil L.da.

Imprensa PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 100 — Lisboa

MULHERES DE HOJE

Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/mulheres00dant

MISS MELANCOLIA

Uma mulher é sempre uma interrogação.

Ontem, às dez horas, pus a tiracolo o meu binóculo e fui até à praia. Uma manhã refulgente. Dir-se ia que todo o mar, que tôda a atmosfera scintilava. Os próprios rochedos negros, batidos do sol, chispavam faúlhas de oiro. Palpitavam barracas brancas, como grandes albatrozes, sôbre a areia coruscante. E as ondas, arripiando-se ao largo em ligeiras crispações luminosas, cresciam, avançavam, rolavam como montanhas, cavavam-se em claridades glaucas de pedra preciosa, rebentavam eriçadas de espuma, e vinham espraiar-se, ferventes, cachoando ainda nalgum cachopo, e lambendo, como uma esteira de prata líquida, a areia sêca e ruiva. Bati o horizonte com as lentes mordazes do binóculo. Longe, um barco carvoeiro descia, deixando no céu um traço imóvel de fumo. Perto, as escarpas

talhavam-se abruptas sôbre o mar, em largos estratos negros de rocha, escorrendo limos, babando névoa, azebrando-se de nódoas verdes, e rebolando penhascos pelo mar dentro, fulvos, enormes, na atitude humana de corpos debruçados. Num dêsses rochedos, que parecia negro de encontro ao clarão lampejante da água, uma mancha vermelha viva, chamejando ao sol como uma labareda, feriu-me a atenção. Era uma sombrinha encarnada. Fixei-a: oscilava, movia-se. Num dêsses movimentos, surpreendi, quási adivinhei, assentado na rocha, um vulto branco de mulher. Por um natural impulso de curiosidade, fui caminhando ao seu encontro. Atravessei a praia onde uma revoada de crianças nuas, chapinando, acendia reflexos róseos na água; meti aos cachopos; e saltando de fraguedo em fraguedo, o binóculo nos olhos, aproximei-me, pouco a pouco, da ponta de rocha onde abria ao sol, como uma grande flor, a sombrinha vermelha. A uma distância de vinte passos, parei e olhei em silêncio. Era uma linda rapariga, tipo de inglêsa, olhos azúis, cabelos ténues dum loiro claríssimo como Rheno opalizado, um vestido ligeiro de cassa branca a ondular ao vento, uma brochura amarela fechada na mão. Não me pressentiu. Fiquei de longe a observá-la, a seguir-lhe os movimentos, os gestos, as ati-

tudes. Olhava o mar com uma fixidez impressionante. O pé direito, nervoso, vivo, calçado de camurça branca, a ponta de encontro à rocha, trepidava, de vez em quando, em pequeninos movimentos convulsivos. Aproximei-me, uns passos ainda. Tudo, na figura dessa mulher, era fluido, musical, transparente, luminoso. Tudo, na sua expressão, era parado, imóvel, absorto e triste. O contraste impressionou-me. Estava ali, incontestavelmente, uma criatura sob o domínio dum profundo sentimento. Houve um instante em que julguei ver uma lágrima a tremer-lhe nas pestanas. Ilusão, sem dúvida. Como todos os homens que supõem conhecer a mulher, e para quem não há nada no coração feminino que não seja claro, instintivo e fácil, eu tive a pretenção de ler naquela fisionomia, de penetrar naquele espírito, e de resolver num instante, com o meu binóculo de praia e a minha psicologia de salão, a incógnita daquele pensamento e o drama daquela existência. Assentei-me na rocha, quási debruçado sôbre o mar que se me abria aos pés, em reflexos roxos de pântano, babando espuma. Era, de-certo, uma inglêsa. Aqueles tipos loiros, duma elegância *garçonnière*, duma flexibilidade metálica, não enganavam nunca. Presumivelmente, um *ange-gardien* de casa rica, dezoito, vinte anos, vinda dos pra-

dos verdes da Irlanda, como uma pequena mãe, para a rude missão de educar os filhos dos outros. Uma inglêsa nova e triste que pensa, absorta, olhando fixamente o mar, — não pode pensar senão num homem. Se essa inglêsa tem dezoito anos, êsse homem não pode ser senão um noivo. Que admiraria, sendo êsse noivo um inglês, e êsse inglês — quem sabe? — um oficial de marinha, que êle corresse àquela hora os acasos e os destinos da guerra, na imensidade dêsse mesmo oceano scintilante, onde a pobre inglêsa fixava os seus olhos azúis, interrogativos e tristes? Debaixo da sombrinha vermelha que o sol atravessava num clarão de incêndio, fazendo faülhar os cabelos ondeados de *Miss* Melancolia, julguei ver, uma vez mais, a mesma lágrima a tremer nas mesmas pestanas loiras e quietas; senti, claramente, na ondulação do seu pescoço fino de ganso côr de rosa, o soluço doloroso que devia apertar-lhe a garganta, — e pensava já, a sério, em dirigir-me àquela linda mulher que sofria, para lhe dizer não sei bem o quê, quando uma voz forte de homem, rouca, alegre, gritou por detrás de mim:

— *Mary!*

Voltei-me. Era um inglês môço, hercúleo, enorme, a face rapada e côr de cenoura, uns óculos de oiro reluzindo ao sol, um cachimbo

na bôca, que vinha, com a leveza de um fauno, saltando de rocha em rocha. Olhei a rapariga: já ia ao encontro dêle, fresca, risonha, alegre, inundada de luz como uma primavera.

— *Good morning!*

E lá foram ambos pendurados nos braços um do outro, debaixo do chapéu de sol encarnado, a chilrear e a rir pelos rochedos.

Tinha-me enganado redondamente. Afinal, *Miss* Melancolia era a mulher mais feliz dêste mundo.

A VELHICE DE D. JOÃO

Meu amigo: — Escrevo-te de Sintra, onde estou passando a lua de mel. Casei há oito dias. Minha mulher quer conhecer-te. Vem tomar uma chícara de chá comnosco.

Vejo-te ler e reler as primeiras linhas desta carta, com o natural assombro duma notícia que não se espera. E a-pesar-disso, meu amigo, não há nada mais verdadeiro. Casei. Vou fazer setenta e um anos, — e casei. Digo-to com o sorriso tranqüilo de quem, finalmente, conhece a felicidade na vida. Um casamento nesta idade, quando não é uma aventura ridícula, é sempre uma história comovedora. A minha noiva tem menos três anos do que eu. Antes que venhas beijar as suas mãos ignoradas, meu amigo, quero que saibas quem ela é.

Eu passo por ter sido, durante a minha mocidade e mesmo durante o meu outono, um amoroso e um sentimental. Fez-se em volta

de mim uma lenda de paixões e de aventuras. Nunca a desmenti. E nunca a desmenti, — porque ela era rigorosamente verdadeira. Compreendes o que seria, na Lisboa de há quarenta anos, um bonito rapaz, com os hábitos fáceis e viris da educação inglêsa, rico, fidalgo, solteirão impenitente e homem do mundo, sem outras preocupações que não fôssem o câmbio sôbre Londres e uma admirável colecção de caixas de rapé do século XVIII, que faria inveja a Boni de Castelane. Respirei mocidade, a plenos pulmões. Bebi, até à última gota, a taça de oiro da vida. Conheci, na sua mais alta expressão, a embriaguez do amor e o sentimento da posse. Amei, triunfei, vivi. E entretanto, meu amigo, quando hoje olho para trás e interrogo as memórias do passado — digo-to com orgulho! — nada encontro que perturbe a paz da minha consciência. Nenhum remorso me pesa, nenhuma recordação me punge. Tenho setenta e um anos, — e nunca fiz chorar uma mulher.

Bondade, — dirás tu. Bondade natural. Talvez. E, com certeza, um pouco de egoísmo também. O sofrimento alheio foi-me sempre insuportável. Acontece muito isto a quem é feliz na vida. Mas as lágrimas duma mulher, sobretudo as lágrimas duma mulher que se amou, apareceram sempre ao meu espírito

como uma coisa monstruosa e aflitiva. Fazer sofrer a beleza, a candura, a fragilidade, a graça! Como os homens são cobardes, meu amigo, — e como à minha sensibilidade delicada, feminina, um pouco doentia, pareceu sempre pungente a imagem duma mulher que chora! Por isso as minhas ligações amorosas nunca conheceram as lágrimas. Por isso nos meus romances de mocidade nunca houve o suplício inútil das rupturas e das separações. Na minha vida, o amor, como um fruto doirado, só caíu sacudido pela mão do tempo. Das mais violentas paixões, tive a arte de fazer longas e comovidas amizades. Os meus afectos ignoravam, ao esvaziar da taça, o travor do ódio. Tive sempre, ou, pelo menos, julguei ter sempre o pueril cuidado, quási o pudor de conservar as minhas conquistas na ignorância umas das outras. Nunca me casei para não preferir nenhuma. Era rico. As responsabilidades materiais das minhas ligações não me preocupavam. Ia criando *ménages,* instalando afectos pelos quatro cantos de Lisboa, — e continuava a viver sòzinho a minha existência de solteirão. Fiz colecções de mulheres, — com a mesma impassível tranqüilidade com que coleccionava caixas de rapé. Umas, dispersou-as o tempo; bateram as asas para novos amores. Por que havia eu de querer-lhes mal?

Se a vida é assim! Outras, levou-as o sôpro gelado da morte. Quando entrei na assomada dos cincoenta anos, — restavam apenas dois lares, e, com êles, os dois corações fiéis de mulher que me acompanharam tôda a vida. Fui envelhecendo a amá-las, — sem as sentir envelhecer ao pé de mim. Eram as últimas relíquias da minha mocidade, as últimas flores da minha primavera, — o que restava do meu passado e de mim próprio. Amor? Mais do que amor: ternura. Vi embranquecer-lhes o cabelo, afilarem-se-lhes as mãos, desbotar-se-lhes o sorriso, — e não dei pela velhice delas. Dizem vocês que não se pode amar duas mulheres a um tempo. Engano! Era com a mesma comoção que eu lhes mandava todas as manhãs, pelo meu criado António, dois grandes ramos de flores. Era com o mesmo alvorôço e com o mesmo respeito que eu ia visitá-las a ambas, em dias alternados, beijar-lhes as mãos, sentir o seu perfume, ver ainda nos seus olhos pretos e calmos — os olhos da mulher não envelhecem nunca! — as últimas scentelhas do meu fogo, as últimas loucuras da minha mocidade. Fiz prodígios para que não suspeitassem uma da outra. Confundia-as já tanto na minha alma, — que cheguei a pensar num impossível: uni-las, trazê-las, como duas irmãs, para o meu lado...

Um dia — lindo dia de sol! — inesperada-

mente, uma delas morreu. Era a mais bonita das duas. Chorei em silêncio. Senti que me tinha morrido com ela metade da minha alma. A sua única família era eu: fui cumprir, piedosamente, o dever de velar-lhe o último sono. Quando ia a entrar no quarto da morta, daquela que fôra, em vida, uma das minhas duas mais ternas amigas, — uma senhora, vestida de luto, os cabelos numa névoa de prata, soluçava ajoelhada ao pé do leito... Era a outra.

Fôra, no meu afecto, a sua rival; era já, sem eu o suspeitar, a sua amiga; — é agora, há oito dias, minha mulher.

Queremos abraçar-te ambos. Manda dizer quando vens. — Teu velho, *Nuno*.

BÉBÉ

Meu querido amigo: — Escrevo-lhe já vestida para o baile da legação de Itália. Acabo, neste momento, de pôr as minhas jóias. São 10 horas. Deve estar a chegar o automóvel que nos leva. Meu marido, enterrado na poltrona do seu quarto de vestir, calça tranqüilamente as luvas. O meu amor de bébé dorme. A criada espera-me, aqui mesmo ao pé de mim, com a minha capa Paquin, *vieil or,* que você ainda não conhece. Tudo está a postos. E entretanto, meu amigo, neste instante em que lhe escrevo, não há nada mais incerto do que a minha ida a êsse baile. Vou? Não vou? Ignoro-o ainda. É da conversa que venho ter consigo, nesta pequena fôlha de papel azul, a sós, alma com alma, que vai depender a minha última resolução. É nesta carta, que eu não terei tempo de acabar, que nem chegará talvez às suas mãos, — que eu vou fazer

o meu exame de consciência. Conheço-o tão bem, meu querido, meu único amigo, sinto tão bem tudo quanto você pensa, tudo quanto você sente, — que, emquanto lhe escrevo, tenho a ilusão de que o ouço, de que a sua bôca me fala, de que o vejo ao pé de mim, com as minhas mãos nas suas, a guiar-me, a responder-me, a aconselhar-me. Que vergonha eu teria de si, a estas horas, se lhe mandasse todas as cartas que lhe tenho escrito!

Ouça-me. Faz hoje três meses que eu tive o meu pequenino. Você ainda não me viu, ainda não me quis ver depois dêsse dia. Porquê? Se soubesse como eu estou bonita, alegre e forte, — como a maternidade nos torna belas, como um filho nos dá saúde! Ainda agora, quando punha as minhas jóias diante do espêlho, gostei de olhar para mim. Parece que estou mais alta, mais branca, mais mulher. Brilham-me os olhos; ficam-me melhor as pérolas. E sabe? A ama do meu amor de bébé tenho sido eu. Meu marido opunha-se; eu insisti, chorei, — venci. Diziam que o meu leite era fraco, que eu era anémica, e — veja lá! — o meu filho tem-se criado lindamente com o leite débil da mãe. Está gordíssimo, pesa imenso, — e com que orgulho, meu amigo (só nós é que o sabemos!), com que voluptuoso orgulho eu sentia a boquita dêle a sugar-me, e as suas mãosinhas côr de

rosa, inquietas, polpudas, buliçosas, apertando-me, apalpando-me, machucando-me o peito! Meu marido incomodava-se, impacientava-se, não dormia; separámos os quartos, — eu e bébé no primeiro andar, êle e a sua comodidade no segundo; e eu continuei, plácidamente, a ser a mãe e a ama do meu filho, a viver para êle só, a criá-lo, a adorá-lo, até que um dia — há duas semanas — tive umas vertigens, umas palpitações, não sei bem o quê, naturalmente cansaço, excitação, fadiga. Fez-se logo em volta de mim uma vasta conspiração, meu marido e todos os médicos amigos de meu marido, minha mãe e todas as senhoras amigas de minha mãe: que eu não podia continuar a criar *Bébé*, que não tinha saúde — com êste peito, com êstes hombros, com esta côr! — que era muito nova ainda para sacrificar a minha mocidade e a minha beleza a um filho, que o meu coração estava fraco, que os médicos não tomavam a responsabilidade, *un tas de choses,* — e que era preciso, imediatamente, inadiávelmente, tomar uma ama. Oito dias depois, a ama veio, ruiva, estúpida, maciça, cheirando a leite, fazendo estremecer a casa tôda. Tive uma convulsão de chôro; meu marido afligiu-se; minha mãe chegou; ficou combinado que eu não cederia a ninguém a missão de amamentar o meu filho, que continuaria a criá-lo, e que a ama

ficaria para o entreter, para o passear, para me ajudar. Depois, passado o primeiro momento de exaltação, caí em mim, reflecti, pensei; achei que talvez tivessem razão, que talvez o conselho dos médicos fôsse sensato; entrevi, num sorriso, a minha liberdade, o meu sono tranqüilo, as minhas noites de teatro, a minha *raquette* do *tennis;* — e quando, anteontem à noite, à ceia, meu marido me mostrou o convite da legação de Itália, os olhos brilharam-me, o coração bateu-me apressado, pousei a chícara, voltei-me alvoroçada e risonha para minha mãe: — «E se eu fôsse?» Veja o que são as mulheres, meu amigo! Daí a pouco, a rir e a caírem-me as lágrimas, a olhar as minhas jóias e a beijar o meu filho, resolvi que, se realmente fôsse ao baile do Paulucci di Calboli, deixaria para sempre o meu amor de bébé à criação da ama. A noite chegou. É hoje. É agora. Ouço a buzina do automóvel que vem buscar-nos. Devo ir? Não devo ir? Não sei. Aconselhe-me. Guie-me. Ampare-me. Eu tenho o dever de amamentar o meu filho, não é verdade? Eu, antes de tudo, sou mãe, não é assim? A minha jóia, o meu orgulho, o meu sorriso, a minha beleza é êle, — é o meu filho, é a minha alma, é o meu amor de bebé. Não tenho o direito de o enjeitar, de o abandonar, de lhe negar um leite que é dêle, uma vida que

é dêle, de deixar que a sua boquita de flor conheça outro peito que não seja o meu, outros beijos que não sejam os da mãe... Não tenho, não tenho êsse direito! Escute. Parece que é êle que chora, que é êle que chama por mim... Obrigada, meu amigo. Obrigada! Eu já sabia que era êste o seu conselho. Meu marido que vá sòzinho à legação de Itália. Meu amor, meu amor, — aí vou. Afinal — vê? — vesti-me de baile para dar de mamar ao meu filho!

Sua amiga, — *Gabriela.*

O LIVRO DE MISSA

Querida amiga: — Prometi contar-lhe a história do pequenino livro de missa forrado de setim branco, que você encontrou ontem numa das minhas gavetas. É uma história simples, ingénua e triste. Como tenho a certeza de que não posso contar-lha sem me comover, prefiro confiá-la a esta fôlha de papel, — bastante discreta, de-certo, para não ir dizer-lhe que me viu lágrimas nos olhos. Pois você julgava-me tão monstruosamente sensível, que não fôsse capaz de chorar sôbre um livro de missa forrado de setim branco? Sim. Adivinhou. Êsse pequeno *Paroissien Romain* era duma mulher. Ou, melhor ainda, — era duma criança. Tenho-o em meu poder há uma eternidade: há quinze anos. Nunca lhe toco sem o profundo sentimento de respeito e de ternura com que — se isso fôsse possível — levantaria nas mãos uma alma. Não tenha ciúmes. Tudo passou. Tudo

passa na vida, tão depressa! Antes de lhe contar essa história triste da minha mocidade, antes de confessar-lhe êsse pobre romance de inocência donde parece desprender-se ainda um perfume de rosas desfolhadas, — deixe-me dizer-lhe, minha amiga, que é muito feio mexer nas gavetas que nos não pertencem, ainda mesmo quando não seja senão na piedosa intenção de tirar de lá um revólver.

Dê-me as suas mãos, e oiça. Quando eu tinha vinte e quatro anos — já tive vinte e quatro anos, minha amiga! — fui para o Algarve convalescer duma grave doença. Ia sòzinho. Era perto de Olhão. Lembro-me ainda da viva impressão que produziu em mim a paisagem algarvia, o azul metálico do céu, os grandes sobreiros sangrentos e descascados, as encostas — estávamos em plena primavera! — todas brancas de amendoeiras em flor. Um domingo de manhã, seguia eu de passeio, com os olhos já fatigados pelo revérbero da areia fulva da estrada, quando vi, ainda longe, caminhando em sentido contrário ao meu, um vulto ligeiro e resplandecente onde havia todas as tonalidades, todos os valores, tôda a opulenta orquestração do branco. Parecia o adejo duma pomba ao sol. Saltitava, revoava, scintilava, — caminhava para mim. Afirmei-me melhor. Atrás do vulto branco, seguia apressado outro vulto negro,

quási violeta,—como uma sombra. Esperei que passassem. Era a minha vizinha,—uma criança, uma pequenina mulher de doze anos, que ia com a mãe para a sua primeira comunhão.

—Adeus, Maria Rosa!

—Adeus, senhor doutor.

Em tôda a minha vida, não me lembro de ter sentido nunca, junto duma mulher ou duma criança, uma tão clara, uma tão viva impressão de frescura, de inocência e de graça. Dir-se ia que tinham crescido asas num ramo florido de amendoeira. Vinha tôda vestida de branco, um branco fluido, translúcido, leitoso, vagamente azul na transparência do véu, metalizado em traços de prata crua na ondulação dos peitos e do ventre, baço de porcelana na espessura da saia, quási roxo nos pés, que avançavam na sombra, curiosos como focinhos de rato, entre as faúlhas crepitantes da areia. Trazia nas mãos um rosário de madrepérola e um livro de missa forrado de setim branco. Parámos a conversar um momento. Ninguém havia de dizer que aquela bôca polpuda, aquela anca forte, aquele seio já formado, tinham apenas doze anos. Via-a todos os dias à janela,—e nunca me parecera tão bonita e tão mulher. Era o fruto algarvio, risonho, vermelho, sazonado, temporão, ressumando mal o beija o sol. A sinfonia de branco que a envolvia tor-

nava-lhe os olhos mais negros e maiores; a pele, dum trigueiro mais doirado, mais húmido e mais quente, acendia-lhe scentelhas fulvas de mel e de cobre nos cabelos castanhos, macios, empastados, ondulados, de portuguesa. Tive tentações de a beijar, como se beija uma criança. Não me atrevi. Ela compreendeu, còrou, baixou os olhos, e, na confusão da despedida, deixou cair o livro de missa. Quando me abaixei para o apanhar, tirou-mo precipitadamente das mãos.

— Não quer que eu veja o seu livro, Maria Rosa?

— Não tem que ver.

— Até logo, vizinha.

— Até logo, vizinho.

Daí por diante, sempre que eu saía, ela estava à janela a dizer-me adeus. Se me voltava para trás, via-a debruçada, a olhar-me. Parece que tenho ainda diante dos olhos, como uma mancha vermelha ao sol, o pano de pó que ela sacudia à janela quando esperava por mim. Ás vezes, conversávamos. Interessava-me aquela alma inocente que desabrochava para a vida, como uma primavera. Cheguei a pensar, a sério, na felicidade de ter um dia uma filha assim. Foi com tristeza, quási com comoção, que vi aproximar-se o dia do meu regresso a Lisboa. Uma noite — lembro-me bem! — uma

noite em que o cheiro das amendoeiras em flor era tão intenso que perturbava, disse adeus a Maria Rosa. Partia no dia seguinte. Ela ouviu-me, muito pálida, e retirou-se da janela com o lenço nos olhos. Meia hora depois, chamavam-me para a ver. Tinha tido um ataque. Fui. Era qualquer coisa convulsiva, histeróide, que se resolveu com uma compressão leve dos ovários. Quando ela sossegou, prostrada, os olhos semi-cerrados, os cabelos soltos sôbre o leito, olhei em volta, com um inexprimível sentimento de ternura, o seu quarto estreitinho de criança. Cheirava a rosas. Respirava inocência, virgindade, simplicidade. Sôbre uma cómoda, ao pé dum púcaro de prata, dormia o livro de missa, forrado de setim branco, que ela levava na manhã da sua primeira comunhão. Folheei-o. Estava cheio de registos do santo do meu nome. Só então compreendi tudo. Pobre pequenino coração amoroso! Quanto mal eu lhe tinha feito, sem querer, sem saber! Os olhos humedeceram-se-me de lágrimas. Quando ela despertou, num sorriso, apertando-me muito as mãos nas suas, perguntei-lhe:

— Deixa-me levar êste livro, Maria Rosa?

— A mamã que lho mande quando eu morrer.

Na madrugada seguinte, sem me despedir

dela, parti para Lisboa. Durante dois, três dias, tive ainda a impressão de que sentia o seu perfume em volta de mim. Ouvia-lhe, de vez em quando, o riso cristalino. Via, por tôda a parte, como uma bênção, a névoa azulada do seu vestido branco. Mas os homens esquecem-se depressa. Pouco a pouco, tudo se foi desvanecendo. Passaram-se dois, três, quatro meses. Uma tarde, um correio trouxe-me um embrulho e uma carta tarjada de negro. Abri. Era um livro de missa. Havia já três dias que estava coberta de flores a sepultura de Maria Rosa...

Aqui tem, minha querida amiga, a história triste do pequeno livro forrado de setim branco que você encontrou ontem na minha gaveta.

Bejo-lhe as mãos. — *José.*

O DOENTE

Meu amigo: — Escrevo-lhe com a cabeça perdida. Meu marido está pior. Já não há dúvidas sôbre a natureza da doença. Temos a certeza, a horrível certeza. Há bacilos de Kock. Aqui está o resultado da análise, nas minhas mãos. Êle nada sabe. Mantem-se num estado de ilusão incompreensível. Os médicos vieram. Vão radiografá-lo hoje. Que vida a nossa, — que morte a nossa, meu amigo! E ainda você, há um mês, me julgava a mulher mais feliz dêste mundo, e ria dos meus olhos pretos de criança, e invejava a minha alegria para uma filha que Deus lhe desse! Ah, meu amigo, como tudo mudou num instante, — e que dolorosa agonia é hoje a minha vida!

Hesitei muito tempo antes de lhe escrever. Não confio em ninguém, senão em si. Mas a si mesmo, meu amigo, tenho mêdo, tenho pudor de abrir-lhe a minha alma. Se você sou-

besse como eu tenho sofrido! Se soubesse de que fraqueza humana, de que egoísmo hediondo é feita esta pobre criatura que chora, que grita, que sofre, que se revolta, — e que não sabe ainda, afinal, se há de ter repugnância, se piedade de si mesma! Ando cheia de pavores, de insónias horríveis; estou doente; emmagreci; os anéis caem-me dos dedos. Tenha dó de mim, — ampare-me, aconselhe-me, perdoe-me. Já adivinhou, de-certo, a luta aflitiva que se debate na minha consciência. Mas é preciso que eu lhe diga tudo, que eu lhe confesse tudo, que eu lhe abra a minha alma. Meu marido está perdido. Os médicos não mo escondem. Nada o pode salvar. É fatal. Resistirá ainda oito meses, dez meses, um ano. Mas durante êsses meses, durante êsse ano, viverá — entende-me? — viverá inexorávelmente, implacávelmente, semeando a morte à volta de si. E eu? E eu? Terei eu o dever, terei eu o direito de suicidar-me? Poderei eu, deverei eu continuar ao lado dêle, na mesma mesa, no mesmo leito, — aspirando o seu hálito de agonia, recebendo os seus beijos de veneno? Ah, não, falta-me a fôrça, falta-me a coragem; não posso. Eu tenho vinte e três anos, meu amigo, sinto a mocidade a brilhar-me nos olhos, a palpitar-me nas veias, — e quero viver, viver! Aconselhe-me, guie-me, tenha pena de mim. Foi assim

que minha mãe morreu. Foi assim que morreu minha avó materna. Herdei-lhes os cabelos loiros e o peito débil. Mais um mês, mais um dia de intimidade com meu marido é uma sentença de morte. E porquê? Que mal fiz eu? Que utilidade há no meu sacrifício? Se eu pudesse, sacrificando a minha vida, salvar a dêle, — compreendia-se que ficasse aqui, que sofresse, que me contaminasse, que me suicidasse, numa tortura de cada dia, de cada hora, de cada instante. Assim, — para quê? De que serve a minha morte, se ela não tem o poder de resgatar lhe a vida? Ante-ontem, depois duma noite angustiosa em que meu marido ensopou uma toalha em sangue, e me obrigou a ficar acordada junto dêle, no mesmo leito, a falar-lhe, a beijá-lo, a ampará-lo, egoísta, cruel como todos os doentes, — revoltei-me, pensei em fugir, tomar o combóio, partir para casa de meu pai. Vesti-me à pressa, meti as jóias num saco de mão, ia sair, — quando êle assomou à porta. — «Onde vais?» Senti-me empalidecer, o coração saltou-me no peito, e respondi, sufocada: — «À missa...» Vi, num relance, tôda a desumanidade da minha fuga. Compreendi todo o horror do meu abandôno. O meu instinto de mulher, a bondade natural do meu sexo, todos os lugares-comuns da minha educação moral diziam-me que o meu lugar era ali, à

cabeceira de meu marido, como uma enfermeira, como uma mãe, como uma irmã. A minha missão de piedade chegou a aparecer-me, um instante, como um clarão de beleza. Fiquei. À noite, quando ia a despedir-me dêle para me deitar, meu marido agarrou-me. Ardia em febre; os seus olhos, fulvos, chispavam; inundava-o o suor. Debati-me, neguei-me, gritei: a hemoptise repetiu-se; acudiram os criados; a minha cara, o meu roupão, os meus cabelos ficaram empastados de sangue. Não posso. Não posso mais. Todo o meu ser, todas as minhas energias se revoltam. É inacreditável que meu marido não tenha a consciência do seu estado. É pavoroso que êle queira friamente, deliberadamente, contagiar-me, assassinar-me. Falei aos médicos. Contei-lhes o que se passara. Perguntei-lhes se devia ficar, se fugir. Um dêles olhou-me com estranheza e encolheu os ombros. O outro, grosseiro, atirou-me uma baforada de fumo à cara: — «Não há lei que a obrigue.» Só o nosso velho doutor Sousa me disse, tomando-me as mãos, acariciando-mas, beijando-mas: — «Se o ama, minha filha, é um suplício partir; se o não ama, é um suplício ficar.» A si, meu amigo, digo-lhe tudo, confesso-lhe tudo, alma com alma. Eu não amo meu marido. Se o amasse, — que deliciosa volúpia seria a de morrer por êle, a

de morrer com êle, envenenando-me em cada beijo, crestando de febre a minha bôca, sacrificando-lhe, dia a dia, hora a hora, a minha mocidade, a minha beleza, a minha vida! Mas não o amo. Pior ainda de que não o amar, — criei por êle uma repugnância invencível, uma aversão raciocinada, feita de tôda a minha revolta, de todo o meu silêncio, de tôda a minha ânsia enorme de ser livre, de respirar, — de viver. É horrivel? É. Mas eu sinto-o; mas hão de senti-lo, no seu sacrifício ignorado e heróico, todas as mulheres que sofrem como eu e que se calam como eu. Escreva-me. Aconselhe-me. A sua alma é compassiva e boa. Diga-me o que devo fazer. Tenho febre; os beiços escaldam-me; arrepia-me a própria frescura do papel em que lhe escrevo; as flores crestam-se e morrem ao pé de mim. Porque não vem vêr-me? Porque me deixa só? Porque me deixam todos só, neste inferno?

Sua pobre amiga, — *Maria*.

AS MEIAS AZÚIS

A janela do meu quarto de hotel, nas Caldas de ***, dava para um maciço de *chalets*, tão juntos uns dos outros que mal se adivinhava, entre as empênas mais altas, a luz doirada e quieta das montanhas distantes. Abri-a, de par em par, e encostei-me ao peitoril, fumando. Uma manhã criadora. Tive a impressão de que o ar cheirava a feno, a leite, a flores, a roupa lavada. Respirei profundamente, voluptuosamente. O sol ardia, metálico, atirando de encontro às paredes pastadas rôxas de sombra. Fiquei, durante muito tempo, imóvel, absorvido na incomparável delícia de não escrever, de não ler, de não me envenenar, de não pensar. Um torpor de plenitude, uma sonolência vaga invadiam-me. Reagi, acendi outro cigarro, — e olhei. O *chalet* mais próximo, fronteiro ao hotel, tinha janelas para a nossa rua. Era o tipo vulgar da *swiss-cheese-house*,

com o seu pequeno jardim inglês, as suas *brise-bise* inglêsas de linho cru que a luz salpicava de oiro, e êsse ar repousado, êsse ar tranqüilo e religioso de certas casas onde se sente que não podem habitar senão criaturas felizes. De repente, surpreendi, na serenidade daquela parede cinzenta, uma nota de côr e de movimento. Quási defronte de mim, na única janela aberta, estavam penduradas, a secar ao sol, umas meias azúis. Para um espírito possuído do vício de observar e condenado à ociosidade forçada dumas termas, não há pequenos motivos que não se transformem em grandes assuntos. Durante uma hora contada pelo relógio, a minha atenção absorveu-se inteiramente nesse par de meias de sêda azul. Entretive-me a vê-las oscilar, a adivinhar-lhes a transparência nos efeitos da luz, a leveza na ondulação do vento. Eram umas meias de mulher, finas, leves como um floco de espuma escorrendo sôbre um prato azul de Limoges. Quem seria essa mulher? O ar tocava-as, parecia palpá-las, acariciá-las, senti-las, como uma grande mão invisível. De vez em quando, mordia-as a luz, o fio da sêda scintilava, e, ou se acendiam em clarões como penas de pavão ao sol, ou, diáfanas, levíssimas, pareciam subir no espaço como um ligeiro fumo azul. Tive a pretenção de adivinhar o efeito dessa malha

de sêda, ténue como uma teia de aranha, sôbre a carne loira, doirada, rosada, do pé que a calçasse. Via-a já, num vago azul de névoa, envolvendo uma pele fresca, môça, ressumante, dêsse branco levemente róseo e luminoso a que Barbey d'Aurevilly chamava «*le ton de l'interieur des fraises*». Evidentemente, aquelas meias azúis deviam pertencer a uma mulher muito nova. Eram, de-certo, as meias dum vestido exuberante de tafetá azul cobalto, — êsse terrível azul cobalto que só fica bem às loiras, e que me levou iniludívelmente a concluir, com a facilidade com que nós todos, Cuviers da psicologia feminina, reconstituímos uma mulher por um farrapo da sua meia de sêda, que a minha vizinha de acaso não podia deixar de ser loira, juvenil, esbelta, olhos azúis, gestos viris, elegância masculina, queixo imperioso de Fúlvia numa medalha romana, — mas, sobretudo, loira, inverosímilmente loira, dêsse loiro mixto, confuso, paradoxal, feito de todos os tons, desde o cobre ardente das venezianas de Rosalba até às tintas moles e adormecidas do âmbar cinzento. Ainda eu seguia com o olhar os movimentos graciosos das meias, que ondulavam, que dansavam, que arfavam ao vento como as asas dum grande pássaro azul, quando um focinhito inquieto e escuro de criança, sete para oito

anos, os olhos muito tristes, a bôca muito vermelha, assomou à janela. Era uma rapariga. Disse-lhe adeus. Encarou-me, desconfiada. Perguntei-lhe como se chamava. *Lili*. Começámos a rir um para o outro. Daí a pouco, conversávamos como dois bons amigos.

— Lili, de quem são essas meias?

A pequenita fitou-me com os seus grandes olhos tímidos e respondeu:

— São da avó.

PIERRETTE

Meu velho: — Escrevo-te às 3 da madrugada de têrça-feira gorda, no Monte Estoril, fechado num pequeno quarto do *Hotel de Itália*. Cheguei, de automóvel, há pouco mais de uma hora. Fugido do Carnaval? — preguntarás tu. Não. Trazido pelo Carnaval. Foi uma *Pierrette* côr de rosa que me trouxe, uma encantadora *Pierrete* de dezoito anos cujos pés cabem na minha mão fechada, e que eu fui encontrar por acaso, no turbilhão dum baile de máscaras, chorando sôbre uma taça vazia de champanhe. Emquanto ela dorme, no quarto contíguo ao meu, o seu sono de criança três vezes desgraçada, venho eu contar-te o que foi o nosso passeio, num horrível *Benz*, desde Lisboa até aqui. Tu, que coleccionas almas de mulher com a mesma delicada voluptuosidade com

que o meu velho tio Marquês coleccionava jóias antigas, deves encontrar um certo interêsse na história dessa *petite Pierrette rose* que eu conheço apenas há três horas, de quem me aproximou um simples movimento de curiosidade sensual, e a quem acabei por beijar na testa com o natural sentimento de respeito com que beijaria uma irmã.

Pode ter história uma pequena de dezoito anos? Ah, meu amigo, — só não tem história quem é feliz. Quando a encontrei, em pleno baile, assentada no jardim de inverno, a máscara no regaço, um lenço de rendas nos olhos, — a sua mocidade, as suas lágrimas, a sua pele doirada de trigueira, atraíram-me, interessaram-me, digamos a palavra justa: excitaram-me. Eu já tinha visto, fôsse onde fôsse, aquela cara, aquela bôca sinuosa, rasgada, infantil, aqueles cabelos dum tom quente de tabaco de Espanha, vagamente mordidos de scentelhas de oiro, onde pousava, como uma flor, um pequeno bicorne de setim côr de rosa. Mas quando, aonde, — se todas as mulheres se parecem tanto e nos interessam tão pouco? Perguntei-lhe, delicadamente, porque chorava. Repousou em mim, um instante, os seus grandes olhos pretos húmidos de lágrimas e pronunciou o meu nome. Donde me conhecia? — inquiri. Não respondeu. Levantou-se, cobriu de novo

a face com a meia-máscara de veludo, e agarrada ao meu braço, a tremer, numa convulsão de chôro, suplicou-me, pelo amor de Deus, que a levasse do baile. Saímos. Um nevoeiro espêsso e frio, cortava. Chamei o primeiro automóvel. Era um velho *Benz,* impregnado de um perfume morno de mulher.

— Dá-me licença que a leve a sua casa?

— Não tenho casa...

Olhei, num instante de hesitação, êsse corpo frágil de criança que se amparava tremendo ao meu braço; tive a impressão vaga e incerta de que o sentia desfalecer; ergui nas mãos, com a leveza dum brinquedo, aquela nuvem de setim côr de rosa onde um pequenino coração palpitava; aninhei-a no fundo do automóvel; cobri-a carinhosamente com o meu sobretudo, para a resguardar do frio da noite, — e cingindo-a a mim, não sei ainda bem se num movimento de volúpia se de piedade, gritei para o *chauffeur:*

— Estoril.

Foi durante o caminho, debaixo do meu braço como uma ave friorenta, que ela me contou a sua história. Chamava-se Teresa. Andara, como todas as raparigas que se perdem, — aos pontapés na vida. *C'est l'éternelle chanson.* Correra, como uma jóia, de mão em mão. Tinha já conhecido muitos homens, —

quando um dia amou o primeiro homem. Sabes quem êle era? O pobre Nuno B., que morreu ante-ontem, com vinte e dois anos. Encontrou-a corista num teatro — e adorou-a. Tu conheceste-o. Um lindo rapaz, — loiro, delicado, franzino, doente, um pouco parecido com o *Cesário Verde* de Columbano, herdeiro do tipo inglês e da tara tuberculosa da mãe. Ao fim de um ano de paixão e de loucura, Nuno teve a primeira hemoptise. O pai, alarmado, levou-o para a Suiça e meteu-o no *Waldsanatorium* de Davos. Inútil. O pobre rapaz não podia viver sem a amante — e fugiu para Portugal. Depois de nova crise amorosa, a doença agravou-se; Nuno foi transportado para a Guarda, e, passados dois meses de profunda depressão com tentativas de suicídio, removeram-no para Lisboa, onde chegou moribundo. No delírio, gritava pela amante, chorava, pedia ao pai que o deixasse morrer ao pé dela. A questão foi posta aos médicos. Resolveu-se chamar a pobre rapariga, e perguntar-lhe se queria instalar-se, como enfermeira, à cabeceira do doente. Teresa aceitou. Num alvorôço, sorria e caíam-lhe as lágrimas. Poder dedicar-se, poder sofrer, poder morrer pelo único homem que amara na vida, — onde haveria maior felicidade para ela? Vencidos os últimos escrúpulos da severidade paterna, Te-

resa, a tremer de comoção, foi recebida como família na casa dos Viscondes de B., e nunca mais, durante trinta e oito dias, abandonou um só instante o leito de Nuno. Foi nos braços dela que êle morreu ante-ontem, iludido, feliz, tendo conhecido ao fim da vida, na ternura duma só mulher, todo o amor duma mãe, duma amante e duma irmã. Quando a pobre criança, extenuada de sofrimento e de vigílias, julgava merecer ao menos uma palavra de gratidão à família daquele a quem tanto amara, — sabes como lhe pagaram? Mandando-a sair de casa pelos criados, — ainda o cadáver de Nuno estava quente. Teresa, cheia de dôr e de vergonha, acolheu-se a casa duma amiga. Levou um dia inteiro de bruços sôbre a cama, chorando. De noite, ardeu em febre, teve delírio, pavores horríveis, — via em tôda a parte o seu Nuno, ouvia-o chamar por ela, adivinhava-lhe a palidez, sentia-lhe o suor viscoso das mãos. Hoje mandaram-lhe umas dezenas de mil réis, como retribuïção por serviços de enfermagem. Era a suprema afronta. Devolveu-os, intactos. À dor, sucedeu, na alma de Teresa, a revolta. Era Carnaval. Quis aturdir-se, embebedar-se, esquecer, — e, meu caro amigo, a pobre *Pierrette* côr de rosa, exausta de comoção e de fadiga, que eu fui encontrar chorando no jardim de inverno dum teatro, dorme agora aqui,

tranqüilamente, num quarto contíguo ao meu, cheia de confiança neste eterno romântico que a beijou na testa como beijaria uma filha, e que não sabe ainda ao certo o que há de fazer dela àmanhã...

Teu, do coração, — *Vasco.*

MARÍA MANUELA

Meu amigo: — Encontro-me num estado de excitação que me assusta. Os meus nervos estão evidentemente doentes, — e eu preciso de sossegar, de repousar, de tratar-me. Ora ouve. Tu conheces o meu escritório, não é verdade? Lembras-te, de-certo, daquele contador italiano onde guardo cartas de mulheres. Pois bem. Ontem à noite resolvi-me a arrumar-lhe as gavetas. Acendi o fogão — porque aqui, nesta lomba de serra beirôa, continua um frio de dezembro — e meti-me ao trabalho. Tanta carta de mulher, — para quê? Todas as mulheres que amam se parecem, e todas as mulheres que mentem, mentem da mesma maneira. Que eram aquelas cartas? Papéis inúteis. Talvez papéis perigosos. Acudiram-me ao espírito as palavras do Marquês de Lauzun: — «Nenhum homem correcto guarda as cartas de amor que recebe.» Acendi um cigarro, — e comecei a ler e a ras-

gar. Não sei se te sucede o mesmo a ti ; a mim, o passado produz-me vertigens. A leitura dessas cartas, algumas antigas de vinte anos, deu-me por vezes a impressão de que me debruçava sôbre um abismo. Desatei maços sôbre maços. Emquanto dêsses velhos papéis desdobrados se exalava, como um hálito de flores mortas, alguma coisa que não era ainda bafio e que não era já perfume, — as fontes latejavam-me, as mãos tremiam-me. Tive a sensação de que a minha própria mocidade se esvaía, como fumo, entre os meus dedos. Cada uma dessas cartas, onde crepitavam manchas de lacre doirado, acordava uma memória de febre e de delícia, uma reminiscência de volúpia e de dor. Rasguei, rasguei, rasguei. De repente, ao desatar um novo maço, as mãos esfriaram-me, os olhos enevoaram-se-me de lágrimas. Era a primeira morta. Abri ao acaso uma das cartas, e, com o coração opresso, com os lábios trémulos, principiei a ler essas palavras de recriminação e de abandôno onde parecia adivinhar-se já como que a grave impassibilidade de além-túmulo. Pobre Maria Manuela! Tinha conhecido na vida o amor que queima e que perde, que envenena e que mata. Quem a assassinara? Talvez tôda a gente. Talvez eu só. Não tive coragem para continuar a leitura dêsse papel, que me escaldava as mãos como um remorso

vivo. Ia amachucá-lo, despedaçá-lo como fizera aos outros, — quando, num relance, vi em *post-scriptum,* traçadas pela mesma letra agitada e febril, estas palavras que me gelaram: «Peço-te, meu amor, não rasgues esta carta.» Dir-se ia que, naquele mesmo instante, a própria mão branca da morta as escrevera. Tremi. O papel resvalou-me dos dedos, intacto. Olhei, instintivamente, em volta. Zumbiam-me os ouvidos. Latejavam-me as fontes. Não sei porquê, pareceram-me mais profundas as sombras dos móveis, mais vagos os relevos das coisas, mais convulsos os braços da serpentina de prata que me alumiava. Tive vergonha do meu terror, agarrei de novo a carta, e sem olhar, num movimento brusco, numa contracção nervosa, — rasguei-a. Ah, meu amigo! Ouço ainda agora, claramente, distintamente, o gemido que ouvi então. Não. Não suponhas que foi uma alucinação minha. Ouvi. Um gemido longínquo, — mas distinto, doloroso, dilacerante. Tive a impressão exacta, a impressão perturbadora de que, nas fibras do papel que eu despedaçara, havia alguma coisa de vivo, de sangrento, de humano. Quis rasgar uma carta; tenho a certeza de que rasguei uma alma. Ao primeiro gemido, outro se seguiu, — e outro, e outro, e outro. Para não ouvir, meti a cabeça entre as almofadas dum sofá. Inútil. Os gemidos da morta conti-

nuaram, estrangulados, aflitivos, lamentosos, em volta de mim, dentro de mim, tôda a noite de ontem, tôda a manhã de hoje, — e agora mesmo, emquanto te escrevo, debruçado sôbre a minha banca de trabalho, pálido de terror e de insónia, escuto-os, adivinho-os, percebo-os, ouço-os ainda através do bulício que me rodeia, no vento que uiva, nas vozes que cantam, nos sinos que tocam, e não sei para onde hei de fugir que os não leve agarrados aos meus ouvidos, como um castigo, como uma obstinação, como uma fatalidade! Vou partir para aí. Preciso de consultar médicos. Previne meu irmão. Nunca eu tivesse tocado nessas horríveis cartas!

Teu amigo, — *João*.

LADY FUTILIDADE

Meu amigo: — Bons dias! Escrevo-lhe a correr. Aí vai o seu André de Lordes. Horror! Mande-me Loti. Acabei de tomar o meu banho, de polir as minhas unhas, de vestir o meu *trotteur* cinzento, e — que deliciosa manhã de primavera! — vou ao meu *footing*. Deixe-me ver que horas são. Dez menos vinte. Tenho vinte minutos para conversar consigo. Sabe? É preciso que você procure o António. Acabámos. Ou antes, — eu acabei. *Et, Nini, c'est fini*. Tinha de ser um dia, não é verdade? Foi ontem. Porquê? Sei lá! Ainda há de vir a primeira de nós, mulheres, que saiba ao certo a razão porque amou e porque deixou de amar. A você pode dizer-se tudo. Você não conta. Você é um pouco *l'ami des femmes*. Você conhece-nos muito melhor do que nós nos conhecemos a nós mesmas. Pois não é verdade — diga-me — não é verdade que o amor passa, como passam as ro-

sas? Se tudo é fugitivo, se tudo é transitório, se tudo acaba, se tudo morre, — como querem vocês, homens, que o amor seja eterno? Querer que uma mulher ame tôda a vida é tão absurdo como querer que a primavera dure todo ano. Amei o António? Creio que sim. Pelo menos, há três semanas, ainda eu estava convencida disso. Deixei de o amar? Deixei, — não sei porquê, não sei quando, não sei como. A culpa foi dêle? Foi minha? Não. Nem minha, nem dêle. Foi da vida, — onde tudo é vago, onde tudo é mudável, onde tudo é efémero. Lembra-se daquela frase de La Bruyère, que você me disse há um ano, há dois anos — como o tempo passa! — diante do admirável Dürer das *Janelas-Verdes?* «*Le commencement et le déclin de l'amour, se font sentir par l'embarras où l'on est de se trouver seuls.*» Como isto é verdade, meu amigo! Um dia, de repente — sei lá porquê! — senti diante do António êsse inexplicável constrangimento que principia quando o amor acaba. Compreendi tudo. Estávamos à janela, num hotel do Monte-Estoril, olhando o mar. Uma atmosfera de tarde, tranqüila, doirada, imóvel. Passei-lhe as mãos pelos cabelos, tristemente, e beijei-o na testa, como quem se despede dum morto. Daí por diante, sempre que ficávamos sós, eu sentia, com a evidência das coisas irremediáveis, que nunca mais na mi-

nha vida teria que lhe dizer. É horrível, não é? Horrível para nós, para mim, para si, que nos habituámos a considerar o amor um sentimento que vive eternamente. Horrível para todos aqueles que deixam de amar, — e que não encontram no seu coração, na sua alma, na sua vontade, um pouco de fôrça, um pouco de coragem para confessar que já não amam. Eu tive essa coragem, eu tive essa fôrça. Confessei. Disse tudo. Podia dissimular, podia mentir. Mas para quê? O amor, para ser belo, não precisa de ser eterno. Para quê, embaciar com um hálito de mentira um sentimento que deve nascer e morrer *en beauté?* Eu sei que vocês, homens, não pensam assim. Foram vocês que nos ensinaram a mentir. Diga-me, meu amigo: porque um dia amamos um homem, com tôda a nossa paixão, com tôda a nossa alma, — temos porventura de o amar tôda a vida? Oh, não! Não. Se eu até das minhas jóias me aborreço! Procure o António. Fale-lhe, convença-o, diga-lhe tudo isto que eu lhe estou dizendo a si. É preciso que fiquemos dois bons amigos. Peça-lhe que não seja *vieux-jeu,* que não torne a dizer-me que se mata, — que não estrague com uma loucura êsse breve sorriso que foi a nossa ligação. Para quê, estragar uma coisa bela? Os homens, mesmo os mais inteligentes, teem às vezes — perdoe-me — a estupidez do sentimento.

O António é como todos, — mas você tenho a certeza de que não é como êle. Dez horas! E o meu *footing!* Adeus. Sabe? Tenho hoje partida de *golf*. Meu marido acordou dum mau humor insuportável. Não se esqueça de me mandar Loti. Sabe que eu tinha um grande desgôsto se o António se matasse? E os meus chapéus, que ainda não chegaram de Paris!

Beije a mão da sua amiga, — *Josefina*.

UMA FLOR

Senhor doutor: — Se não me sentisse tão perto da morte, não teria coragem para lhe dirigir esta carta. É já quási uma desaparecida que lhe fala, senhor doutor. Oiça-a com caridade e não lhe negue a esmola que ela vem pedir-lhe. Não. V. ex.ª não me conhece pelo meu nome. Nem talvez dizendo-lhe quem sou, se lembre de mim. O mundo é tão grande, e tudo esquece tão depressa! Escrevo-lhe do hospital de S. José, enfermaria de Santa Cecília, cama 7, onde estou já há três semanas, cansada de sofrer e desenganada dos médicos. A minha fraqueza é tanta, que, só do esfôrço de ditar estas palavras, cubro-me tôda de suores frios. Poucos dias viverei. Peço-lhe, senhor doutor, que me perdôe o tempo que venho tirar-lhe, e suplico-lhe, de mãos postas, pelo que tiver de mais santo e de mais querido na vida, que leia esta pobre carta até ao fim.

Um dia, há oito anos, uma pobre mulher, lavada em lágrimas, foi chamar V. ex.ª para ir ver um doente a Santa Clara. V. ex.ª disse que não fazia clínica e indicou os nomes doutros médicos. Mas, de tal maneira essa desgraçada mulher insistiu, com tanto desespêro e tanta fé, que o senhor doutor condoeu-se, e foi. Uma casa de azulejos — recorda-se? — um rés-do-chão modesto, pequenino, quási sem sol. Ao fundo do corredor, num quarto tão escuro que era preciso acender luz de dia, um velho, assentado na cama, cuspia sangue. Ao pé, a filha, uma rapariga de quinze anos, muito loira, com uns olhos azúis muito grandes, chorava. O senhor doutor falou ao pobre velhinho com tanta caridade, que comoveu todos. Foi a esperança, foi a alegria, foi um sorriso bom que entrou naquela casa. Á tarde, voltou. Voltou ainda no outro dia, e no outro, e no outro. E desde que entrava, até que saía, os mesmos olhos azúis, muito grandes, húmidos de lágrimas, seguiam-no, imploravam, suplicavam. Uma noite, o senhor doutor foi mais tarde. Tinha ido ao teatro. Trazia ainda uma rosa vermelha na casaca. Vinha contente, risonho, feliz. Viu o doente. Estava salvo. — «Como havemos nós de lhe pagar, senhor doutor?» — soluçou a pequenita, querendo beijar-lhe a mão. O senhor doutor afastou-a delicadamente, e, como se falasse a uma criança,

emquanto a rosa da sua botoeira se desfolhava sôbre o leito, respondeu-lhe sorrindo: — «Não quero que me pague. Basta que se lembre de mim.» Sabe quem era essa pobre rapariguinha? Era eu.

Desde o último dia em que esteve em nossa casa, nunca mais o tornei a ver. Mas nem um dia só — juro-lhe pela alma de meu querido pai — deixei de rezar um padre-nosso por si, pelos seus triunfos, pela sua felicidade. Em oito anos de sofrimento, de privações, de miséria, nunca o seu nome, senhor doutor, saíu do meu pensamento e da minha alma. Meu pai, um ano depois de V. ex.ª o tratar, morreu de repente. Batemos a todas as portas. Uma noite, minha mãe, quási cega, foi prêsa por mendigar. Sem um carinho, sem um amparo, sòzinha no mundo, fui caindo, quási sem saber como, de miséria em miséria, de perdição em perdição. Conheci tôda a crueldade dos homens. Devorei todo o fel da vida. Caí tão baixo, senhor doutor, que chegava a parecer-me um sacrilégio chorar por si, pensar em si. Quis esquecê-lo. Não pude. E a todas as horas, a todos os instantes, era o seu sorriso que eu via, era a sua imagem que me amparava, era o seu nome que eu tinha nos lábios e no coração, era a sua lembrança que me acompanhava sempre, como um perfume, e me dava coragem e fôrça para sofrer. Posso con-

fessar-lho agora, tão perto como estou da morte. É já uma sombra que lhe fala. Perdoe a essa linda criança que eu era, a esta desgraçada que eu sou, a loucura de ter sonhado comsigo a vida inteira. É com delícia que eu sinto chegar a morte, senhor doutor, por me lembrar que ela pode ainda aproximá-lo de mim. Suplico-lhe, venha vêr-me. Queria vê-lo ainda, antes de morrer. Queria beijar-lhe as mãos e entregar-lhe a minha última jóia. São os restos da flor que há oito anos caíu da sua casaca. Se eu podesse vê-lo um minuto só, um instante só, abençoaria todo o infortúnio da minha existência. Venha. Peço-lho de joelhos. Imploro-lho pelo amor de Deus. Se se demora, já não me encontra viva. Deve ser tão bom morrer feliz!

Sua desgraçada, — *Antónia*.

O «RENDEZ-VOUS»

Minha querida amiga: — Que mal fiz eu a M.me S.? — pregunta você. E acrescenta, com o mais voluptuoso dos sorrisos: «M.me S. diz furiosamente mal de si.» Ah, minha amiga, sejamos justos. M.me S. tem razão. M.me S., de todas as mulheres que teem passado na minha existência de *homme-à-femmes,* foi a única com quem eu procedi nobre e generosamente. M.me S. é a página mais bela de tôda a minha vida. M.me S.— está na lógica especial da alma feminina — deve, fatalmente, dizer o pior possível de mim.

Eu lhe conto. Fêz ontem onze meses, numa maravilhosa tarde de outono, eu esperava em minha casa uma mulher. Lembra-se da minha salinha-de-fumar, do meu Império Jémont de solteirão, onde você tanta vez seguiu o fumo azul dos seus *milady,* entre uma faiança holandesa de Aegestin Reygens e uma paisagem admirável

de Malhôa? Há tanto tempo que a nossa aventura passou, e — quer crer? — ainda sinto às vezes, nessa pequena sala, estremecendo, palpitando, errando como um espectro, a sombra do seu perfume. Uma eternidade de oito anos, não é verdade? Como o tempo passa, como os cabelos embranquecem, — e como nós temos envelhecido, minha amiga! No mesmo Récamier de mogno e bronze doirado onde tanta vez esperei por si, — confesso-lhe que, nessa tarde resplandecente de Setembro, já onze meses contados, eu não esperava menos ansiosamente, menos impacientemente por ela. Era o primeiro *rendez-vous*. Era o supremo instante de beleza que precede a delícia do primeiro abandôno e o horror da primeira posse. Era o momento em que ainda tudo se releva e tudo se ignora, tudo se adivinha e tudo se desconhece. Se as mulheres soubessem, minha querida amiga, que a melhor recordação que delas nos fica é a do tempo que levámos a esperá-las! O coração batia-me, apressado; passeava, sentava-me, abria e fechava livros uns sôbre os outros, olhava os ponteiros impassíveis do relógio, parecia-me ouvir na escada, a cada instante, confusos, indistintos, um murmúrio, um rumor de sêda, um ruído de passos. Mais uma mulher possuída, mais uma bôca beijada, mais uma vaidade satisfeita, — que importava isso, que valia isso?

E, entretanto, eu estava evidentemente nervoso, apreensivo, perturbado. Não era apenas a impaciência, a curiosidade da beleza oculta, a ânsia da revelação prometida; era mais alguma coisa, — era a consciência vaga da monstruosidade que ia cometer-se ali, daquela posse sem amor, daquele crime sem paixão, daquela aventura sem dignidade, da obra torpe de atracção, de sedução, de volúpia, exercida em volta duma mulher virtuosa, casada, tranqüila, feliz, só pelo prazer elegante de corromper, pela fúria animal de dominar, pela estúpida vaidade de possuir. Eu que, como todos nós, homens, esgotara o prazer antes de conhecer o amor, — eu desejava-a sem lhe querer, queria-a ardentemente sem a amar, e quando ela veio, emfim, cair-me nos braços, pálida, ofegante, prostrada, convulsa, escondendo a cabeça no meu peito, molhando-me de lágrimas as mãos, — fui feliz, perversamente feliz, ignóbilmente feliz. Era a fera e a prêsa. Era o sapo e a dòninha. Quis enlaçá-la: rompeu em soluços. Ergui-lhe a cabeça para a beijar: olhou-me com os seus grandes olhos azúis de criança, acariciou-me, sorriu dolorosamente para mim, e, quási bôca com bôca, numa incomparável expressão de sentimento e de candura, disse-me baixinho:

— Não fiques desprezando meu marido... Êle é tão digno, tão honesto, tão bom!

Ah, minha querida amiga! Nessa hora, tive repugnância de mim mesmo. As mulheres! Pobres criaturas de fragilidade, de loucura e de graça! Se elas são aquilo que os homens querem que sejam, — e se tôda a sua perfídia, tôda a sua corrupção, tôda a sua miséria não passam da obra reflectida, da obra consciente, da obra abjecta do homem! Afinal, aquela mulher que eu atraíra, que eu sugestionara, que eu endoidecera, que eu trouxera sem saber como até aos meus braços, — amava perdidamente o marido. Lembro-me dêsse instante, como se fôsse hoje. O sol acendia faúlhas nos seus cabelos loiros de veneziana. Um grande ramo de rosas vermelhas sangrava num solitário. O tapête amortecia-nos os passos. Beijei, com piedade e com respeito, os dedos dessa amante que o não chegara a ser, pedi-lhe que voltasse para o lar que abandonara, e encerrei, nesse *rendez-vous blanc,* as nossas relações. Sabe você quem era essa mulher? M.me S. Já vê, minha querida amiga, que ela tem tôda a razão para dizer mal de mim.

Seu velho amigo, — *Pedro.*

UMA FRASE DE DUMAS

Ao fim da ceia, o velho doutor Moncada, que à primeira taça de champanhe fala da sua vida, e à segunda começa a falar da vida dos outros, afundou-se numa poltrona, cruzou a perna, compôs a orquídea vermelha da casaca, acendeu um cigarro e contou-nos:

— Quando estive há dois anos em Madrid, instalei-me num rés-do-chão da *calle* de Toledo, pouco antes de chegar à igreja de Santo Isidoro Real, um palacete moderno de fachada italiana onde tinha vivido, três meses antes, o ministro da Rússia. Durante muitos dias, ignorei quem habitava nos outros andares. Saía cêdo, recolhia tarde. Uma manhã, sôbre a minha cabeça, ouvi tocar admirávelmente, num violino, a tarantela de Wieniawsky. Um natural movimento de curiosidade levou-me a perguntar quem morava por cima de mim, no andar nobre do prédio. Era uma família da

aristocracia espanhola, tudo quanto havia de mais *cursi*, marido e mulher, ela ainda vagamente parente dos Marqueses de Bacares, «*de plata, dos calderos endentados en faja de oro y de gueles*», êle menos conhecido pelas suas qualidades pessoais do que pela excelente égua anglo-árabe, nascida nas coudelarias de Afonso XIII, em Aranjuez, que acabara de ganhar-lhe, no concurso de Madrid, a *copa del Rey*. Nunca os tinha visto. Segundo todas as probabilidades, não os conhecia. Uma noite, cêrca de uma hora da madrugada, precisamente quando eu ia a entrar em casa, parou à porta um automóvel. Deviam ser êles. O marido desceu primeiro. Era um homem pequeno, raquítico, anguloso, bilioso, sem expressão, sem idade, a face rapada e como aberta à faca em terra de Siena, um chapéu baixo atirado para a nuca, um *cache-col* de setim preto enrolado ao pescoço, a elegância doentia de certas criaturas de fim-de-raça, qualquer coisa de intermédio ao *pschutteux* de Sem e ao «*pierrot noir*» de Willette, andando, um pouco dobrado pela cintura, em passinhos curtos de japonês. Depois desceu ela, ajudada pelo marido. Conservo ainda na retina a figura dessa mulher enorme, serena, imperial, magnífica, duma impassibilidade e duma beleza clássica de estátua romana, as

mãos scintilantes de anéis, um mólho de *aigrettes* brancas na cabeça, umas grandes luvas brancas de canhão, uma capa de teatro *bleu roy* envolvendo-a tôda, até aos pés, na majestade litúrgica dum pontifical. Chartran, o supremo pintor das elegâncias modernas, tem alguns retratos assim. Vi-a de perfil, êsse terrível perfil de moeda que é o escolho ou a confirmação de todas as belezas de mulher, — e não me recordo de ter surpreendido alguma vez, nem nos graves perfis loiros de inglêsa que Lawrence imortalizou, linhas mais puras, mais clássicas e mais nobres. Entraram os dois. Entrei também, atrás dêles. De repente, o homem voltou-se para falar ao *chauffeur*. Deixara qualquer coisa no automóvel. Dei de cara com êle. O clarão das lanternas bateu-lhe de chapada na face. Observei-o então melhor. Tinha as feições contraídas, os olhos vítreos, a expressão inquietante. Emquanto o olhava, não sei ainda hoje porquê, acudiu-me ao espírito a frase de Dumas: — «*La destinée d'une femme est dans les traits de son mari.*» Percorreu-me a espinha uma inexplicável impressão de frio. Era uma fisionomia de catástrofe. Imediatamente, o homem voltou com um leque nas mãos. Subiram os dois a escada. As portas fecharam-se. O automóvel seguiu. Entrei em casa. Meia hora depois, quando eu relia, já

deitado, as perturbadoras páginas do *Retrato de Dorian Gray*, um ruído sêco, como duma porta que bate, cortou o silêncio da noite. Acto contínuo, alguma coisa de semelhante à queda dum corpo fêz abanar a casa. Escutei, com a respiração suspensa. Passados instantes, dois novos ruídos, secos, rápidos, — evidentemente duas detonações. Estremeci. Apareceu-me diante dos olhos, como uma explicação, a face verde, crispada, viscosa, dêsse homem que eu acabara de ver pela primeira vez. Levantei-me, vesti-me à pressa. Soavam campaínhas eléctricas. Havia já gritos pelas escadas. Não me enganara. Tinham-se disparado três tiros de revólver, no primeiro andar. Corri, perguntei, entrei. Uma mulher enorme, quási nua, estava caída de-bruços sôbre o tapête. Ergui-a, olhei-a: era ela. Palpei-lhe o coração: cessara de viver. Os criados, a guarda civil, correram a casa à procura do assassino. Foram encontrá-lo junto da grande mesa holandesa do escritório, imóvel, abraçado ao busto de mármore duma criança. Um fio de sangue escorria sôbre o mármore branco. Estava morto. Era iniludívelmente verdade que o destino das mulheres está escrito na cara dos maridos.

FLIRT

Querida Gaby: — Dê-me as suas mãos e conversemos. É preciso encarar a vida com essa inteligência do sentimento que, mesmo quando não leva à felicidade, conduz quási sempre à resignação. Sinto o meu espírito perturbado. Adivinho as suas mãos brancas a tremerem nas minhas. Tenhamos calma. Tenhamos, acima de tudo, a difícil coragem da sinceridade. O amor, como a vida inteira, está cheio de lugares-comuns. São as frases feitas que obscurecem, quási sempre, o sentido da vida. Vejamos, na sua desconcertadora limpidez, o nosso caso moral. Não tenhamos a preocupação de parecer, um perante o outro, nem mais belos, nem mais puros, nem mais nobres. Quando nos conhecermos bem, havemos de admirar-nos, talvez, de ser tão semelhantes. É tempo ainda, minha amiga. Nada nos prende, — senão os nossos olhos que se procuram, as nossas mãos que se entrelaçam, as nossas almas que se interrogam. O sentimento que nos liga não tem

passado. O afecto que nos une não tem história. Nunca beijei, sequer, a ponta dos seus dedos. Desconheço-a. Ignoro-a. Revelemo-nos um ao outro. Se essa revelação tiver de nos afastar, minha senhora, sigamos o nosso destino sem amargura, sem rancor, no calmo sorriso de despedida de duas criaturas que se teriam amado se não se houvessem conhecido, — e que seriam infinitamente desgraçadas se tivessem chegado a amar-se.

Oiça-me. O meu coração sente-se tranqüilo e forte para encarar a verdade da nossa situação. Inunda-me a paz, nesta hora em que lhe escrevo. Entra-me pela janela, num hálito de perfume, uma lufada quente de primavera. Tudo se doira e scintila, à volta de mim, em labaredas de sol. As suas rosas vermelhas, sôbre a minha banca de trabalho, sangram como uma bôca fresca e aberta. Tenho a ilusão de que a vejo, de que a sinto ao meu lado, loira, grave, inglêsa no seu *trotteur* ligeiro de pano alvadio, — debruçando-se sôbre o meu pensamento e sôbre a minha alma. Há dias — lembra-se? — no nosso passeio de automóvel, um horrível sentimento de comodidade fez-nos advogar, um perante o outro, a conveniência de manter as nossas relações nos limites duma sensata e fiel *amitié amoureuse*. Nenhum de nós foi sincero, minha amiga. O que falou em

nós ambos, não foi a flor dum afecto que desperta; foi a consideração egoísta de duas criaturas extenuadas, que vivem a vertiginosa existência moderna, e que procuram a cada passo, instintivamente, descomplicar a vida. Era a solução fácil, cómoda, pronta; reduzia ao mínimo as conseqüências e as responsabilidades; aproximava-nos, justificando-nos; definia uma situação que convinha simultâneamente ao nosso capricho e à nossa consciência: — adoptámo-la. E, entretanto, nós bem sabíamos que estávamos mentindo um ao outro para nos iludir a nós próprios. Sabe-o você e sei-o eu: a *amitié amoureuse* não existe. Entre um homem môço e uma mulher bonita, a amizade pura, a amizade insexuada, a amizade intelectual é impossível. O homem e a mulher são fundamentalmente, irredutívelmente inimigos. Só se aproximam para se amar, — ou para se devorar. Não é possível entre êles o sentimento doce e calmo, serêno e terno da amizade. Tudo o que não seja fazerem inexorávelmente a felicidade ou a desgraça um do outro, — não o sentem, não o entendem. É horrível, não é verdade? Mas é assim, minha amiga. Aproximou-nos, a ambos, um grande sonho irrealizado e uma grande curiosidade insatisfeita. Essa curiosidade e êsse sonho chamam-se — amor. O nosso caso atinge o momento

da crise. Neste instante, ainda tudo é possível: amarmo-nos numa paixão, — ou separarmo-nos num sorriso. Amanhã será já, fatalmente, a paixão que freme ou o sorriso que afasta, — mas não poderá ser nunca, entre nós dois, a amizade que abdica e que renuncia. Para o homem, há só uma expressão plena do amor: a posse. Há só, para a mulher, uma expressão plena da felicidade: a volúpia de ser possuída. Quem não deseja veementemente, — não ama. A *amitié amoureuse* inventou-se para os homens gastos e para as mulheres feias. Você é bela de mais para ser amada assim; e, neste assômo de primavera em que as aves cantam, o sol esplende e as rosas abrem, com que orgulho eu sinto, enevoando-me a testa, a esplêndida mocidade dos meus cabelos brancos! Não, minha amiga. Eu minti-lhe. Mentimos um ao outro. Nós só poderemos, ou amar-nos com loucura, — ou afastar-nos com dignidade. Não há meios amores, nem meias posses. Não há ternuras intelectuais, nem amizades apaixonadas. Há a vida, que é bela, — há a sua bôca, que é vermelha e gloriosa. Adeus. Deixo nas suas mãos fiéis a minha confissão e a minha alma. Chame-me, ou repila-me. Para que havia você de julgar-me um santo, se eu sou apenas um homem?

Seu, — *Rúi*.

NOIVA

Senhora Marquesa: — Escrevo-lhe a chorar, no meu pequenino quarto amarelo de casada, com a sua linda carta aberta diante de mim. Não, minha senhora Tia, não aceito nem os seus parabens, nem os seus beijos, nem as suas flores. Não os aceito porque sou muito desgraçada, porque nunca supús que podesse ser isto uma lua-de-mel, porque nunca acreditei que os homens fôssem uns monstros assim. O Jorge parecia tão educado, tão fino! Pois não é. Afirmo-lhe, com as lágrimas nos olhos, que não é. E a tia Marquesa, que teve a infelicidade de ter três maridos e a felicidade (Deus me perdôe!) de os ver morrer a todos três, vai dar razão, muita razão à sua pobre amiga. Eu casei por amor, — como todas nós, que não fazemos do amor a mais pequena idea. Imaginei — pobre de mim! — que amar era viver numa primavera eterna, num eterno sorriso, num

êxtase que só acabava com a morte. Desde muito criança, tive do amor a idea pura, a idea terna, a idea luminosa de duas pombas voando, num grande dia de sol, sôbre um grande rosal em flor. Julguei que tudo era meiguice, que tudo era ternura, que tudo era comoção, que tudo era delicadeza, — que uma nuvem de oiro nos embalava, que vivíamos sorrindo, que falávamos beijando-nos, e que devia ser triste, muito triste, morrer depois de ter conhecido na vida o supremo bem de amar muito e de ser infinitamente amada. Pois bem, senhora Marquesa: sou bonita, tenho dezoito anos, casei há quinze dias, — e que desilusão! Não é um noivo apaixonado que eu tenho ao pé de mim; é um senhor engenheiro, sêco, metódico, elegante, comodista, formalista, com uns olhos azúis frios, um egoísmo feroz, um lindo bigode loiro muitíssimo mal empregado nêle, — um sujeito grave que passa os dias metido no escritório a fazer cálculos matemáticos, e a noite enterrado num cadeirão *Maple,* a cabecear com sono. Não é um homem, minha Tia: é um relógio. Não é um marido: é um barrete de dormir. Tem a mania da pontualidade, da higiene, do espírito prático, dos hábitos inglêses. Quer que eu faça gimnástica todas as manhãs e que me deite com as galinhas todas as noites. Mas tudo isto eu lhe suportava, os cálculos e a gimnástica, o sono

e os jornais de Londres, — se êle se importasse comigo para alguma coisa. Mas não, senhora Marquesa. A verdade, a triste verdade que lhe digo só a si e à sua alma, — é que meu marido repele-me, meu marido impacienta-se com a minha ternura, meu marido aborrece-se com as minhas carícias. Vejo-a a rir-se de mim, a aconselhar-me com a sua linda voz e os seus cabelos brancos, a dizer-me que sou uma tonta, uma exagerada, uma criança. Não sou. Venho contar-lhe tudo. São pequenas coisas, — sim, talvez sejam pequenas coisas: mas como estas pequenas coisas decidem da felicidade duma mulher! Não lhe dou um beijo, que êle não tenha um gesto de enfado. Eu bem sei que o beijo quási de cinco em cinco minutos, que o não deixo quieto um instante, — mas parece-me, senhora Marquesa, que não é para estar quieto que um homem casa com uma rapariga de dezoito anos. Quando êle se fecha a trabalhar no escritório — é sabido — começo a enervar-me, a aborrecer-me, a pensar que não casei para estar só, e daí a meia hora vou bater-lhe à porta. — «Que é que tu queres?» — «Quero dar-te um beijo.» Sua Excelência deixa-se beijar, *Monsieur se laisse aimer*, impaciente, mal humorado, furioso porque o interromperam, — e acaba por me pôr fora, com a mais inglêsa das semcerimónias, como se eu não fôsse a sua mulher, a sua companheira, a

sua noiva, a sua amiga. — «Vai-te embora daqui, deixa-me trabalhar!» Eu faço-lhe a vontade. Vou. Mas não me conformo. Chego ao meu quarto, vejo-me no espêlho, acho-me bonita de mais para sofrer esta solidão, êste abandôno, êste desamor, — e daí a cinco minutos estou outra vez a bater-lhe à porta, a interrompê-lo, a persegui-lo, a chamá-lo. Porque não hei de eu ficar ali, ao pé dêle, a vê-lo trabalhar, muito calada, muito quieta, a bordar a minha renda inglêsa — a única coisa inglêsa que eu não detesto — emquanto Sua Serenidade, Sua Impassibilidade desenha traçados de estradas que ainda estão por fazer e que eu hei de ver de dentro de um automóvel que ainda está por comprar? O Jorge consente. Fico. Prometo estar sossegada. Passa-se um minuto, dois minutos, três minutos, vejo-o curvado à banca, sigo-lhe os movimentos da mão forte, rosada, sôbre o papel *marion,* espreito-lhe a sorrir a penugem loira do pescoço, levanto-me, vou pé ante pé, aproximo-me, um grande beijo, e — pronto! — um borrão no desenho. Um borrão, que importava? Outro que não fôsse êle, sentia-se felicíssimo por ser beijado com tanta paixão, com tanto enlêvo, com tanto amor. Êle, não. Zanga-se, ralha, põe o chapéu na cabeça, grita que não pode trabalhar, que vai para um hotel, que não tem um instante de sossêgo ao pé de mim.

Daí por diante, — se lhe falo, queixa-se de que o interrompo; se o beijo, diz que o sufoco; se lhe enlaço o pescoço nos meus braços, grita que o sujo de pó-de-arroz; se rio, faço barulho; se choro, sou impertinente; se brinco, sou uma criança; e eu vingo-me, senhora Marquesa, e beijo-o cada vez mais, e choro, e rio, e aperto-o nos meus braços, e não lhe consinto um momento de descanso, de tranqüilidade, de paz, porque o amo a-pesar de tudo, porque o quero, porque o adoro, porque êle é meu, porque tenho uma vontade imensa de lhe fazer mal, — e porque sou infeliz, cada vez mais infeliz. Sabe o que êle me disse hoje, minha Tia? Que não havia maior suplício para um homem, do que ser amado por uma mulher tão bonita e tão importuna como eu. Diga-me. A senhora Marquesa conhece a vida. Amarei eu de mais? Êle terá razão?

Sua pobre sobrinha, — *Bébé*.

A OUTRA

Éramos três à mesa do café. Quando o Visconde de Malafaia, com a sua face de pergaminho e a sua elegância à Robert de Montesquiou, afirmava que nunca conhecera mulher alguma capaz de sacrificar a vaidade do seu sexo a um sentimento grande e generoso, — o sólido, o maciço dr. Gama, que sorvia em silêncio o seu *brandy flip*, embrulhado num sonolento, num formidável casacão escocês, levantou a cabeça, fixou-nos, ora a um, ora a outro, com os seus olhos de faiança, e disse, numa profunda expressão de sinceridade:

— Conheço eu.

— Uma mulher?

— Uma mulher.

— Quem é ela?

— A minha.

Olhámo-nos os três. O velho Visconde, nobre, encarquilhado, elegante, pesado de anéis,

encolheu imperceptívelmente os ombros. Eu tive um vago gesto amável de aquiescência e enchi, pela terceira vez, a minha chícara de chá. Deram onze horas. Lá fora, na noite húmida e nevoenta, passaram clarões de automóvel. A um canto do café, um inglês de cabelos amarelos, com a orquídea de Joe Chamberlain sangrando na lapela do casaco, meditava sôbre um artigo do *Times*. Lentamente, o dr. Gama sorveu o *cognac* e a gema de ovo do seu americaníssimo *flip*, calçou um dêsses amarrotados pares de luvas cinzentas que aparecem às vezes nos retratos de Columbano, derrubou sôbre os olhos a aba do chapéu mole, e disse, no seu habitual sorriso de bonomia:

— Vou ver um doente às Chagas. Mas, antes de me despedir de vocês, quero contar-lhes uma história. Vocês teem razão. Conhecem apenas, como disse M.me Du Deffand, «*le vulgaire des femmes, — c'est à dire, presque toutes.*» Mas faltam as outras. Faltam precisamente aquelas que vocês ignoram, — aquelas que poucas vezes se encontram e que quási nunca se merecem. Eu conheci uma, — e pesa-me não a ter sabido merecer. Lembram-se vocês de quando, há seis anos, tive uma loucura por uma actriz conhecida? Pois bem. Dessa loucura nasceu uma criança, — pouco mais ou menos quando minha mulher tinha o seu último filho.

Julguei que essa criança viria tornar mais íntima, mais indissolúvel a ligação de acaso que eu contraíra, — e cheguei a receá-lo por minha mulher, por meus filhos, por mim próprio. Não sucedeu assim. Três meses depois, as minhas relações com essa criatura, prodígio de má educação e de insensibilidade moral, tinham-se tornado dolorosas e difíceis; cinco meses depois, eram insustentáveis. Uma noite, procurei-a, inesperadamente, às três horas da manhã. Recusou-se a abrir-me a porta. A minha idade e a minha situação aconselhavam-me a evitar tôda a espécie de escândalo público. Compreendi, — e retirei-me. Quando já vinha ao fundo da escada, senti passos. Alguém descia; pareceu-me ouvir a voz da criada, chamando; — esperei. Daí a pouco, uma trouxa morna, rosada, cheirosa a leite, salpicada de rendas, embrulhada num chaile velho, caíu-me chilreando nos braços. Era uma criança. Era o meu filho. Passou-me uma névoa de sangue pelos olhos. Quis subir, bater, gritar, brutalizar, — mas tive vergonha do meu ridículo e de mim mesmo. Encontrei-me na rua. Chovia. O ar cortava. Que fazer? Levar para um hotel uma criança de cinco meses? A quem a entregaria eu? Quem alimentaria essa bôca, inocente da volúpia criminosa dos pais? De repente, — lembrei-me de minha mulher. Abriu-se diante da minha alma um sorriso de

fé, de serenidade e de ternura. Passava um trem. Chamei-o. Vinte minutos depois, pé ante pé, como um ladrão, entrei no quarto onde minha mulher dormia com o filhinho; acordei-a; pedi-lhe perdão, chorando; confessei-lhe tudo, coração contra coração; e emquanto eu soluçava como uma criança, — ela, a sorrir, desfeita em lágrimas, tomou dos meus braços o inocente que a outra engeitara, beijou-o, aconchegou-lhe a boquita sequiosa ao peito farto de leite, e disse-me, apertando muito a minha mão na sua:

— Não faz mal. Foi outro filho que nos nasceu...

Houve um instante de silêncio. Quando o dr. Gama, levantando a gola enorme do casacão escocês, saíu para ir ver o seu doente às Chagas, — o velho Visconde de Malafaia, a sós comigo, franziu a face glabra e fina, amachucou as luvas sôbre a bengala *pomme d'or,* e, empertigando a sua elegância septuagenária, concluíu, desdenhosamente:

— Meu amigo, quando uma mulher perdôa — é porque não ama.

MÃE

Meu amigo: — Escrevo-lhe na maior das angústias. As mãos ardem-me de febre. Preciso de si, da sua amizade, do seu conselho. Escute-me, ampare-me, valha-me. As minhas suspeitas confirmam-se. Tudo quanto eu lhe disse há dias, na nossa partida de *pocker*, — é verdade. Soube-o ante-ontem, — e com que dor, com que revolta, com que desespêro, meu Deus! Não. Eu nunca me enganei. Já o esperava. Creio que lho disse algumas vezes a si. Tive o pressentimento do que havia de suceder, no próprio dia em que meu filho se casou. Meu pobre filho! Tão môço, tão gentil, tão cheio de bondade, de generosidade, de nobreza! Semelhante criatura era lá mulher para êle! Podia lá amá-lo, respeitá-lo, compreendê-lo! Ah, meu amigo! As mulheres podem não conhecer os homens; mas conhecem-se bem umas às outras. Não imagine que é a sogra que fala, com os pequeninos des-

peitos, com os inevitáveis ciúmes de todas as mães. Não. Eu antipatisei com essa criatura desde o primeiro dia em que a vi, em Londres, há dois anos. Ainda nem sequer sonhava que ela havia de vir a ser mulher de meu filho, já ela me parecia execrável, com os seus dentinhos ralos de mentirosa, a sua *mèche à la Goya,* os seus vestidos de *tennis* pelo joelho, todo o seu ar *parvenu* de brasileirinha cosmopolita, criada em Paris e nascida na *cabine* dum transatlântico. Nem educação, nem nascimento, nem família, nem delicadeza de instinto, nem sequer essa vulgar aristocracia de pele — que, nas mulheres que se prezam, se chama dignidade. Meu filho devia ter feito dela sua amante; fê-la sua mulher legítima. Foi um desvario dos vinte anos. Como podia eu opor-me, — se êle me cobriu de beijos e de lágrimas quando lhe pedi pela primeira vez que não se casasse! Você bem sabe como eu eduquei aquele filho, sem pai aos quatro anos, com o mesmo tipo loiro de doente, com os mesmos caprichos, com a mesma sensibilidade feminina da mãe, — como eu formei, como eu criei, amorosamente, beijo a beijo, carícia a carícia, tudo quanto há na sua alma de nobre, de terno, de delicado, de digno. Lembra-se do *Cruel Enigma,* de Bourget? Quantas vezes tenho pensado, desde ontem, nessas páginas terríveis! Meu pobre,

meu querido filho! Porque havia ela de o enganar assim? Onde encontrou ela mais beleza, mais inteligência, mais fidalguia, mais mocidade? Oh, se você soubesse tudo! Se eu lhe contasse tudo! E com quem! Com quem! Minha pobre cabeça, meus pobres nervos, minhas pobres mãos que escaldam! Como eu tenho, como eu posso ter ainda serenidade para pensar, para reflectir, para decidir, — com o espírito doente, com a alma quebrada, com a vida do meu filho desfeita, com um susto que me oprime, que me mata, que me faz estremecer a cada ruído, a cada passo, a cada porta que se fecha, a cada campainha que toca! É preciso, meu amigo. É preciso que você venha aqui, que me fale, que me aconselhe. Venha tomar chá comigo, esta tarde. É agora que os meus cabelos vão embranquecer, verá. Como o sofrimento envelhece! Quero apertar as suas mãos, ouvir a sua voz. Venha. Meu filho nada sabe. Ignoro tudo. É feliz, horrivelmente feliz ainda. Continúa a adorá-la, a beijá-la, a viver numa ignorância que é uma afronta. Que devo eu fazer? Que deve fazer uma pobre mãe, como eu, que não pede, que nunca pediu a Deus senão que lhe faça feliz o seu filho? Deixá-lo na ilusão, na mentira, — sujeito aos acasos duma denúncia, duma surprêsa, duma violência? Acordá-lo para a verdade, para o sofrimento, para a dôr, — eu,

que daria a minha vida tôda, todo o meu sangue, tôda a minha alma por um sorriso só do meu filho? Qual é o meu dever de mãe? Aconselhar minha nora? Já o tentei. Respondeu-me com orgulho e com insolência. Dizer-lhe tudo a êle? É capaz de matar-se, ou de a matar. Deixá-lo viver na ignorância, na vergonha, no ridículo, — ao meu filho, que eu ensinei a ser tão digno, tão honesto, tão nobre? Mas isso é a última das infâmias, é tornar-me cúmplice dessa mulher, é transigir, é aviltar-me. E debato-me nesta angústia, neste inferno, — sem saber o que pense, sem saber o que diga, sem saber o que faça. Venha. Preciso duma mão amiga ao pé de mim. Preciso do seu bom senso, do seu afecto, do seu conselho. Venha às quatro. Sabe? Chegou ontem de Paris o meu vestido novo, *tête-de-nègre,* grandes botões de prata, Redfern. Talvez o não chegue a pôr. Sei lá o que será o meu dia de àmanhã!

Sua amiga, — *Maria do Carmo.*

A HORA DO DIABO

A partida de *brigde* tinha-se prolongado até às três da madrugada. Uma noite azul de inverno, duma serenidade magnífica, dum frio cortante. Desci as avenidas novas, a caminho de casa. Já ia longe do arvoredo triste de Palhavã, quando, de dentro de um automóvel parado, de lanternas apagadas, uma voz conhecida chamou pelo meu nome. Era o meu amigo Z.

— Que fazes tu aqui, a esta hora?

Por um momento, a *limousine* iluminou-se. O meu amigo, com a sua elegância de *vieux beau,* o seu peito largo de atleta, a sua face vermelha e lustrosa como barro vidrado, as suas luvas de camurça brincando sôbre a volta de oiro da bengala, abriu-me, num sorriso, a portinhola do *Panhard:*

— Sobe um pouco. Conversamos.

Subi. A atmosfera morna do automóvel, onde errava um cheiro vago a flores e a coiro

da Rússia, acariciou-me a pele crispada do frio. Na obscuridade, emquanto falávamos de coisas fúteis, de política, de livros, de mulheres, o meu amigo, visívelmente inquieto, debruçava-se, de instante a instante, a ver fôsse o que fôsse. Observei-o. De vez em quando, tirava o relógio. A princípio, não lhe percebi a direcção do olhar. Daí a pouco, ao acender um cigarro, notei que as suas atenções se fixavam em certa casa, com o tipo caraterizadamente inglês do *cottage,* que dormia, do outro lado da avenida, ao fundo dum pequeno jardim gradeado. Todas as janelas estavam fechadas. Não se adivinhava o menor sinal de luz e de vida. Não distingui pessoa ou coisa que podessem justificar a atenção do meu amigo Z. Entretanto, manifestamente, a sua impaciência crescia. Falava com uma verbosidade quási incoerente, e a sua mão forte, sanguínea, espêssa, pesada de anéis, tão inexpressiva que poderia pertencer, indiferentemente, a um criador de gado ou a um Douglas da Escócia «*au cœur sanglant*», eriçava, em movimentos nervosos, os pêlos ainda loiros do bigode.

— Esperas alguém? — perguntei.

— Espero.

— *Cherchez la femme?*

— *Cherchez la femme.* Uma bela mulher.

— É sempre bela a mulher que se espera...

Tornei a enrolar ao pescoço o *cache-col,* e despedi-me. O meu amigo deteve-me, num gesto distraído:

— Fica um instante. Vês aquela casa?

— Vejo.

— O primeiro andar?

— O primeiro andar.

— Conta, do teu lado esquerdo, a terceira janela.

— Contei.

— Tudo parece dormir, não é verdade? E, entretanto, por detrás daquela janela fechada, está a estas horas uma mulher em cuja alma se passa um grande drama. Talvez a conheças. Tem vinte e cinco anos, os cabelos pretos, os olhos maravilhosamente verdes, e casou há tempo com um judeu português. É uma dessas mulheres de aparência serêna, calma, impassível, em cujas pálpebras descidas há mil vezes mais expressão do que no próprio olhar. Temos tão entranhado o hábito de chamar defeitos, nas mulheres, às qualidades que não possuímos, que eu ia quási atribuir a essa encantadora criatura o defeito de ser fiel ao marido. Há três anos que lhe faço a côrte; há três anos que o seu pudor, a sua virtude, a sua fidelidade resistem a tôda a minha obra de sedução, de perturbação e de mentira. Ontem, à tarde, o marido partiu no *Sud*, para Paris.

Hoje, no chá da Legação de ***, emquanto, por uma singular coincidência, se tocava a *Sonata de Kreutzer*, pus terminantemente a questão: ou esta noite, ou nunca mais. Ela baixou os olhos, e, com a mesma tranqüilidade com que deitava o açúcar na sua chícara do Japão, disse-me: — «Se hoje, às três da madrugada, vir uma luz na janela do meu quarto de vestir, é o sinal de que a porta está aberta e de que espero por si; se a não vir, peço-lhe que não me persiga mais.» São três horas e dez minutos, e a luz ainda não apareceu.

Uma aragem leve principiava a encrespar as árvores. O *chauffeur* dormia. A nesga de céu que nós víamos de dentro do automóvel dava-me a impressão dum grande esmalte azul. O meu amigo calçou plácidamente as suas luvas inglêsas de camurça, olhou ainda uma vez a casa que continuava mergulhada em sombras, e perguntou:

— Qual é a tua impressão?

— A luz ainda não apareceu. Mas aparece.

— Julgas isso?

— Tenho a certeza.

— Porquê?

— Porque conheço as mulheres. A luz que treme a estas horas nas mãos dessa pobre criatura, tem, para ela, tôda a irresistível atracção, todo o inexprimível mistério dos abis-

mos. É a tentação, é a vertigem, é o pecado. Fôsses tu, ou fôsse qualquer outro homem que a esperasse, — aquela janela, fatalmente, iluminar-se ia. Por detrás daqueles vidros, há apenas uma consciência que se debate — e que leva tempo a vencer. Todas as mulheres teem na vida uma hora perigosa. Essa hora decide da sua existência inteira. É a «hora do Diabo». É o instante de fragilidade em que sucumbem para sempre, ou em que para sempre se salvam. O seu triunfo ou a sua perda dependem menos delas do que do homem que nesse instante lhes perturba a inteligência ou os sentidos. Se é um homem digno, estão salvas. Se é um miserável, estão perdidas. As mulheres são apenas aquilo que nós queremos que elas sejam. Não há, fundamentalmente, mulheres desonestas; há homens desonestos. A deliciosa criatura que te trouxe até aqui, atravessa, neste momento, a sua «hora do Diabo». Está nas tuas mãos. Depende exclusivamente da tua generosidade. És tu o árbitro do seu destino. Ignoro se o que te impele para ela é um sentimento nobre ou uma curiosidade sensual. «*Les amours partagés, — cette gamelle*»! Se a amas, dignifica-a. Se apenas a desejas, salva-a. Ficar-te há a certeza absoluta de que essa mulher, salva nesta hora por ti, nunca mais se perderá.

— É o que tu pensas?

— É o que eu penso.

Calámo-nos. De repente um foco intenso de luz bateu-nos nos olhos. Voltámo-nos ambos. A janela estava iluminada. Como uma névoa, adivinhava-se, lá dentro, um vulto branco de mulher. O meu amigo teve um instante de perplexidade, depois um movimento súbito de resolução, a face contraíu-se-lhe imperceptivelmente, apertou-me as mãos num gesto agradecido, e gritou ao *chauffeur:*

— Para casa.

O automóvel partiu, numa nuvem de poeira. Quando demos a volta, lá baixo, na avenida distante, a pequenina luz brilhava ainda.

O ADEUS

Meu Carlos: — O nosso casamento já não pode realizar-se. É preciso que nós falemos um ao outro, neste instante decisivo para os nossos destinos, com a nobre franqueza, com a serêna dignidade de duas criaturas que sofrem. Sim, Carlos. Está desmanchado o nosso casamento. Há razões de ordem moral que me impedem de ser tua mulher. Só hoje as soube. Ouvi-as a chorar e a sorrir, com a alma cheia, ao mesmo tempo, de piedade, de dor e de ternura. Não venho fazer-te recriminações. A vida é o que é. Os homens são o que são. Tu não és melhor nem pior do que todos: és homem. Devíamos casar depois de àmanhã. Tenho aqui, sôbre o sofá do meu quarto, o vestido branco de noiva que já não chegarei a vestir. Quanta coragem, quanta fôrça de alma é precisa, meu Carlos, para renunciar, num momento, a um bem que se sonhou tôda a vida! Quantas lágrimas custa

uma boa acção, meu pobre, meu querido amigo! Eu, que desde criança, ainda com as saias pelo joelho, me acostumei a gostar de ti, a considerar-te o meu irmão, o meu noivo, o meu marido, o meu orgulho, a minha alma, — com que lágrimas amargas hei de resignar-me agora a perder-te! Mas é preciso. É irremediável. Eu já não podia ser feliz comtigo. Ninguém pode ser feliz construindo a sua felicidade sôbre a desventura alheia. Ouve. É necessário que me oiças com calma, com serenidade, que me ajudes a ser forte, a ser justa, a ser boa. Esteve hoje em minha casa, falando comigo, uma pobre rapariga que tu conheces, e que seria mais bonita do que eu se não tivesse sofrido tanto. Trazia duas criancinhas, uma de colo, outra de ano e meio, muito loira, de olhos muito azúis. Quando vi essas duas crianças, Carlos, senti, ao mesmo tempo, o irresistível desejo de as repelir e de as beijar. Se elas eram o teu retrato vivo! Durante uma hora, escutei em silêncio, com a alma retalhada, as súplicas dessa pobre criatura. É preciso que uma mulher seja muito desgraçada, para pedir o que ela me pediu, para se humilhar como ela se humilhou. Durante uma hora, tive encostada ao meu seio a cabeça do teu filhinho; sorri e chorei; acariciei e repeli; comovi-me e revoltei-me; mordi e beijei; fui boa e fui cruel; fui caridosa e fui implacável;

— e não sei ainda, meu Deus, ao fim dêsses sessenta minutos de agonia, qual de nós duas teria sofrido mais. Não, meu Carlos. Reflitamos. Encaremos com dignidade tudo quanto há de doloroso e de difícil na nossa situação. Se uma de nós duas tem o direito de ser tua mulher, — não sou eu; é ela. É ela que deve casar contigo. Ela, que te deu dois filhos, que te sacrificou a sua mocidade, que te consagrou a vida inteira, — é que tem o supremo direito de ser feliz ao pé de ti. Eu fui a intrusa. Devo desaparecer da tua existência. Só ela ficará. Não tenhas pena de mim. Ela é mais bonita do que eu; talvez seja ainda mais tua amiga do que eu sou. Deixo-te resignada, serêna, quási satisfeita. Tenho a consciência de que pratiquei hoje a mais nobre acção da minha vida. Compreendo agora que pode haver a volúpia do sacrifício. Adeus, meu amigo, meu amor, meu irmão. Quando te casares, mandarei a tua mulher as minhas jóias de noiva. Se outro filhinho nascer depois do teu casamento, quero ser eu a madrinha dêle. Será também um pouco meu filho. Adeus. Esquece a tua pobre amiga, — *Emília*.

MARIDOS

Minha querida Mary: — Escrevo-te de Nice, onde estou há oito dias. Acabo de receber, devolvida de Lausanne, a tua última carta. Então que foi isso, minha pobre Mary? Casada apenas há vinte meses, — e já tão pouco feliz! Tenho pena de não poder estar junto de ti neste momento, para enxugar os teus olhos que choram, para beijar as tuas mãos que tremem, para te pedir que tenhas calma, que tenhas serenidade, que tenhas sangue-frio. É preciso, minha filha, que todas nós nos habituemos a encarar os homens como êles são, e não como nós desejaríamos que êles fôssem. Dizes-me que o teu marido te engana. É possível. Ia quási a dizer — é natural. Há quinze anos, quando me casei, tive a ilusão de supor que ainda havia um marido fiel: o meu. Três meses depois, essa mesma ilusão tinha-se dissipado como fumo. Todos os maridos enganam, minha querida Mary, — e o marido ideal é

precisamente aquele que nos sabe enganar melhor. O teu, por emquanto, é inexperiente; mas deixa-o ser menos *gauche,* deixa-o habituar-se, — e verás que daqui a algum tempo há de enganar-te tão bem, que tu nem darás por isso. Que havemos de fazer? O homem é um animal essencialmente infiel. Ainda *Miss* Davidson me dizia ontem: — «É a única coisa que o distingue do cão.» Tenhamos paciência, filha. Eu, então, penso que se os nossos maridos não tivessem, de vez em quando, a generosidade de nos enganar, a nossa vida de casadas seria muito menos suportável do que é. Falas-me em voltar para casa de teus pais, e pedes-me que te aconselhe. Minha querida Mary, — eu acho que fazes mal. Li, umas poucas de vezes, tudo o que diz e tudo o que não diz a tua carta. Tu própria confessas que teu marido não deixou ainda um só instante, a-pesar do seu suposto desvario, de ser para ti o mesmo homem correcto, educado, gentil, que tu conheceste no primeiro dia do teu casamento. O seu respeito por ti mantem-se, inalterável. Não é, portanto, a tua dignidade de espôsa que sofre; é, quando muito, o teu orgulho de mulher; ou, menos ainda do que isso, — a tua vaidade de amorosa. Parece-te frio, distraído, desinteressado; o teu instinto diz-te que êle te foge, que é já menos «teu»; a tua sensibilidade pressente que a som-

bra doutra mulher passa na sua vida. Estás a caminho de o perder? Pois bem. O teu dever, Mary, é reconquistá-lo. Como? Com o teu melhor sorriso, com a tua melhor graça, com os teus melhores encantos. Tu não precisas, minha filha, de que eu te ensine a ser mulher. Vou em quinze anos de casada; a minha criada de quarto encontrou-me hoje mais três cabelos brancos: tenho obrigação de conhecer os homens melhor do que tu. Sabes o conselho que te dou? Que sejas, daqui por diante, mais bela do que nunca, mais perturbadora do que nunca, mais mulher do que nunca — com teu marido. Sabes porque muitas de nós se perdem? Porque julgam, na ingénua sinceridade da sua dor — pobres delas! — que é com a fuga, com a ameaça, com o escândalo, com todo o horror das recriminações e das lágrimas, que se reconquista o amor dum homem. Os nossos maridos voltam sempre, Mary; e quando não voltam, é porque nós os repelimos. Estou vendo daqui o senhor teu marido, com os seus olhos *bleu d'enfer,* com a sua elegância talhada em bronze, com o seu sorriso frio como uma bola de cristal, — a aborrecer-se das scenas de ciúmes que tu lhe tens feito, e a achar que a tua amiga (estas coisas acontecem sempre com as nossas melhores amigas) é muito mais interessante quando se ri do que tu quando choras. Não. Nós

não devemos fazer-nos feias quando mais precisamos de ser bonitas. Eu bem sei, Mary, que é necessária uma grande dose de bom senso e de sangue-frio para sorrir a um homem a quem nós desejaríamos de todo o coração poder bater; mas, quando os nossos maridos nos enganam, minha filha, «*c'est l'heure des grandes âmes*», — e não me parece extremamente difícil, mesmo a quem ama como tu ou a quem é orgulhosa como eu, fazer à própria felicidade o sacrifício de educar os nervos. O teu marido engana-te? Sê calma — e sê bela. Êle voltará. Depois duma infidelidade, os maridos voltam sempre mais ternos, mais gentis, mais apaixonados do que nunca. Porque não veem vocês passar em Nice a sua segunda lua de mel? Nós continuamos aqui, no *Splendid,* até fim de Setembro. Era uma bela idea, não é verdade? Eu bem sei, minha querida filha, que os nossos maridos são detestáveis, — mas que havemos de fazer, se não temos outros?

Tua, — *Guida.*

ÁS MÃOS

Maria Júlia acordou em sobressalto. O coração batia-lhe com fôrça. Tinha a testa inundada de suor frio. A bôca sabia-lhe a sangue. Fêz um esfôrço intelectual para reconhecer onde estava. Na escuridão, sentou-se na cama, escutou, tacteou. Ás suas mãos encontraram uma massa morna, gelatinosa, arquejante. Era um homem. Era o seu companheiro de acaso, naquela noite. Na tôrre de S. Paulo bateram as três da madrugada. Um cheiro acre a palha e a bafio sufocou-a. Dormira, mais uma vez, na hospedaria da rua do Carvalho, tão conhecida já dos seus dois anos de miséria. O calor viscoso daquele corpo fê-la estremecer; sentiu crispar-se-lhe a pele num movimento instintivo de repugnância. Quem seria aquele homem? Mal tivera tempo de o ver. Deixara-lhe a vaga impressão dum casacão amarelo, duma voz rouca, duma barba hirsuta e grisalha, duns braços pos-

santes que a tinham sacudido, apertado, calcado. Ficou uns minutos, na treva, a ouvi-lo respirar. Era o ronco brutal e pacífico dum animal que dorme. Imóvel, a respiração quási suspensa, Maria Júlia esperou, com a resignação das abandonadas, que clareasse a manhã. Os lençóis de estôpa ardiam-lhe na pele. Zumbiam-lhe os ouvidos. Quis adormecer; não pôde. Passavam-lhe pela cabeça, num tropel, os horrores da sua vida inteira. Reviveu tôda a sua infância aos pontapés; o abandôno, o asilo, o hospital, a fome; a mãe morta, com as veias abertas, numa pôça de sangue, o pai embarcado para o Brasil quando ela tinha sete anos; os vizinhos a gritarem-lhe, no pátio: — «Manuel da Cruz, tenha dó da criança, que é sua filha!»; — e na escuridão, na imobilidade, no silêncio, adivinhando cada vez mais vivo, mais mordente, o calor daquele corpo desconhecido, Maria Júlia sentia as lágrimas a escaldarem-lhe a cara, o peito a arquejar-lhe com fôrça, e tôda a cama tremia já do arranco dos seus soluços. A obscuridade oprimia-a; a cabeça andava-lhe à roda; vacilou, numa vertigem; acendeu a luz. O homem dormia serenamente, de costas, a barba empastada de suor, o arcaboiço largo arfando numa camisola velha de mescla azul, a mão direita espalmada sôbre o peito. Maria Júlia levantou a vela, debruçou-se, observou-o, — es-

tremeceu. Os olhos fixaram-se-lhe, redondos de pavor, naquela mão espêssa, maciça, enorme, queimada de tabaco, eriçada de pêlos ruivos, onde brilhava um anel de prata. Cambaleou. Dominou-se, para não gritar. Tinha conhecido, na sua infância, umas mãos assim. A tremer, aproximou a luz da cara do homem, — e olhou-o, e fitou-o ansiosamente. Uma expressão de dúvida horrível crispou-lhe as feições. Seria êle? não seria êle? Num lampejo, pensou em tudo, — em sacudi-lo, em acordá-lo, em fugir, em gritar, em esmigalhar a cabeça de encontro às papedes. Num esfôrço de todas as suas reminiscências infantis, olhou ainda, uma vez mais, aquela mão musculosa, ruiva, felpuda, possante como uma pata de fera. Queria saber, queria ter a certeza. Atirou-se para os pés da cama. O sangue ardia-lhe nas faces. Perdida, ofegante, travou das roupas do homem, — revolveu-as, rebuscou-as, despedaçou-as. Achou uma carta, um sobrescrito com um nome. Abriu os olhos, fitou êsse papel mudo onde estava escrita a sua sentença. Não sabia ler. Numa angústia, num desespêro, sustendo a respiração, calçou-se, vestiu-se, atou o lenço, embrulhou-se no chaile — e, com os dedos fincados na carta, desceu a escada, de roldão. Era madrugada. Uma lufada de ar fresco bateu-lhe na cara. Na rua, a luz azulada da manhã alastrava como uma névoa.

Maria Júlia correu a um polícia, que cabaceava encostado a um candieiro ainda aceso, e pálida, opressa, mal podendo falar, pediu-lhe que lesse o nome escrito naquele papel. O guarda encarou-a, viu a carta, e leu:

— Manuel da Cruz.

Diante dêle, Maria Júlia caíu sem um grito, como um corpo morto.

TIA ANGÉLICA

Logo que cheguei a Viseu, recebi a visita do meu amigo João de Albuquerque, da casa de ***, ao cimo da Vila, nobre morada em cuja pedra de armas, entre dois leões batalhantes de oiro, floria em pala, cosido de verde e arrancado de prata, o cardo heráldico dos Cardosos. Não o via já havia oito anos. Estava velho, calvo, usava óculos e vinha vestido de rigoroso luto. Abracei-o:

— Quem te morreu?

João de Albuquerque desprendeu-se do meu abraço, deixou-se cair num cadeirão de sola, e, numa expressão sinceramente compungida, respondeu-me:

— A tia Angélica.

Eu tinha-a conhecido, quando, oito anos antes, passara por Viseu. Lembrava-me ainda da vivacidade com que ela conversava. Era uma dessas virgindades septuagenárias que en-

velheceram a sorrir, que são tôda a ternura e todo o encanto das casas fidalgas, passarinhos decrépitos que em vez de andar saltitam, que em vez de falar gorgeiam, e em cujo olhar, pela segunda vez infantil, há ao mesmo tempo a serenidade incomparável dos velhos e a graça transparente das crianças. Devia ter sido bonita. Ela mesma me mostrara, num daguerreotipo, o seu retrato dos vinte anos, um pouco imperatriz Eugénia, tirado no tempo dos camafeus, dos bandós e das sáias de balão. A sua figura, majestosa na mocidade, encarquilhara, ressequira, espiritualizara-se, amarelara como um antigo marfim, tornara-se, com a idade, leve, graciosa, fluida, pequenina. Tudo envelhecera nela — menos os olhos, muito pretos, muito vivos, muito alegres, uns olhos escuros, de rapariga, que, ao pé dos cabelos brancos e da touca branca, pareciam ter, simultâneamente, o negro baço de certas violetas e a scintilação roxa de certos cristais. Educada ali perto, nas beneditinas do Bom Jesus, trazida para o solar aos dezoito anos, por morte do pai, — vira casar todas as irmãs, florir todas as primaveras, povoarem-se todos os ninhos, e resignada, risonha, contente, sempre-virgem e sempre-noiva, vivera cercada da felicidade dos outros e morrera talvez — quem sabe? — na doce ilusão de ter vivido feliz.

— Tivemos um grande desgôsto, — disse o meu amigo, depois de um silêncio, o chapéu mole de veludo a rolar-lhe nos dedos.

— Quando morreu?

— A semana passada. É àmanhã a missa do oitavo dia.

Uma luz rosada de tarde enchia a sala do hotel provinciano onde eu recebera João de Albuquerque. Conversámos. Vinha buscar-me para jantar. A mulher queria que eu ouvisse ler os papéis da tia Angélica, encontrados, no próprio dia da sua morte, dentro duma antiga escrevaninha de espinheiro. Eram, dizia ela, o documento duma alma. Todos conheciam o encanto da velha senhora na delicada prenda de conversar ao serão, «*cette fille expirante des aristocraties oisives*», como lhe chamou Barbey d'Aurevilly; mas ninguem pudera supor, nem a própria família, que ela nos deixasse, nas fôlhas desmaiadas dum diário, as melhores memórias da sua vida. Saímos. Meia hora depois, estávamos ambos na casa solarenga do Cimo da Vila. Era um pesado solar do século XVIII, com uns silhares ricos de azulejo de cabeceiras, dois ou três tectos que se supunham pintados por Pedro Alexandrino, e um pátio que parecia suspirar, há oitenta anos, pela berlinda velha da casa. A obscuridade e o silêncio deram-me a impressão de que tinha en-

trado numa igreja. Beijei a mão da mulher do meu amigo, cuja beleza loira se empastara, mas cujo nariz Bourbon mantinha ainda a nobreza antiga do perfil, e deixei-me apresentar a duas curiosas figuras de homem, — um, miope, oleoso, redondo, que pela volta roxa parecia vagamente cónego da Sé de Viseu, o outro alto, sêco, velhíssimo mas elegante ainda, os ombros largos, o queixo enérgico, o cabelo rapado e luzidio como um *soli-deo* de sêda branca, que se abanava com um lenço de mulher e a quem João de Albuquerque tratou familiarmente de «primo general». Depois do jantar, reünimo-nos os quatro em volta da mesa para ouvir ler os papéis da tia Angélica. O padre, de mãos cruzadas sôbre o ventre, dormitava. O general aproximou da leitora uma serpentina de prata de seis lumes. A mulher do meu amigo, folheando os papéis donde parecia evolar-se um vago bafio de flores, disse-me que a página mais comovente era a última, — escrita pela ilustre senhora seis dias antes da sua morte. Pedi-lhe que ma lesse. A leitura começou, serêna, pausada, grave:

«Dia 22 de Abril. — Faço hoje setenta e dois anos, e ainda gosto de ter flores no meu quarto. Dizem que é triste envelhecer. Não acreditem. O que é triste é não saber envelhe-

cer. Quando eu era nova e bonita, parecia-me que havia de sofrer muito em me vendo feia e velha. Os primeiros cabelos brancos chegaram, e eu aceitei-os com resignação, quási com alegria, — porque percebi que me ficavam melhor do que os pretos. Se hoje me olho nos espelhos doirados da sala, em que me via aos dezoito anos, não tenho pena de mim; tenho pena dos espelhos, coitados, — que mudaram tanto. Que importa que a mocidade nos abandone, se o coração nunca envelhece? Cheguei ao inverno da vida com a mesma frescura de sentimento da minha primavera. Será porque envelheci sem me casar? Minha mãe, quando eu saí do convento, contava-nos, a mim e a minhas irmãs, a história da palmada com que Santo Onofre recebe no céu as mulheres que morrem solteiras. Eu lembrava-me das doces, das tranqüilas, das felizes velhinhas que deixara no Bom Jesus, de *Sœur Jeanne,* da senhora Abadessa, da donata dispenseira que tinha oitenta anos e uns olhos azúis muito vivos; ria-me, na minha inocência, da cara com que elas receberiam todas a palmada de Santo Onofre, e, muito em segrêdo com a minha alma, pedia a Deus Nosso Senhor que não me deixasse envelhecer solteira. Mas Deus não quis ouvir-me — Êle lá sabe porquê — e as minhas rosas secaram sem ninguém as colher. Eu

bem tenho sentido sempre, em volta de mim, o murmúrio de terna piedade, o sorriso de quási compaixão que acompanham, por tôda a parte, as *vieilles demoiselles*. Julgam-nos infelizes; pensam que nós sofremos com a felicidade alheia, — e teem pena de nós. Engano. Nós outras, que envelhecemos sem nos casar, somos mais felizes do que aquelas que um dia imaginaram ter realizado o seu sonho. Todo o bem que se realiza é uma ventura que se perdeu. Deus quis que eu não soubesse o que era a perturbadora delícia de ser espôsa, a comovida felicidade de ser mãe; mas não me fêz sofrer em troca, como àquelas que foram amadas e possuídas, o horror da primeira indiferença, o travo da primeira saciedade, o inferno da primeira desilusão. Conheci apenas o amor, de o ter sonhado a vida inteira. Quando uma mulher foi bela como eu fui, e envelheceu solteira como eu envelheci, — é porque chorou tôda a vida um homem que lhe morreu, ou porque esperou tôda a vida um homem que lhe fugiu. Os meus lábios murcharam; os meus cabelos embranqueceram; as minhas mãos tremem de velhice, — e ainda hoje, aos setenta e dois anos, diante das flores do meu quarto, espero por êle, pelo bem-amado da minha alma, com o mesmo alvorôço, com a mesma ternura, com a mesma inocência... É a velhice que nos en-

sina a sonhar, a sorrir e a esperar;—e só é feliz na vida quem sonha e quem espera. Bemdito seja Deus, que não deixou envelhecer no meu coração o homem por quem espero há cincoenta anos!»

A voz da leitora calou-se. Nesse momento, não sei porquê, lembrei-me do velho general. Encarei-o, fixamente. Nos seus olhos imóveis, duas grandes lágrimas brilhavam.

IBSENIANAS

Minha amiga: — A sua carta é interessantíssima. Li-a duas, três vezes. Como você é infinitamente mulher, — em tudo quanto pensa, em tudo quanto diz, em tudo quanto escreve! Não. Só num ponto você errou. Quem foi que lhe disse mal de Ibsen? Enganaram-na. O grande norueguês não tem, em nenhuma das suas obras, uma palavra só contra a mulher. Tôda a literatura escandinava, com excepção de Strindberg e do sombrio Sören Kirkegaard, é uma literatura estruturalmente feminista. O *fjord* de Cristiânia, coalhado de navios, hirsuto de montanhas azúis, assistiu, na luz doirada e incomparável do norte, ao mais nobre *plaidoyer* da Eva moderna. Há, de-certo, confusão com o ilustre sueco que escreveu a *Saga de Pedro, o Afortunado*. Strindberg, sim. Depois do grande Nietzsche, que a parilisia geral liquidou, não sei de nenhum misógino tão furiosamente intransigente.

Foi Strindberg que pronunciou a frase célebre: «A mulher é tudo quanto nos resta do macaco.» Que é o *Pai,* senão um libelo? Que é a *Condessa Júlia,* senão uma dolorosa *blague?* Mas não o confunda com Ibsen, minha querida amiga. As mulheres que passam na obra do grande desterrado de Munich e de Veneza, são, todas elas, exemplos de dignidade, de nobreza, de poesia, de resignação e de graça. *Hedda Gabler,* excepcionalmente, tem a perversidade, a crueldade voluptuosa de certas histéricas? Mas a própria *Hedda Gabler* é uma mulher superior, que sabe «*vivre et mourir en beauté*». De resto, que doce teoria de virgens e de amorosas, de abandonadas e de sacrificadas desfila tremendo, soluçando, sorrindo, nesses intensos clarões de génio que são os vinte e quatro dramas de Ibsen! Desde *Nora,* símbolo eterno da revolta contra a «lei do homem», até à loira *Élida* da *Dama do Mar,* misteriosa, orgulhosa, atravessando a vida no delírio de ser «livre e responsável»; desde a *Solveig,* de olhos azúis, vestida de branco, um livro de orações na mão, esperando na velhice o seu exilado Peer Gynt, até à fria *Svanhild,* que ignora a felicidade porque desconhece a fé que move montanhas; desde a triste *Edwiges,* morta como uma ovelha branca de sacrifício, até *Rabeca West*, expressão da mais alta dignidade moral; finalmente,

desde a trágica *Inger,* a mulher nobre da Noruega do século XVI, dilacerada entre o amor da pátria e o amor dum filho, até *Ilda,* musa criadora e inspiradora do construtor *Solness,* — quantas figuras adoráveis de mulher esvoaçam, palpitam, resplandecem nesses scenários de *fjords* brancos, de montanhas brancas, de céus brancos, duma impassibilidade e duma imobilidade de êxtase! Não, minha querida amiga. É certo que Ibsen escrevia as suas peças entre um escorpião e um ramo de flores. Mas o seu génio soube colher o perfume e desprezar o veneno. O ilustre norueguês, que amou «como se ama quando se ama uma só vez na vida», teve um pensamento dominador em tôda a sua obra: a dignificação da mulher. Quando Eva ruge nos versos de Ibsen, — Eva tem razão. É a oprimida que se revolta; é a estrangulada que pede ar; é a humilhada que exige uma lei nova, uma justiça nova, uma sociedade nova. No teatro de Ibsen há só um condenado: o homem. É o mesmo condenado do teatro de Hervieu, de Tolstoï, de Hauptmann, de Brieux, de Curel, de d'Annunzio. É a fera, é a sombra, é o crime. A mulher é apenas o que o homem quer que ela seja. Que direito tem o homem de se queixar — disse Ibsen — se a mulher é a sua própria obra? Ah, minha querida amiga, — Ibsen e você precisam de se re-

conciliar. Aí lhe mando, com uma tradução inglêsa de *Rosmersholm,* êsse ramo de flores azúis. Sabe? Antes de lhe escrever, estive folheando o meu velho Nietzsche. Li esta *boutade:* «Quanto mais inteligente for a mulher, mais o homem se afasta dela.» Não deve ser verdade, — porque eu cada vez me sinto mais irresistívelmente atraído para si.

AS NOSSAS MULHERES

O professor eminente que é Bento Carqueja acaba de publicar um livro sob muitos aspectos notável: *O Povo Português*. Êsse livro cheio de revelações, orientado por um rigoroso espírito scintífico e obedecendo às exigências da mais nobre elegância literária, é o primeiro estudo completo do nosso povo, revelado nos seus caracteres demográficos, que se publica em Portugal. Há muito tempo que o ilustre professor traçara as linhas fundamentais dêste trabalho; o censo geral de 1911, porém, alargando inesperadamente a área dos elementos estatísticos oferecidos à sua reflexão e ao seu estudo, veio determiná-lo na conclusão duma obra que honra as suas admiráveis faculdades e que, na efémera livraria portuguesa do nosso tempo, marca uma data e dignifica um nome.

Tenho a certeza de que Bento Carqueja sorriu ao ler o título do meu artigo. Pois quê?

Como pode haver o perfume do mais ligeiro interêsse feminino nesse livro pesado e forte, sóbrio e vigoroso, que é o *Povo Português?* Como pode a obra grave dum demógrafo e e dum economista, em quinhentas páginas de profundidade, de raciocínio e de método, prender, por um só instante, essa pequenina borboleta inquieta que é a atenção duma mulher? Como? Dizendo-lhe, entre muitas coisas que ela felizmente não sabe, algumas que com certeza gostará de saber, — porque a interessam, porque a tranqüilizam e porque a lisonjeiam, De-certo a loira M.me Y., que a estas horas, na Livraria Chardron, descalça a sua grande luva cinzenta para folhear o livro de Bento Carqueja, ignora que há em Portugal mais mulheres do que homens, e — o que é interessante — que, de todos os países da Europa, aquele onde existe proporcionalmente maior número de mulheres, é Portugal. Em cada 100 habitantes, há, para 47 homens, 53 mulheres, — o que, se ainda é pouco sob o ponto de vista galante, é evidentemente demais sob o ponto de vista económico. Essa lamentável — perdão... — essa encantadora superioridade numérica acentua-se, de censo para censo: para cada 1.000 homens, havia, em 1919, 1.069 mulheres; em 1918, 1.088; em 1911, 1.104, — donde se conclúi que Portugal é, não só o país da Europa onde há mais mulheres,

mas também aquele onde há *cada vez mais* mulheres, o que, por um mero sentimento de delicadeza, me não atrevo a achar assustador. É claro, êsse excesso é maior nuns distritos, menor noutros; em geral, maior no norte, menor no sul, — maior na planície, menor na montanha. O distrito de Portugal onde as estatísticas acusam o maior predomínio numérico de mulheres é o de Viana do Castelo, — o que nos mostra que o acaso, êsse «pseudónimo de Deus», como lhe chamou Theophile Gautier, teve a excelente previdência de fazer nascer mais mulheres precisamente onde elas são mais bonitas. Mas as estatísticas levam-nos a conclusões inesperadas e paradoxais. Sabem onde a nupcialidade é mínima, — quer dizer, onde se encontra maior número de homens solteiros? Exactamente em Viana do Castelo, — onde há mais mulheres. Aumenta a produção, — diminúi o valor. É por isso que a mulher portuguesa se casa pouco. Só há um país onde, proporcionalmente ao número de habitantes, há menos casamentos do que em Portugal: é a Suécia. Dir-se ia que a literatura misógina de Strindberg influiu na diminuïção da nupcialidade escandinava. É possível. Mas, ainda assim, o coeficiente de matrimonialidade (número de núpcias em relação ao número de núbeis) mantem-se, mesmo na Suécia, muito superior ao de

Portugal. A maritabilidade da portuguesa é mínima, — o que explica o grande número de ilegítimos, constituído em Lisboa por um têrço, e no Pôrto por um quarto do total dos nascimentos. Isto é lamentável, — e de-certo a pequenina mão branca de M.me Y. fecharia nervosamente o livro de Bento Carqueja, se êle lhe não desse a excelente novidade de que Portugal, sendo o país da Europa onde as mulheres nascem mais, é também o país da Europa onde as mulheres morrem menos. Está averiguado que a longevidade da mulher é, por tôda a parte, superior à do homem. «*Dans tous les pays du monde* — diz a *Longévité à travers les âges*, de Legrand, que tenho aberta sôbre a minha mesa de trabalho — *en Europe et en Amérique, à chaque recensement, le nombre de femmes longévites e centenaires a toujours dépassé celui des representants du sexe fort.*» Jean Finot, na sua *Philosophie de la longévité,* já tinha chegado à mesma conclusão. A mulher vive mais do que o homem em todos os países, — mas, especialmente, em Portugal. Pelo censo de 1911, em cada 395 centenários, há 130 homens e 265 mulheres, — o que assegura à mulher portuguesa uma longevidade de crocodilo ou de papagaio; pela comparação das nossas estatísticas com as estatísticas estrangeiras, verifica-se que em nenhum país europeu as mu-

lheres de 90 a 100 anos são tão numerosas como em Portugal, — o que, duma maneira delicada, quer dizer que vivemos numa terra de velhas. Em resumo: em Portugal, as mulheres, fisiológicamente mais resistentes do que os homens, são muitas, casam pouco e morrem tarde. Donde se prova — o que não pode deixar de ser muito agradável a M.me Y. — que, pelo menos entre nós, o sexo fraco — é o mais forte.

MULHERES DE ONTEM

AS AMANTES DE D. MIGUEL

A história anedótica tem-se ocupado, desde Camilo até Barbosa Cólen, da vida amorosa de D. Miguel. Grande parte das aventuras do filho de Carlota Joaquina são conhecidas. Poucos príncipes portugueses podem orgulhar-se de ter despertado tantas paixões, — naturalmente por que poucos possuíram o prestígio duma tão nobre e tão viril beleza. As mulheres adoravam-no. Em Viena de Áustria como em Lisboa, em Paris como em Londres, infante ou proscrito, emigrado ou rei, D. Miguel deixou sempre no seu rasto, como um tapête de rosas desbotadas, — êxtases e sorrisos, beijos e ilusões, soluços e abandonos. Era um lindo rapaz — a face italiana do retrato de Giovanni Ender, os olhos ardentes dos carvões admiráveis de Sequeira —; nada se parecia já com a realeza balofa e austríaca, obesa e idiota, prognata e sedentária, que dera D. João V e D. José, Pe-

dro III e D. João VI. Pela primeira vez, desde o loiro D. Sebastião, a beleza romântica se encontrou consubstanciada na majestade real. A estirpe de monstros floria num arcanjo: os Amores haviam de revoar, pequeninos e alados, em volta do seu gládio de oiro. Não tiveram contas as *bonnes-fortunes* de D. Miguel. Desde a bailarina Margarida Bruni, de que o Duque de Loulé quisera fazer a Fanny Essler dêste novo arquiduque Carlos, até à escandalosa aventura de Paris, que deixou a uma polaca a alcunha de «*Princesse de Portugal*»; desde a enganada e dolorosa Margarida Adriôa, até à saloia de Queluz, Maria Evarista, de carapuça bicuda de veludo preto, a sapatear o fandango; desde a célebre tamanqueira de Braga, em que fala Camilo, até à fidalga de Guimarães, D. Emília, com muitos cunhais de armas no solar e muitos grilhões de oiro ao pescoço; desde a mulher casada que o endoideceu em Viena e se meteu a freira, até à actriz, espécie de M.elle de Maupin, que se quis bater com êle, à espada, debaixo dos arvoredos do Campo Grande, — quantas figuras de volúpia e de encanto, de sedução e de mistério passaram na vida amorosa do infante-rei, e como êsse bravo rapaz, cheio de fôrça e de beleza, de virilidade e de raça, correu tôda a escala do Amor, *tambour battant*, desde as leiras de trigo maduro onde as saloias rebolavam, até aos pre-

guiceiros de damasco e aos potes de prata das alcovas fidalgas de Lisboa!

Pois bem. Á extensa lista das apaixonadas de D. Miguel, eu venho trazer mais um nome: *Miss* Askion. É desconhecido ainda. Encontrei-o nos papéis inéditos do agente diplomático de confiança do Govêrno Português junto de S. M. Britânica, António Ribeiro Saraiva, que fiz adquirir em Londres, há três anos, ao súbdito inglês *sir* E. West. Saraiva diz-nos que *Miss* Askion foi em 1828, em Plymouth, uma das aventuras do filho de Carlota Joaquina. Era trigueira, bela, viva de espírito, olhos negros, tipo semelhante em tudo ao de D. Miguel, que lhe deixara um esmalte com o seu retrato, — e tão fácil de sucumbir ao galanteio dos portugueses, que, tendo em 1828 amado apaixonadamente o príncipe, parece não ter sido insensível, em 1832, ao seu agente diplomático de confiança. Dizia-se filha de um capitão de navios da marinha inglêsa, dansava admirávelmente contradanças com a nova marca de Treinitz, e aparecera a Ribeiro Saraiva, então rapaz de 31 anos, loiro, robusto e jovial, primeiro num baile em casa de Madame Woodhead, depois num *pic-nic*, em pleno nevoeiro de Beulah's-Spa, perto de Norwood. A nota mais interessante colhida pelo môço diplomata é a da similhança fisionómica de *Miss* Askion com D. Miguel.

«Sem ser uma beleza perfeita, é, contudo, bonita e interessante, e não lhe falta talento; notei-lhe muita analogia entre a sua fisionomia e a de El-rei, o que pode talvez explicar o porque êle se inclinou mais fácilmente a ela que a outras, mais bonitas.» Depois do *pic-nic* de Beulah's-Spa, na noite de 7 de Julho de 1832, Saraiva, já apaixonado também, escrevia no seu *Diário:* «Passeei primeiro com Elisa Dickens e depois com *Miss* Askion, a menina a quem El-rei fêz suas distinções, quando passou em Plymouth em 1828; e se a distinguiu El-rei, também o seu representante em Londres, agora, a não desatendeu...»

Miss Askion! Mas que importa, na vida galante dum rei, um nome de mulher a mais? — perguntarão. Que importa mais um beijo, mais uma flor, mais um coração, mais um farrapo? Engano! Foi Carlyle que o disse: as mulheres hão de ser sempre o sorriso da História.

O BUSTO DA DUQUESA

Teixeira Lopes, na sua passagem por Lisboa, quis ter a bondade de mostrar-me a sua última obra: o busto da Duquesa de Palmela, D. Maria Luísa de Sousa Holstein. Vi-o no pequeno *atelier* que foi do inglês Calmels, em plenos jardins do palácio do Rato, na luz vagamente doirada duma destas manhãs de Setembro. Há muito tempo que não recebia uma tão nobre e tão profunda comoção de arte. Seja-me permitido agradecê-la daqui ao grande escultor, orgulho do nome português, — certo de que não há prazer intelectual que valha, para um espírito educado na dignidade das emoções estéticas, o elevado prazer de admirar.

O busto da Duquesa de Palmela, que as maravilhosas mãos de Teixeira Lopes tocaram com a ternura duma carícia, ficará na história da estatuária portuguesa contemporânea, ao lado do

busto da *Inglêsa*, de Soares dos Reis. Resplandece, nas criações dos dois mestres, o mesmo clarão de génio. São duas obras irmãs. Que frescura, que fluidez, que espiritualidade há na expressão dêsse mármore admirável, onde uma grande figura de Mulher ressurge para a vida eterna das estátuas! À *Duquesa de Palmela*, de Teixeira Lopes, é, simultâneamente, o espírito e a raça, a doçura e a energia, a altivez fidalga e a graça acolhedora. Tem a cabeça levemente inclinada sôbre o ombro, na sua atitude habitual; o cabelo ondeado e alado em dois bandós crespos; a linha do nariz imperativa e nobre; o sorriso tranqüilo, espiritual, inteligente, indefinível, enrugando-lhe a comissura das pálpebras, fazendo-lhe arfar de leve a narina, florindo-lhe na bôca finamente polpuda, iluminando-lhe os dentes iguais, — como se, em volta dêsses lábios de austríaca, o mármore, palpitando, ganhasse a transparência luminosa duma gota de água, a imaterialidade perturbadora de um perfume. O grande artista, que soube fixar, num lampejo de intuïção, tudo quanto havia de rápido, de fulgurante, de fugitivo nessa expressão infinitamente intelectual, quis comprazer-se, com a arte clara dum grego e a volúpia ansiosa dum italiano da Renascença, em arrancar àquele bloco de calcáreo, golpe a golpe, scentelha a scentelha, um espírito que lateja

e freme, uma inteligência que resplandece e tumultua, uma graça que encanta, que sorri e que enternece. Teixeira Lopes procurou nos retratos de Carolus Duran; procurou no carvão de Carlos Reis; procurou no esmalte da Romani; procurou no fundo da sua própria alma e da sua própria saüdade; naquela atmosfera de *atelier,* que ela respirava; naquela luz doirada, que a envolvera; — e gérmen a gérmen, clarão a clarão, grito a grito, sonho a sonho, a imagem foi surgindo, desbastando a faíscas o mármore, revelando-se, espiritualizando-se, vivendo a vida imortal da pedra humanizada, falando com os seus lábios brancos de espectro, sorrindo com a sua bôca fria de aparição. Batia lhe em cheio um raio de sol quando a vi florir, translúcida, sôbre um trapo de riço vermelho, no *atelier* que fôra de Calmels. Entre um fauno e Diógenes, entre uma cadeira velha e um biombo de xarão, — senti que ela me sorria; que a sua gola de rendas palpitava; que o seu colar de grandes pérolas, o colar que fôra da sobrinha de Mazarin, arfava e tremia respirando com ela, — e, meu caro Teixeira Lopes, eu, que apenas vira, que apenas falara uma vez, há dezaseis anos, a essa singular m lher que dominou, com o seu prestígio e com o seu talento, a segunda metade do século XIX, — eu tornei a vê-la viva, a ouvi-la, a falar-lhe, emquanto uma manhã clara

de Setembro cantava lá fora, e o perfume das últimas flores do jardim, numa lufada fresca, entrava pelas janelàs...

Como eu lamento, Teixeira Lopes, não saber dar às minhas palavras a leveza, a trasparência e a graça do seu mármore!

AVÓSINHAS

Encontrei hoje, entre papéis velhos, um maço de figurinos de 1840 — ingénuos, coloridos e leves. Vinte e quatro ou vinte cinco cabeças de mulher. Pertenciam ao *dossier* que eu reünira, em 1904, para escrever *Um Serão nas Laranjeiras*. Folheei a pequena colecção donde se desprendia um vago cheiro a bafio e a rosas sêcas, e ao chegar ao último figurino, reproduzido pela litografia sôbre um papel francês que o tempo encheu de manchas doiradas, perguntei a mim próprio porque motivo não ressurgirão as nossas mulheres de agora as encantadoras modas dos penteados de 1840.

Essas vinte e quatro cabeças cheias de flores, de jóias e de caprichos, fizeram-me sorrir — e fizeram-me pensar. Quasi um século já! As belezas de 1809 e de 1812, vestidas de musselina e penteadas à grega, com pantalonas côr de carne e *écharpes* transparentes, anéis nos dedos

dos pés e jóias nos bicos dos peitos, tinha sucedido a beleza byroniana e grave, romântica e triste das elegantes da Constituïção, com grandes laços azúis e brancos na cabeça e os meninos ao colo pelas salas de baile, — porque era então moda dar de mamar aos filhos diante de tôda a gente. Foi esta elegante de olhos profundos e marcados a bistre pelas olheiras, a Musa tutelar dos casacas-de-briche do Vintismo, — a mulher amada por Garrett e por Mousinho, por Borges Carneiro e por Fernandes Tomás, a inspiradora dos homens do sinédrio e a mãe das elegantes de 1840. Desde os penteados à *Constituïção,* até às cabeça nobres e discretamente sensuais das «leôas» das Laranjeiras, — correm vinte anos em que os cabeleireiros da Lisboa de D. Maria II se penitenciaram da obra exuberante e ridícula, empoada e monstruosa dos seus antecessores do século XVIII. Então, sim: fez-se arte. Percorrendo os figurinos portugueses da época, no *Jornal das Damas* e no *Jornal das Famílias* — as melhores publicações sôbre modas que houve na Lisboa de 1840 — vêem-se desfilar, em traços leves, coroando elegâncias convencionais de ombros e de nucas, penteados que são um primor de invenção e de ligeireza, de graça e de espiritualidade. Os cabeleireiros lisboetas do tempo, o Galvão, o Devy, o Baron, fizeram-nos esquecer as extra-

vagâncias do Pedro Maria, cabeleireiro de Carlota Joaquina, e os excessos de todos os riçadores e polvilhadores da Lisboa apostólica de Pina Manique. Foi uma desforra brilhante. Nunca a portuguesa se penteou melhor do que para os bailes do Conde de Farrobo e da Baronesa da Regaleira, dos Marqueses de Viana e dos Condes de Penafiel. A característica dos penteados de 1840 a 1850 era a leveza, a graciosidade, a simplicidade, um «não sei quê» de infantil e de ligeiro que Eugénio Lami surpreendeu com tanta finura, e que dava às elegantes das Laranjeiras o ar de bébés, — grandes bébés frisados, encaracolados, cheios de laços, de rendas, de flores, saltitantes nos seus vestidos curtos de *organdi* côr de rosa ou de *gros* de Nápoles, nas suas botinas razas de duraque azul e nos seus enormes Bolivares de setim e pérolas. Foram inúmeros os tipos do penteado feminino no meado do século XIX. O mais simples, o mais fácil, o mais gracioso era o penteado francês à Croisat, *género coc-en-l'air,* — um grande laço de setim erguido sôbre um *chignon* e um penteado vulgar de bandós. Depois, logo a seguir por ordem de complexidade, vinha o penteado *D. Maria II*, imitando o que a Rainha costumava usar nas noites de S. Carlos, — duas madeixas encanudadas caindo adiante das orelhas, o cabelo apanhado em grinaldas de pequeninas rosas, e

sôbre a nuca, formando 8 de conta, duas tranças fininhas, apertadas à moda inglêsa. Era o penteado clássico do tempo. Em seguida, vinha o penteado à *Raquel* ou à *Judia,* em bandós simples, ligeiramente derrubado para a nuca, guarnecido de pedras e de camafêus; o penteado à *Polka,* com dois rolos de veludo vermelho por cima das orelhas; o penteado à *Madame Burnay*, modista célebre de Lisboa, salpicado de pequeninas pedras formando coifa; o penteado à *Boccabadati*, semelhante ao que usava a grande cantora italiana; o penteado à *Fatima*, com o seu turbante de setim e penas de marabú, muito usado pela infanta D. Maria da Assunção, revivescência da moda do Império lançada pela sensual M.me de Genlis; e, por último, o penteado do século XVII, à *Sevigné,* encanudado e frisado, com dois tufos de cabelo laterais presos por um fio de pérolas, e levantado por detrás a descobrir a nuca, — penteado delicioso, sobretudo nas mulheres loiras, e muito usado pela trigueira e espirituosa D. Maria Kruz, a *Musa* dos salões da Regeneração. Mas, além dêstes quantos outros! Que infinidade de cabeças adoráveis surgem dentre as molduras de oiro dos grandes retratos de há setenta anos, palpitantes de frescura e de graça, com os seus topázios, os seus Bolivares de sêda, os seus olhos profundos, os seus cabelos

encanudados e semeados de rosas! Que variedade a das modas do tempo, — e como tinham bem por onde escolher, as avósinhas românticas que *flirtavam* à inglêsa com Garrett, que cultivavam camélias com o Marquês de Viana, que faziam espírito com o Visconde de Sottomayor, e que se perdiam com Farrobo na penumbra misteriosa do *Pavilhão-dos-Espelhos!*

Porque não voltarão os penteados de 1840?

CATARINA DE BRAGANÇA

Tôda a gente sabe que uma filha de D. João IV foi rainha de Inglaterra. Tôda a gente sabe também que foi essa pobre infanta portuguesa, Catarina de Bragança, que introduziu em Londres a moda elegante de tomar chá às cinco horas. Ninguém ignora ainda que a côrte escandalosa de Whitehall e de Hampton Court pretendeu desculpar os desvarios amorosos de Carlos II, justificando-os — di-lo o embaixador francês Conde de Comminges — pela «portuguesíssima fealdade da Raínha». As *Memórias* do tempo são terminantes e claras. Porque foi Carlos II de Inglaterra um devasso espirituoso, à maneira de Lauzun e de Luís XV? Responde Charendon: porque Catarina de Bragança era feia. Porque passou Sua Majestade corruptíssima dos braços astutos de *Lady* Castlemaine para a viola voluptuosa da dansarina Moll Davis, dos olhos verdes da *demi-vierge* Stewarth

para a ternura loira e absorvente da grave Duquesa de Portsmouth? Responde Pepys, no seu *Diário:* porque Catarina de Bragança era um monstro. Não sei até que ponto poderá admitir-se a singular doutrina de que a fealdade da mulher justifica as infidelidades do marido Mas dêmos de barato que essa justificação moral, ou melhor, que essa justificação imoral é admissível, — e vejamos o que houve de verdadeiro na pretendida monstruosidade da Infanta portuguesa que os acasos da política dinástica do século XVII fizeram mulher de um dos mais galantes reis da Europa. Catarina de Bragança seria, realmente, tão feia como quiseram pintá-la em Inglaterra? As estirpes doentias de Medina-Sidónia e de Vila Viçosa, já duas vezes cruzadas, teriam produzido na filha de D. João IV alguma coisa de disforme e de teratológico, que desse razão às afirmações terminantes de Charendon e de Reresby, do Conde de Comminges e do ministro Pepys? Parece que não. A fealdade tradicional da mulher de Carlos II deve ter sido, fundamentalmente, uma lenda. E essa lenda explica-se. É claro que entre as belezas loiras, translúcidas, róseas, aladas, normandas, que revoavam pelos salões antigos de Whitehall como um bando doirado de Amores, e que os pincéis de Houthorst, de Lely e de Wissing fixaram para a imortalidade, — a pobre infanta-

sinha portuguesa, pequena, acanhada, trigueira, de cabelos pretos e de olhos enormes, com o seu verdugadim espanhol, a sua educação de mosteiro, os seus olhares de revés, havia de ter produzido, fatalmente, a mais estranha e a mais desgraciosa das impressões. Sucederia o mesmo a qualquer outra mulher, que possuísse o tipo escuro, miúdo, vulgar, português de Catarina de Bragança. Todas as aias que acompanharam a Infanta-rainha para a Inglaterra tiveram a honra de ser consideradas «uns monstros» (1) — e, entretanto, uma delas foi a amante preferida de Buckingham. É certo que um ligeiro prognatismo e uma defeituosa implantação dos dentes desfeavam a filha de D. João IV, perturbando-lhe a harmonia da bôca; mas os olhos eram belos, a pele dum doirado quente de morena, as mãos finas, os movimentos graciosos, a expressão atraente e bondosa. O próprio Carlos II reconheceu os encantos da mulher, descrevendo «os seus olhos maravilhosos e o seu lindo timbre de voz» (2), e declarando em carta à Duquesa de Orléans, dois dias depois do casamento, que se sentia «completamete feliz com ela» (3). O mesmo diz John Evelyn,

---

(1) Charendon, *Mem.*, II, 419.
(2) Jesse, *Mem.*, III, 6.
(3) Comte de Baillon, *Henriette d'Angleterre*, pag. 85

apresentado à Raínha no próprio dia da sua chegada a Hampton Court: «...é pequena de corpo, mas bem feita; tem belos olhos cheios de langor; só os dentes, avançando de mais, lhe estragam um pouco a bôca» O prognatismo manifesta-se nos retratos de Huysmans e de Stopp, existentes na *Nacional Gallery*, e nos retratos do paço de Sintra; mas é menos acentuado na admirável pintura de Peter Lely, onde a Raínha aparece como uma linda mulher, nada inferior, na sua grave beleza, à última amante do rei, *Lady* Keroualle Cortesania do pintor, — para quem não houve mulheres feias, sôbretudo quando eram raínhas? Evidentemente. Mas, feitos todos os descontos, a triste Infanta portuguesa que a esterilidade condenou à mais dolorosa e apagada das realezas, estava longe de ser aquele «monstro anão, escuro e plebeu» que Pepys descreve, ou aquele «hediondo morcego» a que aludem as memórias interessantíssimas de Jesse. Quando voltou para Lisboa, aos cincoenta e cinco anos, D Catarina estava bem conservada e fresca. A sedentariedade tornara-a um pouco obesa; o Duque do Cadaval descreve-a nas suas *Memórias*, «baixa de corpo e grossa» (1). Tinha a mania de mudar constan-

(1) *Mss.* da Bibl. Nac. de Lisb., *F. A.*, códice 749, fl. 270.

temente de casa – de Belém para as casas do Conde de Soure, da morada de Fernão de Sousa, a Santa Marta, para os Paços da Bemposta — e vivia absorvida na cura das suas freqüentes erisipelas, de que a tratava o cirurgião francês Rambaud, que viera com Schomberg para Portugal (1) Aos sessenta e sete anos, precisamente quando chegou a Lisboa o médico inglês Crikton, encarregado de colocar no rei Pedro II um céu-da-bôca de prata, Catarina de Bragança morreu duma apendicite. As cartas de Manuel Dias e as *Memórias* manuscritas de Manuel de Almeida e do Duque do Cadaval descrevem a agonia da Raínha de Inglaterra, durante uma terrível noite de tempestade (2). Coisa curiosa: nem no próprio dia da sua morte deixou de tomar às cinco horas, com uma pontualidade inglêsa, a sua chícara de chá.

---

(1) Tôrre do Tombo, *Mss.*, códice n.º 60, *Cartas de Manuel Dias.*

(2) *Mss.* da Bibl. Nac. de Lisb., *F. A.*, códice 409, fl. 1 v., e códice 749, fl. 206, v. e 271, v.

UM DRAMA DE AMOR

Camilo, nas *Noites de Insónia,* refere-se sumáriamente a uma anedota amorosa do tempo de D. João V: a fuga de uma das damas da raínha D. Mariana de Áustria, raptada nada mais, nada menos, do que pelo mordomo-mor do Rei. A dama era a linda D. Maria da Penha de França; o raptor era o Marquês de Gouveia, D. João de Mascarenhas, filho daquele velho Marquês mordomo-mor D. Martinho, que fêz professar nas Mónicas a cómica Isabel Gamarra e que morreu com ciúmes dela quando a viu despir o hábito e voltar para o marido. Fugiram na noite de 11 de Novembro de 1724, numa forte estufa de viagem, de couro pregado, perseguidos de perto pela cavalaria que o ministro Diogo de Mendonça Côrte-Real mandou a cortar-lhes o caminho. O escândalo produzido pela fuga foi enorme; muito pela qualidade dos dois amantes, ambos da intimidade do Paço; mais ainda pela circunstância de serem ambos casados, — ela com um primo co-irmão, D. Lourenço de Almada, que deitou luto de baeta negra e deixou

crescer as barbas, êle com uma espanhola, D. Teresa de Moscoso e Aragão, filha dos Condes de Altamira, que a Raínha no dia seguinte mandou trazer ao Paço da Ribeira numa berlinda da Casa Real, e cujas virtuosas lágrimas souberam chorar, quási ao mesmo tempo, a dôr da ofensa e a doçura do perdão.

Que foi feito dos fugitivos?

Di-lo uma notícia que há anos encontrei no códice 1161 da secção de *Mss.* da Tôrre do Tombo, e que acompanha alguns dos muitos sonetos então escritos àcêrca dos amores do marquês D. João com a Penha de França. Vem a fls. 184, v. Por ela se sabe que os oficiais de justiça e as tropas deD João V os seguiram pela Beira, não os colhendo debaixo de mão porque a estufa de D. João de Mascarenhas levava o avanço de um dia de jornada. O Conde de Vila Verde, depois Marquês de Angeja, D. António de Noronha, governador das armas dentre Douro e Minho, logo que soube da chegada dos fugitivos à Galiza, onde tiveram a sua única noite de amor, mandou recado ao Bispo de Tuy para que imediatamente os separasse, fazendo recolher a um mosteiro D. Maria da Penha de França e guardando o Marquês dos vários picões de Lisboa pagos a pêso de patacas de prata, que já iam, lezíria acima, fazer a justiça dos Almadas. Sua Ilustríssima, a quem

o Conde — diz a notícia manuscrita que acompanho — «não declarara com individuação a qualidade das pessoas», relaxou o caso à vara do alcaide; procuraram-se os homisiados por todas as estalagens e hostarias de Tuy, e, no próprio dia, a linda e infeliz Penha de França, arrancada aos braços do homem que insensatamente amara, era entregue à Abadessa de um mosteiro de franciscanas e via pela primeira vez o claustro branco e florido donde nem morta saíu. Entretanto, o nome do Marquês corria já de bôca em bôca, e o Bispo, acompanhado pelo governador da cidade, viu-se constrangido a visitar na sua hostaria humilde o mordomo-mor de D. João V, tendo a bizarria de lhe oferecer, para sua residência, o próprio Paço episcopal. D. João de Mascarenhas recusou polidamente; pediu ao prelado que lhe mandasse entregar a mulher; insistiu; ameaçou; suplicou; rondou, perseguido de guardas que o não largavam, os muros negros do mosteiro; viu luzir o primeiro tiro, cujos quartos lhe zumbiram perto — e, desenganado, partiu para Vigo. «Vi uma carta de pessoa mui aceita ao Conde de Vila Verde — refere o autor da notícia — dizendo que El-Rei católico Filipe 5.º mandara que assistissem ao Marquês sessenta soldados de cavalo com um bom oficial, para que o acompanhassem por onde quer que andasse; e que estes, vendo pes-

soas desconhecidas, as matassem.» Mas as deferências e atenções havidas com o pobre marquês D. João, que por uma noite de amor dera tudo o que possuía na vida, a honra, os bens, o título e a casa, não partiram apenas do Rei de Espanha e do Bispo de Tuy; houve alguém mais que o protegeu e honrou, e êsse alguém — cavalheiresca generosidade espanhola! — foi o pai da mulher que êle abandonara e a quem fizera chorar lágrimas de sangue, o seu próprio sogro, — o Conde de Altamira. Emquanto D. Lourenço de Almada aperrava arcabuzes na sombra — o velho Conde, talvez movido de Lisboa por cartas dêsse anjo de bondade que era filha, mandava à cidade de Vigo um dos gentis-homens da sua câmara oferecer ao genro as chaves do palácio de Ourem, para nêle viver, e plenos poderes para dispor de todas as rendas e bens da casa de Altamira, como se seus próprios fôssem. D. João de Mascarenhas enterneceu-se até às lágrimas, — mas nada aceitou. Pouco depois, no primeiro pacabote, fazia-se de vela para Inglaterra. Se, pelo que conheço do coração humano, me fôsse dado conjecturar para onde iria, nessa hora dolorosa da partida, a saüdade daquele que fôra o 4.º Marquês de Gouveia e o 7.º Conde de Santa Cruz, eu jurava sôbre umas *Horas* que, se no mosteiro das claristas de Tuy, onde deixara a amante,

lhe ficava tôda a alma do seu corpo, para Lisboa, onde lhe sorria o perdão da mulher, ia tôda a alma da sua alma. Foi essa asa branca de misericórdia, foi êsse perdão de infinita bondade que acabou por alcançar de D. João V licença para D. João de Mascarenhas voltar a Portugal. Mas a vingança do tôrvo D. Lourenço não desarmara ainda; duas vezes, nas ruas de Lisboa, lhe despejaram uma escopeta aos peitos; Diogo de Mendonça compreendeu que conservar D. João no país era assassiná-lo. — e de novo o fêz partir, escoltado, a caminho de Aragão. Mas, desta vez, seguia-o de perto o primeiro sorriso de felicidade da sua vida inteira. D. Teresa de Moscoso, obtida licença do Rei para acompanhar o marido, partia no seu côche de jornada com o velho tio Aires de Saldanha, camarista do infante D. António, que pelo caminho chorava de contente. E emquanto, Espanha a dentro, numa estalagem de Cáceres fronteira a *San Mateo*, marido e mulher trocavam emfim, iluminados de bem-aventurança, o seu primeiro beijo de exílio e de perdão, — lá cima, no pequeno mosteiro de claristas de Tuy, rezando vésperas junto do báculo doirado da Abadessa, sóror Maria da Penha de França devorava em lágrimas o seu amor perdido...

Neste mundo, por cada dois que sorriem, — há sempre um que chora.

DUAS PRINCESAS

Conhecem, de-certo, Pedro de Bourdeilles, senhor de Brantôme; ao menos pela sua obra tão viva, tão picante e tão original — *Les Dames Galantes*. Pois êsse bravo e risonho gascão, que é um dos representantes mais característicos e mais perfeitos do espírito gaulês do século XVI, esteve em Portugal, conheceu bem os portugueses — e, segundo todas as probabilidades, as portuguesas — foi recebido no Paço mano-a-mano com D. Sebastião, bateu-se ao nosso lado, levou de cá, sôbre o seu gibão de brocado flamengo de três altos, o hábito de Cristo, e ao contrário do que tem sucedido com alguns estrangeiros, sobretudo inglêses, não disse, nas suas obras, muito mal de nós.

Nas *Dames Galantes*, por exemplo, e no sétimo discurso sôbre «*Les femmes mariées, les veuves et les filles*», fala Brantôme em al-

gumas princesas portuguesas ou casadas em Portugal, e todas as suas referências são, em geral, delicadas e respeitosas. Levanta, aqui e alem, uma ponta de véu sôbre êste ou aquele incidente político ou amoroso; mas — caso para estranhar, muito mais em quem, como Pedro de Bourdeilles, parece preocupar-se pouco com a moral do amor — não deixa de prestar homenagem à virtude sempre que a encontra no seu caminho. Em especial, a princesa D. Joana, mãe de D. Sebastião, e a célebre infanta D. Maria, filha de D. Manoel, a quem de perto tratou e conheceu, não podem merecer-lhe palavras de mais rendida deferência, — o que não quer dizer que êle não aluda, nos seus bárbaros ensaios de psicologia amorosa, às veleidades de viúva duma delas e às fantasias de solteirona da outra. É tão inofensivo e tão interessante o que nos diz Brantôme destas duas princesas, que vale a pena referir algumas passagens do seu discurso.

A primeira vez — e a única — que Pedro de Bourdeilles viu a princesa viúva D. Joana, mãe de D. Sebastião e filha de Carlos V, foi na sua passagem por Madrid, ao regressar de Portugal a França. A beleza e a majestade dessa admirável mulher, que devia andar perto dos quarenta anos e que enviuvara aos dezoito, impressionaram vivamente Brantôme. «*Je la con-*

temple et admire d'abord, et si fixement, que sur le point j'en devenois ravy», — diz o bravo gascão, diante de cujos olhos as mais belas mulheres de França tinham bebido pela taça de oiro de Henrique II. Vinha vestida à espanhola, não como as damas viúvas, mas à moda da côrte, fraldilha de sêda sôbre guarda-infantes bojudos, como nos quadros de Pantoja de la Cruz, a cabeça toucada duma crespina branca, espanhola, que descia em bico pelo meio da testa, quási até ao nariz. Conversaram muito àcêrca do rei de Portugal, D. Sebastião, que a princesa sua mãe deixara de quatro meses nas mantilhas e no leite das amas, ao voltar, viúva, para Castela. Falaram do seu projectado casamento com Margarida de França, depois rainha de Navarra. D. Joana, que não conhecia o filho senão por um retrato de Sanches Coelho, perguntou a Brantôme se êle era belo e com quem se parecia. — «*C'est le vray image de vostre beauté, madame!*» — respondeu-lhe o autor das *Dames Galantes*, que não cessava de a olhar e de a admirar. Ela còrou, sorriu *(fit un petit souris et couleur de visage)* e retirou-se quando a vieram chamar para a ceia. Conta Brantôme, então, que a princesa D. Joana tinha querido casar com o rei de França, Carlos IX — o tuberculoso sinistro de que nos resta o eloqüente busto de Pilon — ;

mas que Catarina de Médicis, impressionada pela diferença das idades *(elle avait trop d'âge sur lui, et serait sa mère)*, não consentiu nesse casamento, preferindo a D. Joana a sobrinha desta princesa, Isabel de Áustria, filha do imperador Maximiliano, uma Habsburgo típica, quási infantil, cheia de inocência e de graça, com quem realmente veio a casar-se o monarca francês. Depois disso, a mãe de D. Sebastião, «*ostentative et superbe, à l'espagnole*», vendo perdida a esperança de vir a ser raínha, retirou-se do mundo para o mosteiro das descalças de Santa Clara, por ela própria fundado em Madrid.

Também Brantôme conheceu em Lisboa a erudita e sumptuosa infanta D. Maria, filha de D. Manuel e da depois raínha de França D. Leonor, no seu palácio a-par do mosteiro das claristas. Tinha então a misteriosa inspiradora de Camões quarenta e cinco anos de idade. De Bourdeilles alude à sua virgindade intransigente, e não a atribue nem a insuficiência de meios de fortuna (a infanta era riquíssima e êle sabia-o bem pelo general Oger de Gourgues Julliac, que tratava dos seus negócios em França), nem à falta de encantos pessoais, porque, segundo o nobre autor das *Dames Galantes*, D. Maria foi «*une très belle et agréable fille, de bonne grace et belle apparence*», a mesma

figura loira, senhoril e grave que nos mostra o «retábulo das mãos» do antigo mosteiro de Nossa Senhora da Luz. Entretanto, a grande *bas-bleu* portuguesa do século XVI estava longe de ser insensível às solicitações do amôr, e Brantôme, prestando homenagem às suas altas virtudes, refere se a uma paixoneta da Infanta pelo Grão-Prior da Lorena, um Guise, irmão do Duque e do Cardeal, que, de caminho para a Escóssia nas suas galeras, se deteve algum tempo em Lisboa. A ilustre filha de D. Manoel, «*que volontiers eut rompu son noeud virginal pour luy, cela s'appelle par mariage, car c'etoit une très sage et vertueuse princesse*», encheu-o de presentes, entre os quais uma maravilhosa cadeia de ombros com cruz de diamantes e de rubis, que o Grão-Prior mais tarde empenhou por três mil escudos de oiro em Londres. Chegou a falar-se de casamento, diz Pedro de Bourdeilles, e pensou-se obter para isso dispensa do Papa. Porém, as convulsões políticas que, nesse momento, perturbavam a França, não permitiram que o nobre Guise, embora «*fort pris et encapricé d'elle*», voltasse a Portugal; e, pouco depois, o Grão-Prior de Lorena caía sob o punhal do capitão de galeras Castellan, senhor de Altivity, levando consigo para o túmulo a última veleidade amorosa da nossa Infanta-Minerva.

CARLOTA JOAQUINA

Acabam de ser adquiridas pelo Estado três interessantíssimas cartas autógrafas da raínha Carlota Joaquina, escritas de Queluz e dirigidas ao filho D. Miguel, então em Viena de Áustria. São três documentos de um carácter, — e estão inéditas Na primeira, datada de 20 de Outubro de 1827, e, portanto, já depois de D. Pedro, no Rio de Janeiro, ter nomeado o irmão D. Miguel seu lugar-tenente em Lisboa, Carlota Joaquina deseja ao filho uma breve e feliz jornada, espera que êle volte «com os mesmos sentimentos que cá lhe conhecia», e pede-lhe que se acautele de todos e de tudo na viagem, insinuando que «só o cercam inimigos fortíssimos com capa de amigos, mesmo dentro de casa». No destêrro de Queluz, a filha de Carlos IV de Espanha pressente que a volta do seu arcanjo S. Miguel lhe restituïrá o poder perdido, e começa, para o reconquistar, a envolvê lo de longe na

teia da sua intriga. Na segunda, datada de 24 de Outubro de 1827, pouco mais de um mês depois, acusa o filho «de estar vendido aos mações» e recomenda-lhe o portador, Francisco Martins, homem de sua inteira confiança, que ela manda expressamente a Viena de Áustria, «como carta viva», para lhe falar dela, para lhe dizer os seus sentimentos, para o acompanhar na jornada. Carlota Joaquina teme que a tenham malquistado com o filho; receia que o D. Miguel que volta não seja já, nas suas mãos astutas de espanhola, o mesmo instrumento dócil da *Abrilada;* antecipa-se a todas as narrativas sôbre a sua vida dissoluta de Queluz, sôbre a lenda da *água toffana* que matara D. João VI; tenta, pelos bons ofícios dum emissário, captar, envolver, enredar a alma fraca do seu infante Marialva. Na terceira carta, datada de 7 de Dezembro de 1827, precisamente no dia seguinte àquele em que D. Miguel saíu de Viena a caminho de Lisboa, pede-lhe que não ouça «as notícias desagradáveis que lhe deram da sua família; que suspenda o seu juízo até que fale à mãe; declara-se vítima da intriga e da malevolência»; invoca a misericórdia de Deus para se proclamar a si própria a mulher mais verdadeira do mundo. Todo o drama dos últimos três anos da vida de Carlota Joaquina está nestas três cartas. São, todas três, escritas pelo próprio

punho da Raínha, numa letra regular, gorda, calma, incaracteristica. Transcrevo-as na sua grafia original, para não perderem o vivo sabor do tempo:

«*Quellus, 20 d'Outubro de 1827. — Meu querido filho do meu coração: faço estas duas regras para te dizer o quanto eu desejo que faças huma breve e felliz jornada, e que venhas com os mesmos sentimentos que eu cá te conhecia: pois hé o unico desejo do meu coração; porque só assim hé que seremos felizes. Peço-te que te acautelles muito, muito e muitissimo de todos e de tudo, porque ahi, na viagem, e cá, teems inimigos fortissimos, e com capa de amigos; e mesmo dentro de casa. Eu vou vivendo, milhor do que se podia esperar, pela mizericordia de Deos; mas agora com mais algum allento á espera de te vêr e abraçar; mas sem descanço em quanto não te apertar nos meus braços. A Deus meu querido e adorado filho do meu coração; recebe milhares e milhares de benções que te deitta tua mais terna e amante mãy — Carlota Joaquina.*»

«*Quellus, 24 de Novembro de 1827. — Meu querido e adorado filho do meu coração: o portador desta hé Francisco Martins (que tu*

muito bem conheces); vai incumbido por mim para te dizer os meus sentimentos; quero que o ouças com toda attenção; elle hé carta viva, e muito verdadeira; e por tanto, pésso-te que o attendas, e que nunca o separes de tim; porque assim te conveem muito para tudo; porque hé talvez o unico que nunca se deslizou: e tu estás vendido aos maçoens. A Deos meu amado filho da minha alma; recebe a benção de tua muito amante May— Carlota Joaquina.»

«Reservado só p.ª tim. — Quellus 7 de Dezembro de 1827. — Meu querido e adorado filho do meu coração: faço estas régras para te dizer que hé natural te chegue aos ouvidos algumas noticias dezagradaveis da nossa Familia; porém pesso-te, que suspendas o teu juizo, athe que falles comigo; por que então eu direi tudo, com aquela miudeza, e verdade, com que eu costumo, e sempre costumei fallar, pela Misericordia de Deus; e por essa mesma razão tenho sido sempre victima da intriga, e da mallignidade; mas Deos hé grande, e de muita misericordia, há-de acclarar a seu tempo a verdade toda; o que eu quero, e te peço he, que não ouças nada do que te disserem, porque o que querem, he introduzirem-se os mallevolos, e

intrigar os bons, e trazer a familia desunida, pois he o meio milhor para que nunca se saiba a verdade, e levar o seu infernal plano ao fim. A Deos meu amado filho do meu coração; Deos te traga já, para consolação e descanço de tua Mãy que te lança a benção, e que te ama muito deveras — Carlota Joaquina.»

Que admirável página daria a um romancista o primeiro encontro desta mãe e dêste filho, na sala das *Talhas* de Queluz, no mesmo dia 22 de Fevereiro em que D. Miguel desembarcou em Belem, — êle, pupilo de Metternich, belo como no-lo revela o retrato admirável de Giovanni Ender, ela, decrépita, com o seu turbante, os seus rosários e as suas açafatas espanholas cantando *malagueñas* e sacudindo-lhe as môscas com os leques?

*

* *

Passados dias, nova carta de Carlota Joaquina veio parar-me às mãos, tão interessante como as três primeiras, dirigida como elas ao filho, e, desta vez, encontrada na valiosíssima colecção de papéis políticos que se removerem dos armários do palácio das Necessidades. Tem

a data de 29 de Outubro de 1726, — precisamente o dia em que chegaram a Queluz as notícias do levantamento popular em Trás-os-Montes. Ao contrário das outras três cartas, que são autógrafas, nesta apenas as duas linhas finais foram escritas pelo punho da Raínha. Carlota Joaquina, fechada na sala *Dom Quixote* com as suas companheiras inseparáveis, a mulata Leonor, que a catava, e a açafata Antonita, que lhe cantava lunduns, sofria ainda, ao tempo, de perturbações gerais ligadas a uma menopausa difícil. Passava os dias conspirando, queixando-se de flatos, comprando as guardas do palácio, tecendo, entre um ramal de contas de Jerusalêm e uma tijela da Índia fumegante de caldo, a complicada teia da sua intriga política. Os apostólicos, os corcundas fiéis preparavam, por tôda a parte, em revoltas, em sedições, em pronunciamentos militares, o advento do seu arcanjo S. Miguel. Carlota Joaquina pressentia o regresso breve do filho. Mas que teriam feito dêsse filho os conselhos de Metternich, o destêrro de Viena de Áustria, as notícias hábilmente exploradas da morte misteriosa de D. João VI, vítima do veneno que, segundo os apostólicos, lhe ministrara Renduffe, e segundo os constitucionais lhe dera a Raínha? Continuaria D. Miguel a ser o mesmo para ela, — o seu arcanjo, o seu condestável, o seu braço

armado? Poderia contar ainda com êle, com o seu Nuno Álvares, com o seu Du Guesclin de Queluz, como na hora longínqua da *Jornada da Poeira?* Todos a alarmavam, todos a alanceavam de dúvidas, todos a aconselhavam a escrever ao filho. O próprio Latanzi, quando lhe vendia as jóias e a loiça da China, oferecia-se para ir a Viena levar as cartas ao senhor Infante. Pela carta de 29 de Outubro, sabe-se que Carlota Joaquina escreveu a D. Miguel três vezes, sem obter resposta: em 7 de Julho de 1826, — isto é, cinco dias depois da chegada de Lord Stuart, e um dia antes da apresentação da *Carta* de D. Pedro em conselho de ministros, nas Caldas; em 28 de Agosto do mesmo ano, — quer dizer, seis dias depois da sedição gorada de Lisboa, que havia de entregar a corôa a D. Miguel e a regência a Carlota Joaquina; e, finalmente, em 23 de Setembro de 1826, data que coincide com a dos boatos do próximo casamento do Infante em Viena e da sua possível coroação em Madrid. Todas estas cartas foram, naturalmente, interceptadas pelo govêrno português. A falta de resposta do filho determinou a Raínha a enviar à Áustria José Crisóstomo da Fonseca Osório, em Novembro de 1826, e, mais tarde, em 24 de Outubro de 1826, Francisco Martins, homem da sua inteira confiança. Ignoro o resultado da missão de que Carlota Joaquina

os incumbiu. Ignoro, mesmo, se a chegaram a cumprir. O que sôbre o assunto se sabe é o pouco que diz a carta encontrada no palácio das Necessidades. Reproduzo-a, textualmente:

«*Quelluz, 29 de Outubro de 1826.—Meu querido filho do meu coração: recebi huma carta tua de 17 do mez p. p.; a qual estimei muito por todos os motivos; eu não respondi até agora por ter passado mal, porem agora estou milhor graças a Deos, mas ainda não boa, rezão porque esta não vai da minha letra; mas podes descançar que é o mesmo que se eu a escrevesse, porque hé pessoa de todo o segredo. Ainda que não tenho tido resposta nenhuma a tres cartas rezervadas que te escrevi, huma em 7 de julho, outra em 28 de agosto e a terceira em 23 de Setembro, não hei de deixar de te avizar de tudo o que eu saiba a teu respeito, para que estejas prevenido e não caias nos laços que te querem armar para tua desgraça. Peço-te que ainda que te preguem e pintem com todas as bôas cores que elles possão a tua hida para o Rio de Janeiro, que não vás, porque eu sei que hé para te agarrarem lá e dar cabo de tim; nem metas o pé em nenhuma embarcação, e muito menos na Nao que vier do Rio de Janeiro buscar-te, porque sei de certo que está*

a trama armada para te sacrificar; pois os pedreiros, e os seus apaixonados, não querem que tu cá venhas nunca: entre tanto a Nação toda, e a tropa, não querem para seu Rey senão a tim, e estão fazendo os maiores sacrificios para o conseguir, como tu has de saber. Se ahi fôr hum homem chamado José Chrisostomo da Fonseca Ozorio e levar hum sello como éste que te remmeto dentro desta carta, falla-lhe por que vai mandado por mim para te dizer tudo o que eu não fio ao papel. Adeus meu querido filho da minha alma, recebe a benção de tua Mãy que muito te ama, — Carlota Joaquina.»

O sêlo a que Carlota Joaquina se refere encontra-se ainda dentro da carta, cuidadosamente embrulhado em algodão em rama. É batido sôbre dois pingos de lacre vermelho, num quadrado de papel com a rubrica da Raínha. Tem gravada uma chave — símbolo do segrêdo, e um nó de corda — símbolo da união.

A MUSA DAS RENDAS

Era ali em baixo, ao Tesouro Velho, numa lojinha de três metros quadrados, silenciosa como uma capela, exígua como uma caixa de confeitos, que D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro expunha as suas rendas. Recordo-me ainda da última visita que lá lhe fiz. Uma luz doirada e tranqüila de fim de tarde; dois ou três móveis portugueses; um molho de rosas frescas sangrando e abrindo nas goelas duma faiança, — e em volta, armadas sôbre almofadas de veludo, dezoito ou vinte pequeninas jóias brancas, mordidas de oiro aqui e além, finas como espuma, leves como pensamentos, expressão gloriosa e paciente de tudo quanto pode haver de encanto, de fragilidade e de graça na arte delicada da Mulher.

Perante êsses pequenos farrapos de Beleza, onde parecia estremecer e palpitar uma alma, não foi apenas a admiração que me venceu;

foi a ternura, também. No gesto de comovida curiosidade com que me curvei sôbre êsses leves sorrisos brancos, houve todo o inexprimível enternecimento duma lágrima. Evoquei e senti. Como a encantadora puerilidade que se chama uma renda pode, tocada pelo génio, resplandecer da mais nobre arte! Como essa maravilhosa ourivesaria da linha, ligeiramente picada e tecida na graça luminosa duma crista de espuma que se imobilizasse, consegue dar-nos a impressão magnífica da opulência e do movimento, do ritmo e da côr! Como êsse milagre de bilros, ao mesmo tempo carinhoso e esplêndido, pode fazer surgir a beleza de um floco confuso e inexpressivo de linho branco, — levemente, graciosamente, num frémito de asa, num gesto de vôo! E o meu olhar interessado percorreu, uma a uma, todas essas jóias quási impalpáveis, êsses breves estremecimentos de luz, êsses sopros de aragem materializados agora num leque de cravos ou de golfinhos, logo numa sôbre-cama de rosas bravas, — aqui num pára-luz Luís XVI, verde como uma onda mordida de espuma, além num mantéu de dona, picado de oiro à flor da carne, transparente e ligeiro, misterioso e antigo, como se a alma ansiosa de Columbano o tivesse surpreendido, à luz das velhas aranhas de prata, num serenim distante de Queluz...

Lembro-me bem. Um sol fulvo ardia, lá fora. Não tive coragem para deixar aquele interior silencioso de oficina, aquela penumbra doirada de capela. Fiquei ainda um momento. Por sôbre êsses flocos brancos e harmoniosos onde relíquias de luz estremeciam, julguei ver, num passageiro instante, numa névoa fugitiva, numa revoada branca, erguidas em gestos de graça e de bênção, mãos ligeiras, mãos resignadas, mãos melodiosas de mulher, entre cujos dedos brincavam, dançavam, floriam eternamente, como um suplício, pequeninos bilros de madeira...

A BRICHOTA

Está por fazer, sôbre tudo quanto às suas determinantes de carácter íntimo, a história da conjuração de palácio que destituiu Afonso VI.

Como se sabe, M.elle de Nemours tinha a fama de uma autêntica *demi-vierge* quando deixou a côrte de França para vir ser raínha em Portugal. Era uma mulher inteligente, interessante, educada na côrte de Luís XIV (1) e herdeira do feitio aventureiro e apaixonado do pai, o Duque de Nemours, criatura singular, meio *virtuose*, meio poeta, compositor de pantomimas que se dançaram em Versailles, e morto em duelo pelo cunhado aos 34 anos de idade (2). Mr. de Lionne investira-a, natural-

(1) *Conversations inédites de Madame de Maintenon, precedées d'une notice historique par Mr. de Monmerque*. Paris, 1828, pag. 24.

(2) *Siècle de Louis XIV*, 67.

mente, na missão diplomática de todas as raínhas: dominar o rei pelos seus encantos de mulher e preparar em Portugal a política da França. Nada mais fácil. Afonso VI era aleijado e idiota; pelo menos, tôda a gente o supunha como tal em Paris (1), — e o Marquês de Sande não tinha coragem para afirmar o contrário. M.elle de Nemours sabia o que vinha encontrar. «*Il est constant que la Reine n'ignorait aucune de ces circonstances avant de partir pour l'epouser*», — dizia, em carta para Londres, o embaixador inglês Southwel (2). Quando entrou em Lisboa, no seu côche doirado sem tejadilho, sob o enorme chapéu de sol de chamalote vermelho que um moço-da-câmara erguia como uma umbela (3), — compreendeu logo que teria no Conde de Castelo Melhor um inimigo implacável e no infante D. Pedro um aliado fiel. Assentada ao lado do Rei e na frente do Infante, o seu instinto de mulher não pôde furtar-se à comparação dos dois irmãos: um, acanhado, imbecil, obeso,

(1) *Memoires de Mademoiselle de Montpensier,* tômo IV, pag. 26 e seg.

(2) *Histoire du Détrônement de Alfonse VI, contenue dans les lettres de Robert Southwel,* pag. 25 e seg.

(3) Bibl. Nac. de Lisboa, *Mss.*, F. A., códice 749, fl. 113, v.

flácido, loiro, meio aleijado do braço direito, a titubiar e a escarrar constantemente sôbre a estribeira do côche; o outro, esbelto, hercúleo, dominador, brutal, escuro como um cigano, expressão máscula e possante do homem trigueiro de Espanha como a sua imaginação de francesa o tinha sonhado. Desde êsse dia, um violento interêsse sensual, uma invencível atracção física pelo cunhado dominaram tôda a sua vida de mulher. Era preciso eliminar Afonso VI. Essa eliminação não seria possível emquanto junto dêle estivesse o Conde de Castelo Melhor. Foi, portanto, contra o ministro que se armou desde logo todo o poder da sua intriga e da sua astúcia. Quinze dias depois, já o Conde se queixava ao Abade de Saint-Romain, embaixador de França, de que a Raínha começava a atacá-lo em diversos negócios do govêrno. Passado um mês, a inteligente francesa assistia ao conselho de Estado que havia de resolver os conflitos suscitados entre o Infante e o Rei, — conflitos que ela própria criara e provocara. Afonso VI, cada vez mais louco e mais intratável, encolhia-se, fugia, não queria ouvir falar no irmão, nem no Conde, nem na *Brichota,* como êle chamava à Raínha, — rodava de côche para Odivelas a ver sóror Ana de Moura, corria a S. Nicolau a ouvir cantar à viola Francisca Barreto, ou me-

tia-se pela Alfama com os seus mulatos e tôda a mafra-baixa, a lâmina da espada pintada de negro para não luzir na escuridão, cheio de bentinhos e de rosários, ferindo, esbofeteando, insultando tôda a gente. A situação do ministro era insustentável. O infante D. Pedro, alegando incompatibilidade com o valido, recolhera-se a Queluz; a Raínha, mancomunada com um frade agostinho, com o conde de Sarzedas e com o doutor Pedro Fernandes, juiz da Inconfidência, acusava Castelo Melhor de querer dar peçonha ao infante na água duma fonte do palácio (1). Na côrte murmurava-se. O povo retraía-se. Uma atmosfera hostil envolvia já o ministro de Afonso VI. Chegavam a compará-lo a Agostinho Nunes, a João de Matos, a António Conti, ao negro Marçal, — alcoviteiros e sicários do Rei. Era inútil lutar. Na mesma noite em que soube que o acusavam de querer envenenar o Infante, Castelo Melhor depôs a sua demissão nas mãos vacilantes do monarca e partiu, escoltado, para o convento da Arrábida. A primeira cartada estava ganha.

Depois de um curto período em que despachou Enrique Enriques de Miranda, foi nomeado

---

(1) Tôrre do Tombo, *Mss.*, códice n.º 817, *Epitome da vida de D. Afonso VI*, cap. VIII.

secretário de Estado António de Sousa de Macedo. Mal investido no cargo que o môço Conde honrara, Macedo, que não tinha nem o talento, nem a prudência, nem o tacto político do seu antecessor, tomou imediatamente a ofensiva contra o partido da Raínha. O Infante, que um momento voltara ao paço, deixou de aparecer nêle. Isabel de Nemours refugiava-se no seu quarto, com os jesuítas, as capuchas francesas e a velha Duverger. Perdera-se a noção do respeito e da decência. O reposteiro Manuel Antunes, muito conhecido por ter «um ôlho branco e outro negro» (1), e o sangrador do paço, Manuel Rodrigues, citado na literatura médica do tempo pela sua «fraqueza de rins contraída no muito uso de Vénus» (2), traziam de noite mulheres ao Rei, passando com elas por diante da guarda dos tudescos. Nas próprias janelas do palácio real debruçavam-se mulheres públicas. Quando a Raínha, pelas festas de Santo António, de 1667, apenas com um ano de casada, assistia duma va-

(1) *Monstruosidades do tempo e da fortuna*, pag. 19— «Era homem de índole perversa, filho dum guarda da Tapada de Vila Viçosa» (Tôrre do Tombo, *Mss.*, códice n.º 817).

(2) Curvo Semmedo, *Poliantéa*, p. 378.

randa à corrida de toiros do Terreiro do Paço, uma das *Calcanhares,* a quem o *Sacristan de Trocas* pusera a alcunha de «*privilegios de las mujeres*», espeitorava-se das janelas do rei. O secretário de Estado não se limitava a permitir êstes escândalos; incitava o Rei a cometê-los. Nessa mesma tarde, interrompida a toirada, Isabel de Nemours chamou o valido ao seu quarto e repreendeu-o. Macedo, «sem lhe falar com a devida reverência, atreveu-se a levantar as vozes e a pegar-lhe das roupas» (1). A violência inesperada do insulto desconcertou a Raínha. Vèxada, escreveu a Afonso VI exigindo a demissão de António de Macedo: o Rei nem abriu a carta, — e manteve-o. Nunca a situação fôra mais tensa. De acôrdo com o Abade de Saint-Romain, o secretário da Raínha, Verjus, julgou oportuno o momento para um golpe de Estado. O infante D. Pedro, espada em punho, invade o paço à frente do povo e impõe a destituïção do valido. Afonso VI, tomado de fúria, arrepela-se, grita, treme todo, numa convulsão: — «Uma navalha! uma navalha!» A *Brichota* aparece, tenta acalmar o marido; é pior ainda. — «Nem amansa à vista da vaca!» — comenta grosseiramente o

(1) *Monstruosidades,* pag. 11.

Marquês de Cascais (1). A bôca espuma-lhe; uiva como uma fera; gesticula descompassadamente com o braço aleijado; chora, — e o triste espectáculo só termina quando o Duque de Cadaval lhe traz, ainda vivo, o escrivão da puridade. O senado da Câmara pede a convocação das Côrtes. O conselho de Estado, na presença da Raínha e do Infante, vota a convocação imediata. É lavrado o decreto demitindo António de Sousa de Macedo. O Rei estava sòzinho e entregue a si próprio. Isabel de Nemours ganhara a segunda cartada.

O resto era fácil. Nada se opunha já à execução dos planos torpes do jesuíta Ávila, confessor da Raínha. O próprio cabido da Sé arqui-episcopal e o Bispo de Tagra estavam na confidência. A 20 de Novembro, sob pretexto de que a marquesa velha de Castelo Melhor, mãe do Conde exilado, lhe dissera conhecer «uma comadre perita no seu ofício e de segrêdo, que lhe faria uma obra natural e podia sua majestade ser mulher de el-rei», (2) — a Raínha despediu-a do cargo de camareira-mor e proibiu-lhe a entrada na sua câmara. Como a

---

(1) *Monstruosidades*, pag. 18.

(2) Tôrre do Tombo, *Mss.*, códice n.º 817, cap. VII.

velha fidalga fôsse queixar-se ao rei, Afonso VI, que andava pelo paço armado de facas e de pistolas, ordenou-lhe que continuasse a servir o cargo e que, «se a *Brichota* lhe fizesse mal, lhe cortava as pernas com uma navalha» (1). No dia 21, Isabel de Nemours saíu do paço, onde perigava a sua vida, segundo dizia a camarilha francesa, embiocou-se num rebuço negro de viúva e foi meter-se no convento da Esperança. O Rei soube; correu como um doido ao mosteiro; encontrou fechados os pesados batentes da portaria, e desatou a gritar que «trouxessem machados e quebrassem as portas» (2). Arrancaram-no dali ofegante, prostrado, o corpo flácido agitado num tremor convulsivo. Levado para o paço pelos criados, deitou-se a dormir como se nada fôsse com êle. Á noite, dois dos poucos amigos que ainda lhe restavam, o Conde de Santiago e Rui de Moura Teles, constando-lhes que se projectava a prisão do Rei, quiseram salvá-lo, conduzindo-o primeiro a Aldeia Galega e depois a Elvas. Quando já estava a galeota no cais e os remos na água, Afonso VI declarou «que não ia sem

(1) *Monstruosidades,* pag. 22.

(2) Tôrre do Tombo, *Col. de S. Vicente,* liv. 13, fl. 251, v.

levar a Joana», (1) — uma rapariga de 15 anos, Joana Tomásia, que o criado Gaspar Pinheiro trouxera pela primeira vez ao paço «na noite antes do dia em que a Raínha se recolheu na Esperança» (2). Não lhe deixaram levar a Joana, — e o Rei não fugiu. Na manhã de 22, o Marquês de Cascais, velho bobo da côrte que passou a vida a rir de tudo, entra na câmara do Rei, abre-lhe as cortinas do leito, acorda-o, entrega-lhe uma faca e diz-lhe, naquela voz fanhosa que lhe merecera a alcunha de *Marquês de Sagarralles:* — «Vós, Senhor, nascestes tolo e não sois para rei nem para casado». Afonso VI, estremunhado, não entende, abre muito os olhos, ri-se para o Marquês, que trejeita diante dêle, e só tem a consciência da situação quando o velho fidalgo o aconselha, claramente, a entregar o govêrno ao irmão «antes que quatro marotos lh'o venham tirar por fôrça». Daí por diante, o Rei faz dó. Levanta-se da cama em camisa, corre pelo quarto desvairadamente, atira consigo sôbre o leito,

(1) Tôrre do Tombo, *Mss.*, códice n.º 817, *Epitome*, cap. XI.

(2) Tôrre do Tombo, *Mss.*, códice n.º 398. — Esta Joana tinha sido desonestada, seis meses antes, por Enrique Enriques de Miranda.

e com a cabeça escondida debaixo do cabeçal, a tremer e a soluçar, diz ao Marquês de Cascais «que se deita duma janela abaixo se lhe tiram o reino» (1). O conselho de Estado, reünido desde manhã na Sala dos Escudeiros, entra na câmara do rei, ajoelha protocolarmente diante dêsse pobre idiota que mal tem tempo de envolver numa coberta velha de grã de Inglaterra a sua nudez loira, gelatinosa e balofa; e, com o ritual de quem suplica uma graça, comina-lhe a abdicação imediata e a entrega do poder ao infante D. Pedro. — «Não quero, não quero! Mato-me com uma faca!» Pouco depois, perante o povo que invadira o paço, e na presença do conselho de Estado, do Senado da Câmara e da casa dos Vinte e Quatro, reünidos na sala grande, junto à galeria dos tudescos, o Infante declara que acaba de deixar o Rei preso na sua câmara, e assina, em nome do irmão, a carta de convocação das Côrtes. Consumara-se o golpe de Estado. Áquela mesma hora, no côro-de-cima do convento da Esperança, rodeada de freiras que entoavam a antífona «*Oh rei glorioso!*», a Raínha recebia directamente do Infante, num

(1) Tôrre do Tombo, *Mss.*, códice n.º 817, *Epitome*, cap. XI.

bilhete de amor, a notícia da destituïção do rei seu marido. A terceira cartada estava ganha também.

Faltava a última, a decisiva, que ia jogar-se, primeiro na casa da Relação eclesiástica do arcebispo de Lisboa; depois em França; por fim em Roma, entre as tapeçarias silenciosas do Vaticano, — e que, uma vez ganha ainda, levaria o incesto ao leito da *Brichota* e a púrpura ao Cardeal d'Estrées (1). Nessa mesma noite de 22, Isabel de Nemours, fechada na casa do capítulo com o Abade de Saint-Romain, o confessor padre Ávila e o secretário Verjus, firmava pelo seu próprio punho uma carta admiràvelmente escrita pelo jesuíta francês e dirigida ao cabido da Sé de Lisboa, ao tempo *sede vacante,* em que a Raínha fazia a seguinte declaração formal: «Aparto-me da companhia de S. M., que Deus guarde, por não haver tido efeito o matrimónio em que nos concertámos, e por não poder sofrer por mais tempo os escrúpulos da minha consciência, que o amor que tenho e me merecem êstes reinos me fêz dissimular até agora» (2). Ao fim de

(1) *Memoires de Mademoiselle de Montpensier,* V, pag. 511 e seg.

(2) Tôrre do Tombo, *Mss.,* códice n.° 498.

dezasseis meses de coabitação com o marido e depois de ter escrito para França «*qu'elle avoit epousé le plus honnête homme du monde, que rien ne manqueroit à son bonheur lorsqu'elle auroit un enfant, qu'elle esperoit d'en avoir bientôt*» (1), a *Brichota* declarava-se virgem, pedia ao cabido para voltar para França e acusava Afonso VI de incapaz de consumar matrimónio. Quando falava a Raínha verdade? Quando escrevia a *Mademoiselle* de Montpensier, ou quando se dirigia ao cabido da Sé de Lisboa? Quando mentia o próprio embaixador francês? Quando notificava a Mr. de Lionne, em 9 de Dezembro de 1666, que a Raínha estava no seu estado interessante (2), ou quando afirmava, em Março de 1668, que ela se conservava virgem? Quando nos deve merecer crédito o jesuíta Verjus, — escrevendo hoje a Colbert «que o rei se deitava todas as tardes com a raínha» (3), ou insinuando àmanhã ao Cardeal de Vendôma que Afonso VI não era, de facto, marido de Isabel de Nemours?

(1) *Memoires de Mademoiselle de Montpensier*, loc. cit.

(2) Arquivos dos Negócios Estrangeiros de França, *Correspondência de Portugal*, vol. IV, fl. 360.

(3) Carta de 9 de Agosto de 1666. — *In* Francisque Michel, *Les Portugais en France*, pag. 65.

O processo, documento deplorável do impudor duma mulher e da insensatez moral duma época, seguiu os seus trâmites na cúria eclesiástica; a Raínha constituiu seu procurador na causa o Duque de Cadaval, acolitado pelo capelo vermelho do desembargador Serrão e pela argúcia do licenciado Maia; inquiriram-se vinte e seis testemunhas, quási todas mulheres de má nota; ouviram-se, como peritos, os médicos Manuel dos Reis e António Ferreira; praticou-se muita infâmia, talvez inútil; e, finalmente, ao termo de quatro longos meses (24 de Março de 1668), os juízes na causa da Raínha pronunciaram a sentença final, lançada a fls. 151 do processo, na qual, por motivo de incapacidade perpétua *quoad virgines,* resultante da antiga paralisia do Rei, o matrimónio de Afonso VI e da princesa de Nemours e Aumale era julgado por contraído de direito e não de facto, e declarado nulo. Quatro dias antes (20 de Março) já o Bispo de Tagra recebera das mãos de Luís de Verjus, na capela do paço real, a bula de dispensa de matrimónio passada com autoridade apostólica pelo Cardeal de Vendôma, legado *a latere* de Clemente IX ao rei de França, a favor do infante D. Pedro e de Isabel de Nemours, permitindo-lhes o casamento sem embargo do impedimento *in primu gradu publicæ honestatis.* Ainda um matrimónio não

fôra anulado por sentença, já estava autorizado o outro! A *Brichota,* que tinha começado por escandalizar Lisboa mostrando as pernas nas ruas da cidade (1), conseguira emfim legalizar, mais ou menos canónicamente, o seu concubinato.

Estava ganha a partida.

(1) Laporte, *Le voyageur de l'Europe,* II, pag. 225.

DUQUESA DE BORGONHA

Sabe-se que, em 1428, D. João I mandou o Bispo do Algarve e o dr. Fernão Afonso embaixadores a França, para tratarem do casamento da Infanta Isabel com o Duque de Borgonha e Conde de Flandres, Filipe o *Bom*. Um ano depois, os embaixadores do Duque entravam em Lisboa, e, com êles, «*Maître Jean, valet de chambre du Duc de Bourgogne, fameux dans l'art de la peinture*», encarregado naturalmente de pintar, para o futuro marido, o retrato da Infanta portuguesa. O Duque tinha sido pouco feliz nos seus dois casamentos. A primeira mulher, Micaela, filha de Carlos VI de França, um louco furioso (1), era estéril; estéril fôra também a segunda mulher, filha de Filipe de Artois: aos médicos do ilustre príncipe,

(1) *Religieux de Saint-Denis*, tômo II, 19.

«à ses six docteurs médecins» (1), tinha parecido conveniente conhecer o retrato da presumível terceira espôsa, na convicção, corrente ao tempo, de que a infecundidade se manifestava, na mulher, por sinais ou acidentes fisionómicos determinados. *Maître Jean*, que era o grande pintor flamengo João Van-Eyck, cumpriu necessàriamente a sua missão diplomática, e o retrato da futura Duquesa de Borgonha, pintado em Estremoz, foi enviado em Janeiro de 1429 para Flandres. Êsse retrato perdeu-se, como supõem Growe e Cavalcaselle, Springer e Laborde (2), — ou existe ainda? Se existe, onde se encontra? Na biblioteca de Bruxelas, onde, como refere Raczynsk (3), o viu o Conde de Lavradio? Em Paris, como quer o barão Hervin de Lettenhove? (4)

Encontra-se no Louvre, de facto, um retrato de Isabel de Portugal, duquesa de Borgonha, admiràvelmente reproduzido pela fototipia no

(1) Oliver de la Marche, *L'état de la Maison du Duc de Bourgone*, in *Col. Petitot*, 1.ª, 10, 492.

(2) Joaquim de Vasconcelos, *Arqueologia Artística*, 1, 95.

(3) *Les Arts*, 196.

(4) Chamou a minha atenção sôbre a opinião de Lettenhove uma referência de José Queirós no *Diário de Notícias* de 15 de Novembro de 1907.

livro de Lettenhove, *La Toison d'Or*, e muito interessante, quer sob o aspecto médico, pelos estigmas de degenerescência que revela, quer sob o ponto de vista da história da indumentária secular do século XV, pela preciosa documentação que fornece. É êste o retrato pintado por Van Eyck em Portugal? Não se sabe. Sabe-se apenas — e é o que mais importa — que a retratada é a infanta portuguesa D. Isabel, terceira mulher de Filipe, o *Bom* (1). Isabel de Portugal aparece-nos na tábua do Louvre em tôda a evidência da sua maravilhosa fealdade, — o que me leva a crer que não será êste o retrato da «*belle portugaloise*» a que se refere o inventário autógrafo de Margarida de Áustria (1516). É uma mulher ainda nova, com certa doçura de expressão, os olhos baixos, o nariz grande, a face comprida, a testa enorme sob o imenso toucado borgonhês de brocado de oiro e pérolas. No peito, chato e nu, mal se adivinha a apojadura nascente dos seios. A estigmatização somática revelada na cabeça é notável: aumento do diâmetro vertical e diminuïção do transverso da face; assimetria facial tornada mais evidente nas linhas dos supercílios, finas,

(1) Durante muito tempo, supôs-se que era o retrato de Isabel da Baviera *(Dr. José de Figueiredo)*.

altas, lineares, desiguais; lóbulos da orelha aderentes; altura considerável do lábio superior; hipertrofia do inferior, desacompanhada de prognatismo sensível. Julgou-se que o beiço pendente e grosso, tão característico das fisionomias célebres de Carlos V, de Filipe II e de alguns Braganças como D. José e D. João VI, era um acidente fisionómico típico e, por assim dizer, exclusivo da casa de Áustria e dos ramos dinásticos provenientes dos Habsburgos. Puro engano. A hipertrofia do lábio inferior, antes de se verificar na «face austríaca», existia já, remotamente, noutras estirpes reais. Houve beiços grossos na descendência do duque Filipe, o *Bom:* em Carlos, o *Temerário* (iluminura do *Ms.* 9098 da Bibl. Real da Bélgica); em Maria de Borgonha, mulher do imperador Maximiliano II, de quem Leonor de Áustria disse, abrindo-lhe o túmulo de Dijon: «*Je pensois que nous tenismes nos bouches de ceux d'Austriche, mays, a ce que je voys, nous les tenons de Marie de Bourgogne...*» (1). Êstes factos levaram o erudito Bouchot a concluir: «*La bouche tombante est, comme la Toison d'Or, une création française.*» O retrato de Isabel de Portugal, que seria curioso comparar com o do

(1) Brantôme, *Memoires*, II, 88.

políptico de Beaume (Rogier Van-der-Weyden) e com o do vitral de Santa Farailda em Gand (Roger Stoop), tem, além doutros interêsses, o de nos mostrar que a hipertrofia do lábio inferior, antes de se instalar como estigma familiar característico na casa ducal de Borgonha, já existia nas genealogias reais portuguesas. Não irei até ao ponto de afirmar que foi pelo casamento do duque Filipe com Isabel de Portugal que o lábio austro-borgonhês se transmitiu a todos os Habsburgos e a todos os Bourbons das dinastias europeias; Chastellain diz-nos que Carlos, o *Temerário*, «*avait la bouche du père, grossette et vermeille*», (1) o que bastaria para tirar àquela afirmação todo o carácter absoluto; mas, estando averiguado que os estigmas somáticos maternos se transmitem mais constantemente à descendência do que os paternos, isto é, que a mãe é melhor transmissora do que o pai, não será arriscado concluir, perante a pintura de Van-Eyck (?), que o beiço grosso típico entrou na casa ducal borgonhesa com Isabel de Portugal, mulher de Filipe, o *Bom*, e passou depois à casa de Áustria com Maria de Borgonha, mulher de Maximiliano II.

É isto o que a tábua sugere sob o aspecto

(1) *Chroniques*, 14.

médico. Sob o ponto de vista da história da indumentária e dos costumes, não é menos curioso o retrato da Duquesa de Borgonha. O toucado com que se apresenta, na admirável tábua flamenga, a filha de D. João I, é aquele a que ao tempo se chamava em Portugal «toqueixo» ou «forcarete» (1), e que o velho Jacques du Clerc descreve nas mulheres borgonhesas: «*Elles portoient sur leurs chiefs bourlets en manière de bonnets ronds, en diminuant par dessus de la haulteur de demie aulne, ou trois quartiers de long, aucunes moins, austres plus, et déliés couverchefs par dessus pendans par derrière jusques en terre*» (2). No retrato, êste toucado dá-nos a impressão de assentar sôbre o crâneo nu: a Duquesa tem, visìvelmente, o cabelo rapado à navalha nas fontes, acima das orelhas, moda extravagante que devia ao tempo ser comum a ambos os sexos, porque o próprio duque Filipe aparece, numa tábua do Museu de Antuérpia, atribuída a Van-der-Weyden, com a cabeça rapada nas têmporas até grande altura. A fealdade de Isabel de Portugal explica-nos hoje, até certo ponto, o excesso delirante do

(1) *Provas da Hist. Geneal. da Casa Real Portuguesa*, I, 67.

(2) Jacques du Clerq, *Memoires*, liv. 6.º, cap. III.

seu ciúme pelo marido. Foi, disse Commines, «*la plus soupçonneuse Dame qu'on eust jamais congneue*» (1). O Duque deu-lhe motivos para isso, — porque a própria ordem do Tosão de Oiro, criada no dia do casamento de Filipe o *Bom* com Isabel de Portugal, «*aurait été crée* — o que Hervyn de Lettenhove contesta — *en souvenir d'une jolie brugeoise aux cheveux dorés, tout comme la Jarretière avait été instituée en l'honneur de la belle comtesse de Salisbury et comme l'Annonciade avait pour origine la galanterie d'Amedée IV, comte de Savoie...*»

(1) *Memoires*, cap. I.

FREIRINHAS DE S. BENTO

Nos primeiros dias de Outubro de 1878, o Arcebispo de Braga, D. Gaspar, teve denúncia de que no mosteiro das bentas de Viana do Castelo continuavam os graves escândalos que já tinham valido admoestações a algumas religiosas. Certos pormenores que chegaram ao seu conhecimento encheram de santa indignação o prelado. Era preciso punir as criminosas e chamar o velho mosteiro de S. Bento ao zêlo da observância. No dia 10 de Outubro foi expedido ao vigário-geral da comarca de Valença, desembargador João Manuel Pereira do Lago, um decreto de D. Gaspar mandando-o visitar o convento, entrar na clausura e tirar devassa. Os quesitos eram vinte e quatro, redigidos pelo próprio punho do Arcebispo. As freiras confessavam-se, comungavam, ouviam missas, cumpriam rigorosamente as constituïções e a regra? Traziam vestidos decotados, toucas que lhes

descobrissem os cabelos? Bailavam? Representavam comédias e entremezes? Dormiam juntas nas mesmas celas? Namoravam das janelas para o pátio? Falavam espeitoradas dos mirantes? Ficavam meninos (!) de noite no convento? As religiosas iam sem toucado à grade ou à porta do carro? Alguém passava, de dia, da casa da roda? Alguém violava de noite a clausura? Quem guardava as chaves do locutório, da portaria, da cêrca, do cerrado? Quais eram as freiras que se correspondiam com homens? Quais as que desonravam a majestade do seu hábito? Tudo isso desejava saber o Arcebispo D. Gaspar, nascido dos amores sacrílegos de D. João V e duma freira bernarda de Odivelas, e, talvez por isso mesmo, implacável para os galanteios e para as mundanidades das religiosas.

A devassa principiou a 17 de Outubro, sendo ouvidas, em primeiro lugar, a Abadessa e as madres discretas do mosteiro, quási todas septuagenárias. Declararam em geral, madres e jerarquias, que tudo corria pelo melhor naquela casa de Deus e de S. Bento, referindo-se apenas a três freiras que davam escândalo, sóror Maria Josefa de Santa Teresa, sóror Ventura do Sacramento e sóror Maria Rosa de S. João — três só — o que, no fim do século XVIII e num mosteiro de religiosas bentas, podia con-

siderar-se excepcional exemplo de observância e de bons costumes. Mas o desembargador vigário-geral não se contentou com meias-palavras e quis saber tudo. Encavalou no nariz os quevedos de coiro, releu os quesitos, prescrutou, farejou, interrogou. Que escândalo davam as madres? Quem eram elas? Que costumes tinham? Porque não eram observantes? Porque não as castigava a prelada? Para que serviam a regra, as constituïções, o jejum, o cárcere, o silêncio, e cêpo? A abadessa titubeou; o escrivão esbogalhou os olhos; e as madres discretas, vencendo o pudor dos seus virginais setenta anos, entraram em singulares pormenores. As três freiras acusadas andavam sempre em «bulhas, zelos, ciúmes, prantos e dores, de tal sorte que davam pancada umas nas outras, apelidando à voz de el-rei e armando gritaria que amotinava todo o convento». Qual a principal culpada? Sóror Maria Josefa de Santa Teresa, que as madres, nos seus depoimentos, pintaram como desenvolta, indisciplinada, gimnandra, masculina, viril. O vigário benzeu-se, pasmou, e, ouvidas as velhas, passou às môças. Todas elas caíram, numa acusação cerrada, sôbre as três delinqüentes. O mal estava nelas; eram as ovelhas gafas do mosteiro; o resto tudo era virtude, penitência, recolhimento, castidade, pureza, mortificação. Podia Sua Ilustríssima o

senhor Arcebispo repousar no seu santo zêlo pastoral. Tiradas as três serpentes, ficava o convento um ramalhete de flores. O escrivão tossiu; o visitador fungou no seu alcobaça; a Abadessa, que ainda era môça, pôs os olhos em alvo, — e já andava perto de vésperas quando as três acusadas compareceram perante o doutor João Manuel Pereira do Lago. Iam falar as «serpentes». Para se defenderem? Não. Para acusarem. A sua qualidade de espôsas-virgens do Senhor não as fizera menos vingativas, menos rancorosas, — menos mulheres. Tinham-nas picado? Pois bem. Suas Reverências escandalosíssimas arreavam a ceira — e iam pôr a calva à mostra a todo o mosteiro. E puseram. Nenhuma das três teve papas na língua. Mas quem falou mais claro foi a desenvolta sóror Maria Josefa de Santa Teresa. O senhor Arcebispo havia de saber tudo. O senhor vigário geral havia de conhecer com quem lidava. Cuidavam que Madre Catarina Rosa de Sena era uma santa? Pois Agostinho de Magalhães, da rua da Piedade, entrava de noite na cêrca para falar com ela Viam Madre Maria Madalena Evangelista sempre de olhos no chão? Pois tinha amores com Pedro da Cunha, homem casado da rua da Bandeira. E a Abadessa? Todos na vila sabiam que namorava Martinho Quesado. E sóror Antónia Joaquina do Menino

Jesus? Falava a um espanhol. E a sonsa da madre escrivã? Andava metida com Francisco Vieira, cónego da Sé. E...

O vigário, atónito, amarrou as mãos à cabeça. A garrida do mosteiro tangeu a vésperas. No dia seguinte, a devassa continuou.

AS CÓMICAS DO BAIRRO ALTO

Entre os documentos, ainda inéditos, da *Colecção Pombalina*, existe uma dezena de cartas autógrafas que me parecem interessantes como subsídio para o estudo da sociedade portuguesa no último quartel do século XVIII. Essas cartas são datadas de Fevereiro e Março de 1771; escritas no mais elegante francês setecentista; dirigidas a *Mr. le Comte Président*, isto é, ao Conde de Oeiras, D. Enrique José de Carvalho e Melo, presidente do Senado da Câmara de Lisboa, — e assinadas por *Gaubier de Barrault*. Da leitura dêsses documentos cheios de interêsse, de colorido e de vivacidade, depreende-se que o seu autor devia ser um homem môço, dado a mulheres, eminentemente observador e naturalmente espirituoso; que vivia na intimidade da família Pombal, freqüentando não só a casa do Marquês, mas também as dos genros, e, em especial, a do Conde de Sampaio, a

S. Paulo, e a de Cristóvão Manuel de Vilhena, ao cruzeiro de Arroios; que o Conde de Oeiras, muito assíduo junto de cómicas italianas a-pesar-de casado com a linda D. Maria Antónia de Menezes, o distinguia com as suas confidências e com a sua amizade; que o mesmo Conde, nas suas ausências de Lisboa, determinadas naturalmente pela administração dos negócios particulares da sua casa, o encarregava de noticiar-lhe todos os acontecimentos da côrte e, com escrupuloso cuidado, todos os escândalos das bailarinas e das cómicas célebres do teatro do Bairro Alto, muito visitado então pelos Marqueses de Pombal, pelo próprio Rei e por tôda a nobreza.

Quem seria Gaubier de Barrault? Um dos muitos estrangeiros que a criação das grandes manufacturas chamou a Portugal? Um simples parasita da casa dos Marqueses, como o doutor Eusébio de Almeida, que passava a vida a pedir dinheiro para botas *(Pomb.,* cod. 619, *in fine),* ou como êsses aventureiros que *sir* William Costigan nos descreve no seu livro *Sketches of Society and manners in Portugal,* «atendidos sempre do velho Marquês logo que lhe falavam mal de clérigos e de frades»? Não. Nem uma coisa, nem outra. Sulpício Gaubier de Barrault era um oficial francês contratado para servir nos exércitos de Portugal; que em Portugal

atingiu os mais altos postos militares; e cujas tendências literárias, nítidamente acentuadas nas suas cartas inéditas, se afirmaram, um ano depois, pela publicação duma versão francesa das oitavas camoneanas do Adamastor, «*ouvrage dédié et présenté au Roi par Sulpice Gaubier de Barrault, major de place de Lisbonne*».

A parte mais curiosa das cartas de Gaubier é aquela que se refere aos teatros do tempo, e, designadamente, ao teatro do Bairro Alto, situado nas casas e pátio do Conde de Soure, em Lisboa, a cuja porta paravam, em noites de comédia, todos os côches, seges, estufas, calejas e florões da alta nobreza e do alto comércio; cujas tablas foram pisadas pelas primeiras bailarinas e pelas mais notáveis cómicas italianas do fim do século XVIII, e cuja vida íntima de amores e de escândalos galantes mereceu ao rei D. José, à raínha Mariana Vitória, ao Marquês e à propria Marquesa de Pombal, a mais inexplicável atenção e o mais singular interêsse. Através das cartas de Gaubier de Barrault passam todas as figuras marcantes do meio teatral português de 1771: — o maestro Scolari, hercúleo e insolente; o violinista Todi; Luísa Rosa de Aguiar (depois Luísa Todi); Cecília Rosa; a graciosíssima Pepa Olivares; Angiola Bruza, admirável no *travesti;* a bailarina Rosa

Campora, amante do director da Fábrica de Faiança (*«l'homme de fayance»*, como lhe chama Gaubier); tôdas as aventuras da plutocracia pombalina e dos casquilhos de peruca *à la greca,* todas as pernas bonitas e todas as ancas nervosas que se desnalgavam no fandango e na fôfa. O amigo do Conde de Oeiras conhecia-as como os seus dedos e cortejava-as como um bom francês. Era certo no seu camarote, contíguo ao da Condessa de Soure. Uma das noites em que o filho de Pombal não pôde assistir à ópera, escreveu-lhe Gaubier, pontualmente: «*Louise* (Luísa Todi) *n'a jamais chanté si juste ni avec autant de voix; Maria Joaquina a deux très beaux airs qu'elle exécute bien. Trebbi (?) est un beau Jure. Calcini, premier eunuque, s'est habillé de façon qu'il ressemble un vieux châtre reformé de la Patriarchale. Cecile* (Cecília Rosa de Aguiar) *en turc, est passable. Isabelle a deux ariettes legères dont elle se tire fort joliment; mais Louise a dans le second acte une ariette qui est magnifique et qu'elle a chanté superieurement. Nous sommes privés dans cette opera du plaisir d'entendre M.elle Bruza* (Angiola Bruza). *Le public, non content d'applaudir les acteurs, redoublait de battements de mains à chaque beau morceau de l'ouvrage, en criant «vivat Scolari». La Augusta etait hier à la mort,*

sans esperance, d'une inflammation de matrice dont elle souffre depuis dix jours.» Com a mesma exactidão de pormenores descreve Gaubier de Barrault uma scena de pugilato entre o maestro Scolari e o rabequista Todi, em plena representação da ópera de Piccini, *Incognita perseguitata*. Pedro cantava uma arieta. Scolari, bêbado, que queria o andamento mais *presto*, começou a acompanhar no cravo brutalmente e, voltando-se para Todi, chamou-lhe «porco». Todi, furioso, levanta-se e chama-lhe «asno». Scolari arremete; Todi quer quebrar-lhe o violino na cabeça. A confusão é medonha: dois soldados avançam; Luísa, que cantava, desata a gritar ao ver preso o marido; a ópera vai interromper-se, — mas a *petite Isabelle* (?) salva tudo, canta de improviso a parte da Todi, o público serena, a Marquesa de Pombal intervém, chama ao camarote os maestros desavindos, admoesta-os em italiano, e o sossêgo restabelece-se. Comenta depois Barrault: «*Quoique Todi soit un crâne, il n'avait cependant pas le prémier tort; Scolari est un insolent qui vient presque tous les jours ivre au théatre; depuis qu'il est ici a fait vingt de ces incartades. La même chose lui est arrivée avec la Sestini et la Falchini, et, tous les jours ci, il a quelques duretés obscenes a dire, à ces pauvres filles. C'est un fort bon*

musicien, mais c'est un fort dangereux et brutal personnage.» Mas os escândalos não cessam. Em seguida ao de Scolari, vem o de Rosa Campora, dançarina de 3.ª ordem da Rua dos Condes, que trabalhava na ópera italiana sob a direcção de Bruno, e que era protegida pelo «*homme de fayance*». Como a tivessem mandado dançar com o bailarino Brambila, marido da 1.ª actriz, que tinha sido cabeleireiro dela e que ainda frisava, riçava e polvilhava algumas damas da côrte, Rosa Campora indignou-se, protestou e declarou que não dançava com o seu cabeleireiro. O director invoca o contrato; Rosa insulta-o. Ameaçam-na com o Limoeiro; Rosa quer agredir o bailarino, o director, a própria Guadagnini, amante dum israelita rico, — e só aquieta diante do Marquês de Pombal, que a olha, ameaçadoramente, através da sua grande luneta de punho de oiro.

Estes simples episódios bastam para nos dar uma impressão rápida do valor anedótico das cartas de Gaubier e do livro encantador que poderia escrever-se àmanhã àcêrca dessa nuvem côr-de-rosa de cantarinas, de piruetas e de cómicas, que passou amando, cantando e sorrindo pelo velho teatro do Bairro Alto...

SANTA ISABEL

Várias obras, entre elas a de Jacoby, teem chamado a atenção dos médicos para a importância que reveste, no conhecimento das complexas questões da hereditariedade e da selecção natural no homem, o estudo das grandes famílias dinásticas, e, em geral, das genealogias reais. Por outro lado, é sabido que a reconstituïção de determinadas figuras históricas — hoje, que a história procura estudar o *homem* como seu factor essencial — não pode fazer-se de uma maneira completa sem a investigação da sua ancestralidade, sem o estudo das suas determinantes étnicas, sem o conhecimento da forma por que a hereditariedade se acumula ou se dissolve em cada estirpe, as suas causas de degenerescência, as suas intercorrências regeneradoras. É o caso de Santa Isabel. Quando a ilustre princesa, que iniciou em Portugal, no século XIV, uma obra admirável de assistência

social, for considerada, não sob o aspecto agiográfico, mas sob o aspecto humano, a determinação dos seus antecedentes hereditários tem de fazer-se, e constituirá um dos elementos essenciais para o estudo da mais nobre figura de mulher que resplandece nas páginas da nossa história. Vejamos, em traços rápidos, o que de mais interessante, sob o ponto de vista da selecção e da herança, se encontra na ascendência de Santa Isabel.

*

* *

O pai de Santa Isabel foi o rei Pedro III de Aragão, o *Grande,* filho de Jaime de Aragão e de Violante da Hungria; a mãe foi a raínha Constança, filha de Manfredo, rei da Sicília, um Hohenstauffen, e de Brites de Sabóia. A ilustre princesa descende, portanto, pelo avô paterno, dos reis de Aragão; pela avó paterna, da dinastia húngara dos Arpades e da casa de Courtenay; pelo avô materno, da estirpe alemã de Hohenstauffen; pela avó materna, da casa de Sabóia. Vejamos cada um dêstes ramos até aos quintos avós, — principiando pelo ramo de Aragão.

O quinto avô aragonês de Santa Isabel foi Ramiro II, o *Monge,* frade decrépito de Saha-

gun, arrancado à paz do seu convento para vestir a púrpura de rei. Casaram-no aos 70 anos com Inês de Aquitânia (1), ou com Matilde, «*matrem vicecomites Toarci*» (2), de quem teve uma filha — Petronila. É desta princesa, obesa, sempre doente, procriada em avançada idade do pai, que descendem: o terceiro avô aragonês de Santa Isabel, Affonso II, o *Casto,* psicopata sexual, cuja mulher, Sancha de Castela, se faz freira depois de viúva; o bisavô, Pedro II, casado com a disforme Maria de Montpellier (3), valente, poeta (4), morto na cruzada dos Albigenses, onde, no dia da batalha, di-lo o próprio filho, «*por haber-se la noche entregado à sus torpes amores, se hallaba tan debil, que no pudo oir el Evangélio de la Missa en piè*» (5); o avô, Jaime I de Aragão, espírito brilhante, homem «*dado a deshonestedad y mal*

---

(1) *Crónica de Afonso VII,* in Flores, *España Sagrada,* XXI, n.º 24.

(2) Roberto, abade de Monte, *Ap. ad Sigebert, Chronicon Gemblacense,* ano MCLIX, pag. 778.

(3) Ramon Muntaner, *Crónica do Rei D. Jaime,* cap. III e seg.

(4) *Hist. de Languedoc,* III, 253; Albérico Monge, *Chronicon,* ano 1213.

(5) Jaime I de Aragão, *Comentários,* parte 1.ª, cap. VIII.

trato hasta la postrera edad» (1); o pai, Pedro III de Aragão, ponderado, medíocre, normal. Vejamos o ramo húngaro e o ramo francês de Courtenay, de que descende Violante da Hungria, a avó paterna de Santa Isabel de Portugal. O quinto avô da virtuosa princesa na dinastia húngara dos Arpades, a estirpe apostólica descendente de Santo Estêvão, foi o rei Bela, o *Cego,* a quem um tio mandou arrancar os olhos, e que morreu na idiotia alcoólica, emquanto a mulher, Elena da Sérvia, metia os braços até aos cotovelos no sangue da vingança (2); o terceiro avô foi Bella III, erudito, ruivo, cruel, bizantino até à medula, fundador da primeira Universidade húngara; o bisavô, André II da Hungria, o *Jerosolimitano,* príncipe ilustre que assinou a *Bula Aurea* e tomou parte na quinta cruzada; a avó, Violante, meia-irmã de Santa Isabel da Hungria, a protectora dos leprosos da Turíngia (3), em cuja memória caridosa Santa Isabel de Portugal inspirou tôda a sua obra de assistência e cuja doce figura nos sorri ainda num tímpano doirado da catedral de Bruges. No ramo

---

(1) Mariana, *Hist. Gen.,* V, 69, 70.

(2) Pauler, *Hung. sob os Arpades.*

(3) Conrad. Marp., *Epist. ad Greg. IX,* apud. Allat, *Symmict.*

francês, o quinto avô de Santa Isabel foi Luís, o *Gordo,* rei de França, obeso, braditrófico, artrítico profundo, cheio de insónias horríveis (1), que do seu casamento com Alice de Sabóia, depois freira em Montmartre, teve, entre outros filhos, Pedro, o fundador da casa de Courtenay, estirpe célebre desde o século XII na França e no Oriente, cortiço de imperadores bizantinos *manqués* (2); o terceiro avô foi Pedro II, senhor de Courtenay, conde de Nevers, coroado Imperador pelo Papa Honório III e morto nas montanhas da Albânia quando avançava, com o seu exército, a caminho de Constantinopla; a bisavó foi Violante, ou Yolanda de Courtenay. terceira mulher de André II, o *Jerosolimitano* (3), em cuja filha, Violante da Hungria, avó paterna de Santa Isabel de Portugal, se une o sangue húngaro dos Arpades às flores-de-lis de oiro da França.

Isto, quanto aos avós paternos. Vejamos os avós maternos: Hohenstauffen e Sabóia. Manfredo, rei de Nápoles e da Sicília, avô materno

---

(1) Luchaire, *Louis le Gros,* p. XXXIX.

(2) Bouffier, *Introd. à l'Hist. des maisons souveraines,* Maison de Courtenay, I, 144.

(3) Bouchet, *Hist. Geneal. de la Mais. de Courtenay,* liv. 1.º, cap III.

de Santa Isabel, descende da estirpe ilustre dos Hohenstauffen. É filho do imperador da Alemanha Frederico II, fisionomia complexa e estranha, o primeiro em data dos soberanos modernos e o precursor dos tiranos italianos dos séculos XV e XVI, político eminente que tem já o feitio intelectual dos príncipes da Renascença, que é amigo de Leonardo de Pisa e de Miguel Scot, que se rodeia de sábios gregos, franceses, italianos e árabes, que funda a Universidade de Nápoles, que tem o sonho maravilhoso da dominação da Itália, e que morre duma neoplasia abdominal, embrulhado no hábito dum monge de Cister, nos braços do Arcebispo de Palermo. Êste homem superior é o único génito do imperador Enrique VI da Alemanha, pálido, microcéfalo, doente, «*le corps menu, le visage maigre, la tête trop petite*» (1), com a preocupação imbecil da magnificência, e de Constança, siciliana de coração, que deixa pelo leito imperial a mitra e o báculo de abadessa (2), que tem o seu único filho depois dos 40 anos (3) e que acaba por assassinar o marido dando-lhe ve-

(1) Barre, *Hist. d'Allem.*, V, 499.

(2) *Chr. Viterb*, ad. finem. *Ital. Sacr. Ugh.*, tômo III. p. 955.

(3) Baronius, *Monarch. Siciliæ*, tom. 12, and an. 1186.

neno (1). São estes os terceiros avós de Santa Isabel de Portugal no ramo de Hohenstauffen. O quarto avô é o grande Frederico *Barbarôxa*. Vejamos, finalmente, o ramo de Sabóia. A avó materna, Beatriz, é filha de Amadeu de Sabóia, duque de Chablais; neta de Tomás, cuja única celebridade consiste em ter quinze filhos, entre os quais dois bispos, de Mauriène e de Liége, e dois arcebispos, de Leão e de Cantorbery; bisneta de Humberto III, o *Santo,* de Sabóia, espécie de condestável, de arcanjo S. Miguel da Roma pontifícia, que vive entre o sol das batalhas e a penitência de um convento de cartuxos (2); terceira neta de Amadeu III, violento, exaltado, cruzado à Palestina, amigo de S. Bernardo, fundador da abadia de Hautecombe, da casa dos cartuxos de Valromey, do convento de cisterciences de Chesiry (3).

Em todos estes ramos, Aragão, Hungria, Courtenay, Hohenstauffen, Sabóia, a fecundidade é, em geral, grande; a multiparidade, freqüente; as mortinatalidades, raras. A dissolução da hereditariedade fez-se sentir mais na estigma-

---

(1) *Chr. German.*, I, 19, cit. in Barre, V, 498.

(2) Bouffier, *Int. à l'Hist. des Maisons Souv.*, I, 346.

(3) Guicheron, *Hist. Geneal. de la Maison de Sovoye*, I, 225 a 227.

tização psíquica e funcional de certas figuras, do que nas suas malformações somáticas; o cruzamento de estirpes étnicamente diferenciadas explica as regenerescências que se notam na ascendência de Santa Isabel. A ilustre princesa, que uniu no seu escudo em lisonja as quatro faixas de Aragão, em campo de oiro às armas de Portugal, tem entre os arqui-avós, além de quatro príncipes que pelas suas virtudes foram inscritos no cânon da Igreja — Santo Estêvão, S. Luís, Santa Isabel da Hungria e Humberto, o *Santo,* de Sabóia — alguns dos maiores espíritos que ilustraram, durante os séculos XI e XII, as dinastias europeias.

PARA MISS KATE LER

PARA MISS KATE LER

Fui-lhe apresentado num *garden-party,* há dois meses.

Chamava-se Kate Bergsom, tinha um sorriso enigmático, uma elegância sêca e masculina, umas lindas mãos compridas que faziam lembrar as mãos flamengas de certos retratos de Memling, e a-pesar-disso, ou talvez por isso mesmo, um perturbador e indefinível encanto, feito menos de beleza do que de frescura, menos de inteligência do que de expressão. Parece-me que a estou a ver ainda. Os movimentos ágeis, a pele loira, os olhos vivos como pontas de aço, uma *raquette* na mão, um *sweater* de malha de sêda muito cingido ao corpo, um *polo* de lã branca pôsto à banda na cabeça, uns tornozelos nervosos, finos, elásticos, calçados de branco, que faziam pensar ao mesmo tempo, não sei porquê, nas pérolas côr de rosa, nos *trorough-bred* inglêses e na rija

flexibilidade duma vara de metal. De lento, de melodioso, de feminino, só havia nela a voz. Afastámo-nos, a conversar, para um canto do jardim. Conhecem, de-certo, êsse velho tipo quási extinto do jardim português do século XVIII, com as suas ruas de buxo, os seus faunos de pedra, os seus caramanchões de azulejo do Rato, os seus pequeninos tanques em concha, rasos, lavrados, graciosos como salvas de prata de D. João V, a sua horta carinhosa, o seu encanastrado de feijoeiros onde o sol brinca e onde gritam pavões. Foi num recanto assim, entre um banco de pedra e um canteiro de rosas, abrigados num maciço de arvoredo que tremia, e faïscava, e escorria oiro, — que nós fomos esconder o nosso *splendid flirt*. Falámos de tudo, distraídamente, um pouco ao acaso, — de política e de *tennis*, de Rodin e de corridas de cavalos, da música de Ravel e dos nevoeiros de Londres, — e, emquanto as mãos brancas de *Miss* Kate Bergsom se estendiam como moluscos sôbre a palha fulva da *raquette*, acabámos por falar de literatura.

— Como se chama o seu novo livro?

— *Mulheres*.

— É uma obra de história natural?

— Perdão! É um livro de psicologia feminina.

— Oh!

O ar repreensivo de *Miss* Kate Bergsom deu-me, por instantes, a impressão de que eu tinha dito uma inconveniência. Os seus olhos pardos, metálicos, em cujas íris inquietas pareciam misturar-se, na scintilação crua do sol, tons azúis de água e manchas doiradas de âmbar cinzento, fixaram-se em mim, primeiro desdenhosos, em seguida perscrutadores, por fim risonhos:

— Para que é que os senhores falam de coisas que não entendem?

— Como, *Miss* Kate...?

— Para que falam os senhores de mulheres, que é precisamente aquilo de que percebem menos?

Perante esta afirmação inesperada, confesso que tive apenas o recurso de sorrir. Ia falar-lhe dos romances de Bourget, das cartas de Prévost, dos livros de d'Annunzio, — mas a original inglêsa cruzou familiarmente a perna, abraçou o joelho anguloso onde se adivinhava, num ranger de sêda, a compressão doce da meia, e emquanto o seu pé esbelto, adunco, vivaz, calçado de camurça branca, trepidava nervosamente no ar, disse-me com o mais britânico dos desdens:

— Os livros de psicologia feminina que os senhores fazem, não interessam nada as mulheres. São falsos desde a primeira até à última

linha. Tenho lido centenas dêles, — e não me encontrei em nenhum. Ainda há de vir o primeiro homem que faça a mais pequena idea do que é uma mulher. Como querem os senhores falar de nós, — se não nos conhecem? O que há de mudável, de instantâneo, de fugitivo, de complexo, de delicado, de quási divino na mulher, — escapa absolutamente à observação e à inteligência do homem. Conhecem apenas a epiderme, — e imaginam que conhecem a alma. Ilusão! Se os senhores soubessem como são ridículos quando nos explicam, quando nos analisam, quando nos interpretam! Dão-nos a impressão duma criança a apanhar uma sombra. Conseguem conhecer, quando muito, a côr dos nossos olhos, o tom da nossa pele, a luz dos nossos cabelos, tudo quanto é exterior, tudo quanto é grosseiro, tudo quanto é superficial, — e, ainda assim, quantas vezes se enganam! A mulher, meu amigo, há de ser sempre para o homem um mistério. No dia em que deixar de o ser — pobres dos senhores! — o nosso encanto acabou. Não, senhor psicólogo, não me mande o seu livro. *J'en ai assez*. Ou, se mo mandar, marque a lápis as páginas que não falarem de mulheres. São as únicas que me interessam. *Good bye!*

Arrefecia. Sôbre a nossa cabeça, no êxtase doirado da tarde, revoavam andorinhas. Ou-

viam-se ainda, ao longe, vagamente, as danças húngaras de Brahms. O vulto branco da minha amiga inglêsa perdeu-se, ondulando, nas sombras do jardim. Desde essa tarde, o meu livro teve mais um capítulo :

— *Para Miss Kate ler.*

O MEU VIZINHO

Não sei qual de nós se levanta mais tarde: se o meu vizinho, se eu. Aponta a madrugada, cantam os primeiros galos, já reluz o postigo da minha janela, — e ainda o não ouço. Desabrocha a manhã, numa névoa longínqua; chispam oiro, ao sol, os montes distantes, hirsutos de rocha; o fumo sobe dos casais, como uma bênção; abro a vidraça de par em par; bate-me na face, corre-me nos cabelos uma lufada de ar fresco; assomo, debruço-me: lá está já o meu vizinho espreitando à porta, gordo, rosado, pacífico, contente.

— Bom dia, amigo!

Não sei se sabem: eu tenho agora um vizinho. Vizinho de pátio, vizinho de ao pé da porta, sossegado, metido comsigo, recolhido com as galinhas ao pôr do sol, única sombra viva que os meus olhos encontraram em três léguas redondas de montanha, quando ante-on-

tem, às labaredas do meio-dia, assomei pela primeira vez a êste janêlo de casal saloio. Desde essa hora, o meu vizinho interessou-me. Observei-o, primeiro com curiosidade, depois com interêsse, por fim com ternura Os seus olhos redondos, pequeninos, sumidos em refêgos róseos de tegumento, scintilaram; a sua orelha espêssa, o seu frontal chato eriçou-se; todo o seu corpo gelatinoso e enorme se immobilizou, numa expressão que me pareceu, a princípio, de profunda surprêsa, depois, de êxtase profético, por fim, de resignação cristã. Decididamente, eu viera incomodá-lo. Talvez o meu vizinho, por uma falsa concepção do universo ou por um defeituoso critério da propriedade, tivesse suposto que tudo aquilo lhe pertencia exclusivamente a êle, — manhãs de oiro e rebanhos de écloga, águas dormentes e árvores patriarcais. Talvez, no íntimo da sua pesada consciência, me acusasse de vir disputar-lhe a posse daquela terra fecunda e escaldada de sol, que êle considerava sua, tradicionalmente sua, imemorialmente sua, desde os pousíos próximos, eriçados de mato queiró acre e florido, até às ondulações rôxas e tranqüilas do horizonte, onde se adivinhava uma indecisão de bruma e uma paz de geórgica. E quem sabe se o meu vizinho teria razão? Porque, afinal, o intruso era eu, — e tôda aquela glória da natu-

reza era bela de mais para não ser admirada por êle só. Nessa tarde, falei-lhe. Passou, desdenhosamente. No dia seguinte, vim almoçar à janela o meu prato de fruta. Então, o meu vizinho olhou-me de lado, numa expressão acolhedora; um tremor afectuoso percorreu-lhe o largo cachaço glabro e côr-de-rosa; coçou num poial de pedra a sua orelha pastosa, onde uma lanugem fina de prata fulgia ao sol; roncou, resfolegou um grunhido meigo; esfregou o focinho chato na terra; fossou; dobrou as patas dianteiras em adoração, e, com um sentimento de intimidade que não pôde deixar de me enternecer, atirou comsigo molemente, voluptuosamente, sôbre o lajedo fresco do pátio.

O meu vizinho é um honesto e formidável porco.

Damo-nos agora muito bem. Desde ontem que essa massa gorda, cariciosa e ronflante, onde se abriga a mais sábia das filosofias, partilha comigo a frescura de tôdas as sombras e a polpa de todos os frutos. Levo horas a observá-lo, a admirá-lo, a invejá-lo. Tudo nêle parece contraditório. Move-se com a lentidão e a majestade dum boi; tem, nos pés fendidos, a leveza e a graça dum fauno. Quando caminha, de focinho na terra, os olhos invisíveis sob a orelheira espêssa, o lombo coriáceo e grisalho, dir-se ia a imagem da decrepitude: mas quando

ajoelha, e cai de bôrco, e se espoja, e brinca, e se volta na terra de patas ao ar, e treme todo ao sol como uma posta enorme de gelatina, desde as têtas negras até ao focinho róseo, — a sua expressão, os seus movimentos, as suas atitudes, tudo nêle é fresco, infantil, gracioso e leve, como se um égipan môço se tosquiasse e viesse, glabro, na poeira luminosa da manhã, rebolar-se pela relva de um bosque mitológico. É hediondo, — e é quasi humano. É Sócrates e é S. Francisco de Assis. Tem o orgulho da imundície e a immobilidade dos êxtases. Lá foi agora, tropeçando, grunhindo, espojar-se no feno do cortelho, que scintila grãos de oiro numa réstea oblíqua de sol. O seu lombo atochado e friorento pressentiu os primeiros arrepios da tarde. Rebola-se, feliz; uma folha viçosa de couve, dum verde leitoso, ressuma-lhe na bôca. Ouve-se um sino, num casal distante. O corpo enorme do meu vizinho estremece e aquieta; o focinho pende-lhe; a bôca pinga-lhe, numa beatitude; inunda-o todo, o clarão do poente; o seu sono começa.

— Amigo, boa noite!

A CADEIRA

Meu amigo. — Faço-te presente dessa cadeira. Deve ficar bem na tua sala Luís XVI. Não me agradeças. Mando-ta, porque reconheci a absoluta impossibilidade de a conservar em meu poder. Tenho especial interêsse em conhecer as tuas impressões àcêrca dêsse móvel na aparência vulgar, — quarenta e oito horas depois de êle ter entrado em tua casa. Tu sempre foste uma criatura calma, ponderada, serêna, positiva. Vi-te sorrir várias vezes quando, há tempo, no último *bridge* da legação de Espanha, falámos na lógica suprema do invisível e do sobrenatural. Pertences ao número daqueles espíritos deslumbrados de evidência, para quem nada absolutamente existe além do mundo real e palpável. Conheço o teu scepticismo fácil, que é tudo quanto te resta dos preconceitos da tua educação scientífica. Tu só

acreditas no que se vê. Ninguém, por conseguinte, mais insuspeito para a contra-prova dos factos na verdade extraordinários que acabam de passar-se comigo, e que eu, a não ser que o meu espírito se encontre profundamente perturbado, não posso deixar de atribuir à presença, em minha casa, da cadeira que te mando pelo portador.

Estou a adivinhar o teu sorriso. É natural. Preciso de contar-te o que se passou. Tu sabes que eu tenho, há muito tempo, a mania das faianças. Passo os dias metido pelos leilões, atrás de cacos velhos de loiça, com a mesma voluptuosa obstinação com que, há vinte anos, as mulheres andavam atrás de mim. É fatal que todos nós, na vida, havemos de coleccionar qualquer coisa. Ontem, foi um dia cheio. Tinha já comprado um admirável gomil da Bica-do-Sapato e um prato de Ruão, magnífico, que me pareceu a princípio um Delft,. com as armas coloridas do cardeal de La Rochefoucauld, — quando me apareceu no mesmo leilão, entre dois lotes sem interêsse, uma cadeira Luís XVI, de medalhão, perfeita, autêntica, tão bem conservada que dava a impressão dum Jémont moderno, e estofada duma sêda amarelo-palha, antiga, pombalina, esgarçada, um pouco suja, mordida, aqui e ali, duma velha escarcha de oiro. Fiz o meu lanço. Picaram. Por capricho,

— insisti. Cinco minutos depois, a cadeira era minha. Á saída, quando eu entregava as faianças a um môço, veio falar-me o meu amigo Visconde de Z.:

— Sabe de quem era a cadeira que você comprou?

— Não.

— Lembra-se daquele judeu relojoeiro da rua da Madalena, que tinha uma filha doida e era amador de rosas?

— O Balsemão?

— O Balsemão. Foi nessa cadeira que êle se matou.

— O Balsemão matou-se?

— Deu um tiro na cabeça. Estava perdido. Um cancro na bôca. Havia aí hoje muita coisa dêle...

Despedimo-nos. Passara-me despercebida aquela morte. Pelo caminho, recordei o velho judeu, a quem tinha falado ainda três meses antes. Era uma curiosa figura, com um sorriso ao mesmo tempo inquietante e afável, uma face macilenta, aquilina, empastada de barbas brancas, lembrando vagamente o *S. Pedro* da sacristia do Escurial, um chapéu alto enorme, uma sobrecasaca no fio, escorrida, pingada, babada, tocada de dedadas verdes de azêbre, que dava ao pobre Balsemão o ar duma estátua de bronze a caminhar ao sol. Roía as

unhas. Gaguejava. Eu sempre lhe conhecera êsse mesmo aspecto fatídico e inexplicável de todas as criaturas condenadas a acabar trágicamente. Quando cheguei a casa, às 8 horas, já encontrei as compras do leilão. O criado, sem que êle próprio me saiba dizer porquê, tinha pôsto a cadeira aos pés da minha cama. Detive-me um instante a olhá-la, a considerar a expressão quási humana que inesperadamente ganham, em volta de nós, os objectos de que conhecemos a história. Aquela cadeira, que me atraíra apenas pela arte que continha, interessava-me agora, acima de tudo, pelo drama que evocava. No estôfo havia sangue, que correra e empastara o tecido. Assentei-me para a experimentar. Mal tinha passado os olhos pela primeira página do *Matin,* senti uma vertigem, uma impressão brusca de esvaïmento, a testa cobriu-se-me de suor frio. Levantei-me: todas essas perturbações cessaram. Pouco depois, comecei a vestir-me para ir jantar com *Miss C.* Quatro vezes o criado pendurou a casaca nas costas da cadeira: quatro vezes, inexplicávelmente, como se mãos invisíveis a arrancassem, a casaca se desprendeu e caíu, num ruído surdo, sôbre o tapête. Quando a vesti, agitou-me um tremor convulsivo. Dir-se ia que uma agulha de gêlo me percorria a espinha. Senti-me mal durante todo o jatar. Arrepios,

vertigens, excitação, suores. Logo que cheguei a casa e despi a casaca, — tudo cessou. Nota bem que eu não pretendo, sequer, explicar ou interpretar estes factos. Registo-os, apenas. Mas ainda não é tudo. De noite, emquanto a cadeira esteve aos pés do meu leito, foi-me absolutamente impossível dormir. Não sei que fluido, que vibração se comunicava aos meus nervos, ao meu organismo, a tudo o que me rodeava. Uma faiança holandesa soltou-se da parede e veio estilhaçar-se no sobrado. Na escuridão, em meio do horror da minha insónia, eu sentia distintamente uma névoa a envolver-me, a circundar-me, a aflorar-me as mãos, a humedecer-me os cabelos. De vez em quando, um estalido sêco de madeira, cortando o silêncio, fazia-me estremecer. Não havia dúvida: a cadeira movia-se, imperceptívelmente, se tu quiseres, — mas movia-se. E no meu leito, congestionado, estrangulado, eriçado de terror, — eu tinha a sensação nítida de que ela caminhava para mim. Num supremo esfôrço, abri a luz eléctrica, olhei. Ninguém. Os relógios estavam parados. As nódoas de sangue pareciam mais vivas. Um fumo ligeiro, uma neblina quási invisível, flutuava. Chamei o criado. Mandei remover a cadeira para o pátio. Os cães uivaram um instante. Tudo serenou. Dez minutos depois, adormeci.

Nada mais? — perguntarás tu. Nada mais. Aí vai a cadeira Luís XVI onde o velho Balsemão se matou. Ofereço-ta. Manda-a colocar aos pés da cama, — e não te esqueças de me dizer àmanhã as tuas impressões.

Teu amigo, — *Bernardo*.

DEBAIXO DE ÁGUA

Eram duas horas quando o *Espadarte* atracou ao *Vasco da Gama*. Um dia cinzento, pesado, baço. No silêncio do mar gritavam gaivotas. O frio cortava. Desci, com o comandante da divisão naval e com o tenente Capelo. Feitos os cumprimentos e as apresentações, o submarino largou, rápido, como um focinho de aço, cortando a água em borbotões de espuma. O mar alagara o convés. O vento sacudia, como uma bandeira, o meu *cache-col* de lã. Principiou a manobra para a imersão. Almeida Enriques, na ponte do comando, dava ordens. Uma fisionomia nobre; uma grande expressão de calma, de impassibilidade, de confiança. Desarmaram-se as antenas da telegrafia sem fios. Os lemes horizontais de vante e de pôpa baixaram, arfando, as barbatanas enormes. Silêncio. Disciplina. Rapidez. Num instante de sol, scintilaram ainda, ao longe, os areais do

Bugio. Um gaivotão cinzento, pacífico, acompanhava-nos, boiando. Tudo desaparecera do convés, varrido agora de água e de espuma.

— Pronto, comandante!

Era o momento sensacional. O *Espadarte* ia imergir. Descemos todos pela escotilha estreita, quási a pulso. Uma lâmpada de filamento metálico iluminava a câmara dos oficiais, pequena caixa de aço, atravancada de acumuladores de ar comprimido e de energia eléctrica. Todas as comunicações com o exterior se fecharam. Ouvia-se agora mais perto o motor. Principiava já o gorgolejo da água nos reservatórios laterais. Estávamos isolados. Movimento de comoção? Não. Movimento de curiosidade. Perto de mim, avançando da sombra a sua bela cabeça de marinheiro, Leote do Rêgo sorria. Capelo acompanhava a manobra, absorvido, interessado. Para a ré, na câmara do comando, ouviam-se as primeiras vozes. Íamos descer. As minhas atenções convergiram imediatamente para êsse pequeno coração de ferro onde pulsava, onde latejava tôda a vida do submarino. Espreitei os quatro, os cinco homens atentos que eram, naquele instante, o olhar, a inteligência, o movimento do *Espadarte*. A um canto, ao pé da armadura de cobre do manómetro, que faïscava, moviam-se os braços nus, os braços congestionados e felpudos

do timoneiro dos lemes laterais. O comandante, tranqüilo, vigiava ao periscópio grande. Na meia obscuridade, a lâmpada vermelha do batógrafo sangrava. Tiniam metais. Os olhos do timoneiro do leme vertical, um belo rapaz hercúleo e trigueiro, coruscavam, interrogando a bússola. Principiámos a descer. Houve um movimento de inclinação insensível. Vivo, inteligente, o imediato, Fernando Branco, descrevia, explicava, elucidava. Fui seguindo, no traçado do batógrafo, a linha de imersão, — lenta, oblíqua, suave. Cruzavam-se vozes, do comandante para os timoneiros. O gorgolejo da água era mais vivo. O ruído do motor e da hélice, mais forte. O submarino caminhava agora a quatro metros e meio de profundidade. Um ponto luminoso, vagamente azulado, pequeno como o brilhante do meu anel, fulgurou diante de mim. Era um dos periscópios. Olhei. O mar, os navios, a rocha longínqua, apareceram-me nítidos, minúsculos, refulgentes como um dia de grande sol visto através dum binóculo às avessas. Próximo, na minha frente, o tubo do periscópio mais alto cortava a água, refervia espuma, avançava, espreitava, faïscava. Uma revoada de gaivotas passou, estremecendo no ar. Um farol distante parecia um traço de oiro. Decorreram dez minutos, vinte minutos, uma hora. Na câmara do comando abafava-se. Íamos subir.

Diante dos meus olhos deslumbrados, a água próxima começou a coalhar-se de manchas verdes, doiradas, rôxas; alargaram-se círculos de espuma; o tubo do periscópio grande ia subindo; e, de repente, luminoso, varrido da vaga, eriçado dos seus lemes enormes, o focinho de aço do submarino surgiu, refervendo, espadanando, cortando as ondas.

Cinco minutos depois, navegávamos à superfície.

A ESPADA

Na lomba daquela serra havia um conventinho de arrábidos. Ficava debruçado na rocha, a entestar com o céu, todo eriçado de cruzeiros e viçoso de nascentes de água. Servia de casa de penitência à sexta província de Santo António. Na assomada de Abril de 1702, o mais florido Abril que a serra conhecera, não vivia no conventinho senão o guardião, Frei Manuel da Madre de Deus, com um donato velho que o acompanhava, muito risonho, muito remendado no seu chiote de estamenha, — chamado Frei João. Nunca uma casa de penitência vira tanto descanso e tão santa alegria. Já nem o sino da portaria tocava, porque não havia frades que chamar. Uns, doentes, tinham adormecido no seio de Deus. Outros, absolvidos da penitência, sandálias às costas, abordoados ao seu carrasco, tinham tornado, com lágrimas de

saüdade, ao alvoròço da casa-mãe. O guardião era agora a comunidade inteira. Rezava as horas canónicas, de joelhos na rocha, os olhos pregados no céu. O seu refeitório era uma pedra, à ilharga duma nascente. A sua casa do capítulo era a serra inteira, com os seus ninhos, com as suas árvores, com as suas flores. Quando comia, à tarde, diante do céu incendiado de oiro, as andorinhas revoavam-lhe sôbre a cabeça, pipilavam, poisavam-lhe no ombro, nos braços, nas mãos, — e êle ria, e afagava-as, e chamava-lhes «suas irmãs», e dava-lhes todo o seu pão. Rezadas as vésperas, adormecia como um justo. Mal apontava a manhã, e os piscos, e as toutinegras barbirruivas entravam a cantar, o guardião deixava o seu travesseiro de cortiça, agradecia a Deus o ter-lhe dado mais um dia de vida, e emquanto o donato Frei João, de alforje às costas, descia a mendigar aos casais, Frei Manuel da Madre de Deus remangava da enxada e ia amanhar, cantando, a terra da sua horta.

Um belo dia, quando o frade cavava, a enxada retiniu-lhe num pedaço de ferro. Curioso, desbravou a terra, à volta; esboroou-a, torrão a torrão; deitou as mãos ao ferro que luzia; olhou: era uma espada. Quem a teria enterrado ali? Frei Manuel da Madre de Deus empunhou-a, considerou um momento a sua larga

tijela espanhola, as guardas e as contra-guardas onde se enleara uma reigota de tojo, limpou-lhe a lâmina a um pano do hábito, cuidou ver ainda, na ferrugem que a mordia, uma nódoa viva de sangue, orou mentalmente pelas almas que aquela espada enviara a Deus, — agarrou outra vez na enxada e continuou a cavar. Quando o donato Frei João chegou, galgando a serra debaixo do seu alforje pojado de pão e de frutos, e viu a lâmina a lampejar ao sol sôbre um penedo, riram-se-lhe os olhos para ela:

— Uma espada, meu padre!

— Louvado seja Deus. Achei-a na terra, irmão.

— Se Vossa Paternidade ma desse!

— Para quê?

— Ia vendê-la ao ferreiro da vila.

Frei Manuel da Madre de Deus abanou a cabeça, enxugou o suor à manga de estamenha, olhou uma revoada alta de pombas que passava a fêsto da serra, e disse ao leigo:

— Não. A espada fica no convento.

— Para que a quer Vossa Paternidade?

— Sempre há de servir para alguma coisa.

O donato olhou-o, risonho; encolheu os ombros; lavou num regueiro de água os pés que sangravam do mato, e jogou ao guardião, atirando outra vez a alforjada às costas:

— As espadas, meu Padre, nunca serviram senão para matar.

Frei Manuel da Madre de Deus deixou o leigo nos cruzeiros do adro; tornou a empunhar a espada; assentou-se num banco de rocha, e ficou a cuidar no emprêgo que a sua alma angélica de franciscano daria àquele instrumento de devastação e de morte. Pois não permitiria Deus que se tornasse ao bem aquillo que nascera para o mal? Não poderia aquele ferro, santificado pela cruz das suas guardas de Toledo, resplandecer já agora numa obra humilde de bondade e de paz? Teria razão o donato? Não serviria para mais nada aquela aguda lâmina, — senão para espalhar no mundo a viuvez, a orfandade e a dor? Essa arma de destruïção — não seria capaz de fazer palpitar a vida? O velho guardião levantou-se e pôs-se a caminho do convento. Seguia por um córrego estreitinho, entre penedos, quando descobriu lá baixo, quási aos seus pés, a rebentar dum palmo de terra, um braço florido de roseira. Tôda a face se lhe abriu, num assômo de júbilo. Aquela roseira montesinha e varejada do vento oferecia-lhe um ensejo de tornar útil a sua espada. Porque não, se o pobre arbusto precisava dum amparo para se aconchegar, para se enlear, para subir? Frei Manuel da Madre de Deus, alegre como uma criança, descalçou

as sandálias, desceu pelas fragas, cravou a espada pelos punhos na terra, enleou-lhe, enroscou-lhe na lâmina o braço da roseira, — e um mês, dois meses andados, o ferro lampejante, que erguia para o ar a sua ponta hostil, estava completamente, virginalmente coberto dum montão vermelho de rosas bravas. O velho frade-guardião, ao vê-las abrir todas as manhãs, chorava de alegria. Realizara o seu sonho. Nas suas mãos piedosas, êsse instrumento de morte, que era uma espada, — dera vida a uma roseira.

Uma tarde, passou no córrego uma criança; debruçou-se dum penedo, e viu tão florida, em baixo, a moita de rosas, que pediu a Frei Manuel da Madre de Deus que a deixasse colher uma flor.

— Desce e colhe, meu irmãosinho. São de Deus.

O pequenito desceu; mas ia tão deslumbrado a olhar, que os pés faltaram-lhe, caíu, rolou nas fragas e foi tombar em cheio, de bruços, sôbre a roseira. O corpo oscilou um momento e ficou immóvel. Uma ponta de ferro, luzente, apareceu-lhe numa espádua. Da bôca do pequenito golfou sangue. A espada atravessara-o.

— Bem disse eu a Vossa Paternidade — chorava o donato, arrepelando-se — que as espadas não serviam senão para matar!

A DIVISÃO PEREIRA DE EÇA

Partimos de Tôrres Vedras às 10 da manhã, num automóvel do Quartel-General. A divisão Pereira de Eça estacionava ao norte, dispersa numa extensão de noventa quilómetros quadrados, ao longo de três grandes estradas divergentes. Tomámos pela estrada Tôrres-Lourinhã-Peniche. Uma admirável manhã de outono, fresca, descoberta de sol, viçosa ainda dos chuveiros ásperos da noite. Emquanto o focinho de ferro do Hudson cortava o ar, a brava paisagem estremenha ia-se desdobrando em lombas de pinhal e em chãos de vinhedo, luminosa, fecunda, gotejante de orvalho, — para um lado até às arribas do oceano, rasas de bruma; para o outro, de ondulação em ondulação, de montanha em montanha, até à serrania azul de Monte-Junto. A atmosfera ofuscava. Passavam carros de lenha a caminho dos bivaques. De vez em quando, à beira da estrada, vermelho, fu-

megante, enorme, pojava o mamilo de barro de um forno de tijolo. Vinte minutos depois, estávamos em Paio Correia, — uma mão-cheia de casinholos caiados. Perto, um veio de água espelhava: era o Alcobrichel. Numa terra ceifada, como pinceladas de oiro, alastravam as tendas do primeiro bivaque: era o batalhão de infantaria 11. Começava a subir o fumo das cozinhas. Um carro alentejano descarregava pão. Medas de palha chispavam ao sol. Bandos de soldados, risonhos, tisnados, uma toalha branca ao pescoço, vinham de lavar-se no ribeiro. Ouvimos ainda o toque de sentido, o brado de armas da sentinela. Todo aquele formigueiro humano se immobilizou, faïscando ao sol: o General passava. Seguimos. A estrada abria-se agora entre pinhais bravos, scintilantes de caruma; corria entre vinhas vindimadas, onde fossavam e farejavam cães; talhava-se, mais adiante, entre tractos de terra barrenta, cavados de barrocais, borbulhentos de cascalho, onde o automóvel saltava como uma pela. Principiaram a alvejar, na volta do caminho, umas casas de adobe caiado. Era «A dos cunhados», centro de reabastecimento, coalhado de carros de bois e de *camions* militares. Um saioto rôxo de mulher saracoteou ao sol num poial de porta. Varejavam moscões. Andado o casario, num campo à mão esquerda, estendia-se o bi-

vaque do 3.º grupo de baterias divisionárias (artilharia 3), numa grande mancha ruiva e buliçosa de gado, as cozinhas fumegando, o parque eriçado de rodados, de cofres, de lanças, como as pernadas cinzentas de uma enorme aranha de ferro. Por tôda a parte, a mesma impressão de alegria, de saúde, de disciplina, de fôrça. Dois soldados, a cara lambuzada de sabão, faziam a barba, à beira da estrada. Uma nuvem de pardais atravessou diante do automóvel, cujo leve *chassis* americano saltava, estremecia, devorava caminho a favor do vento. Principiava agora a região dos grandes vinhedos. Ao longe, na encosta, matinando sinos, um povoado alegre branquejava entre veigas verdes e viçosas: era o Sobreiro Curvo. De novo os pinhais ramalharam; de novo surgiram os fornos de telha, debruçados sôbre a estrada como cortiços enormes; — e a primeira casa do Vimeiro apontou ao alto, negra, solene, alpendrada, decrépita. Era a pobre Vimeiro onde se ilustrou Wellesley em 1808, — com o seu cabeço escarpado, o seu triste cruzeiro de pedra, a sua miséria secular, os seus casebres em ruínas. Estavam ali duas formações sanitárias — a ambulância n.º 2 e uma coluna de transportes — e, mais adiante, num vasto campo, perto das águas lampejantes do Maceira, os dois batalhões de infantaria 1. Sentia-se já o ar do mar.

A paisagem tinha agora uma expressão bárbara de aridez, com as suas terras escalvadas, os seus pinhais longínquos ao nascente, as suas moitas cheirosas de alecrim bravo rescendendo à beira da estrada. Quando chegámos a Toledo, em cujas casas se encontravam acantonados os sapadores-mineiros, arrepiámos caminho, deixámos à mão esquerda Cabeça Gorda e o Casal do Grilo, voltámos a Paio Correia, — e cortando a direito, entre sobreiros descascados e sangrentos, metemos à estrada das Caldas. Pouco depois, entrávamos no Amial. Um povoado branco, alegre, cheirando a mosto, com as suas hortas verdes, os seus carinhosos beirais carregados de abóboras doiradas, a sua igreja onde dormia, entalhada por um piedoso imaginário do século XIII, a Senhora de Rocamador. Logo adiante, galgando, cabrejando, subindo por uma encosta de pinhal, um vasto bivaque de três batalhões, infantaria 16 e 17, — admirável de ordem, de aspecto, de disciplina. Quando passámos, tocava para o rancho da manhã. A sentinela bradou às armas. Mas o Hudson do General seguiu, a direito do Ramalhal, onde vimos infantaria 5 e metralhadoras; daí para a Bogalheira, mais ao norte, onde em volta dum velho casal amarelo bivacava o 2.º grupo de batarias divisionárias (artilharia 1); outra vez arrepiámos caminho, para alcançar a estrada Tôrres-Cada-

val; metemos a um desvio aberto a picareta numas terras barrentas; seguimos até à Ermijeira, por entre grandes chãs de vinha onde pareciam escorrer, ao sol, babas vermelhas de cobre; entrámos na Quinta do Visconde, estacionamento duma formação sanitária com tendas Bessoneau armadas; e, pela estrada do Cadaval adiante, entre barricas de mosto e carros de bois, jumentos bíblicos e cães hirsutos como lobos, emquanto o sol aquecia, a luz se metalizava, e pequeninos insectos tremiam como diamantes sôbre a caruma adusta dos pinhais, chegámos a Maxial, onde estacionava o 1.º grupo de baterias; atingimos Malpique e a Mecejana, por cujas terras se estendiam, numa mancha fulva de tendas e de gado, o bivaque do 2 e a bela tropa algarvia de infantaria 4. Tínhamos percorrido, em três horas, uma extensão de 15 quilómetros de frente por 6 de profundidade. Era, simultâneamente, a revelação de uma paisagem — e dum exército. Os vinte mil homens da divisão Pereira de Eça dispersos por êsse extenso tracto ribatejano, mantinham-se tão admirávelmente na mão do comando supremo, — como se estivessem num campo de concentração. Quando chegámos a Tôrres, a poeira sufocava-nos, o sol ardia-nos na pele. Era 1 hora da tarde.

OS MORTOS

Meu amigo. — Cheguei de Londres há três dias para ver morrer meu sogro. Extinguiu-se ontem, às onze e meia da noite, em condições tão singulares, que ainda neste momento, quási sete horas depois, me sinto gelado de pavor. Uma agonia prolongada e terrível, julgarás tu. Não. Pelo contrário. Foi um cômа rápido, profundo, aparentemente tranqüilo. Mas as circunstâncias que precederam e acompanharam a morte foram tão extraordinárias, que, se tu estivesses presente, havias de sentir, como todos nós, apesar da tua impassibilidade de médico, uma impressão desagradável de frio pela espinha.

Tu sabes que meu sogro comprou aqui, há seis anos, neste canto de charneca quási raieiro de Espanha, um terreno junto à ermida de Santo António. Foi nesse terreno, em tempo aproveitado para cemitério dum conventinho de capuchos, que êle mandou construir a casa onde apenas viveu onze meses, e onde acaba

de morrer agora. Creio que te mandei em tempo a fotografia dessa casa. Não tem nada de especial nem de interessante. É um casarão, meio alentejano meio inglês, com o seu *hall* confortável vestido de tapêtes de Arraiolos, as suas paredes caiadas, a sua lareira patriarcal. Quando se abriram os caboucos para as fundações, encontraram-se, como era natural, muitas ossadas humanas. Em vez de as fazer remover para a ermida de Santo António ou para o cemitério da vila, o mestre de obras encarregado da construção, que era meio-irmão de meu sogro e que morreu pouco depois sem se saber de quê, juntou as ossadas, deixou-as nos alicerces debaixo duma abobadilha de tijolos, e edificou sôbre elas a casa que habitamos. Quando o pai de minha mulher teve conhecimento do sucedido, já a construção estava adiantada. Um espírito vulgar e forte não se teria preocupado excessivamente com semelhante pormenor; mas meu sogro, dotado de uma impressionabilidade doentia e dum carácter taciturno e extravagante, começou a manifestar vivas apreensões pelo facto de ter construído a sua casa sôbre um cemitério; pensou em arrasá-la para a edificar de novo; ouviu amigos; procurou médicos, que o tranqüilizaram alegando o carácter remoto e acidental das inumações; hesitou; resolveu-se; um belo dia

as obras recomeçaram, — e, há onze meses, o pobre velho, sombrio, absorvido, preocupado, tendo substituído já, perante a sua consciência, a questão concreta da salubridade por dúvidas de ordem metafísica e espiritualista, acabou por se instalar, com repugnância ainda, mas com relativo confôrto, na sua nova «casa de Santo António». Pouco tempo depois, recebia-se em Londres a notícia de que o irmão de meu sogro falecera de repente. Uma carta mais extensa do pai de minha mulher informava-nos da morte do velho mestre de obras, — um caso obscuro de morte súbita, que tinha ocorrido em circunstâncias pouco vulgares, precisamente quando o velho, de visita ao irmão, entrava pela primeira vez na habitação que êle próprio construira. Tôda a gente supôs que meu sogro abandonaria imediatamente a casa. Não sucedeu assim. Pelo contrário, criou amor à sua nova morada; comprou, para revestimento do *hall,* cinco tapêtes de Arraiolos do século XVIII, dum desenho acentuadamente persa, que são o melhor do recheio da casa; pediu um tecto a Columbano; encomendou para França, a Edgar Brandt, um lustre de ferro forjado que nunca veio; e quando eu o imaginava definitivamente reconciliado com a casa e com os mortos, a ler Michelet e a aquecer os pés nas brasas de azinho, diante do frade de tijolo da lareira, —

um telegrama urgente chamou minha mulher a Portugal: o pai estava a morrer. Combinámos que ela partiria no próximo paquete, e que me avisaria, logo que chegasse, se fôsse necessária a minha presença aqui. Veio encontrar o pai de cama, ressequido como uma múmia, as mãos esbrugadas, os olhos coruscantes, — rodeado de família, de criados, de médicos. Falavam todos de caquexia senil, — uma caquexia singular e precoce, acompanhada de vago delírio. Quando a filha chegou, meu sogro olhou-a fixamente, apertou-lhe muito a mão, e recomendou-lhe, numa voz apagada e longínqua: — «Assim que eu morrer fujam desta casa, que é um cemitério.» Minha mulher, profundamente impressionada, telegrafou-me. Vim. Embora não corresse a mais leve aragem, quando entrei de noite em casa de meu sogro, os tapêtes do *hall* oscilaram nas paredes. Senti uma imperceptível vertigem ao subir as escadas. Um velho piano Clementi, que bocejava a um canto, gemeu, como se o vento passasse nas suas cordagens de cobre. Evidentemente, ilusão minha. De costas, meu sogro, desfigurado, olhava em êxtase um ponto imaginário. Perguntei-lhe o que sentia. Respondeu-me, inquieto: — «Os mortos». Nessa mesma noite, à mesa do chá, minha mulher transmitiu-me o estranho pedido que lhe fizera o pai. Na idea fixa de

revelar-nos a verdade de além-túmulo sôbre o mistério daquela casa funesta, meu sogro suplicara à filha que, no instante supremo da morte, lhe aproximasse dos olhos a chama duma vela. Se as suas pálpebras se movessem à luz duas vezes, — era sinal de que os mortos viviam ali, e nos rodeavam, e nos prescrutavam, e faziam palpitar em volta de nós as suas sombras invisíveis e deletérias. Sorri, naquele sorriso fácil das criaturas educadas na lição positiva da sciência. Ontem de dia, com grande surprêsa nossa, o doente melhorou. Á noite, pelas dez horas, quando minha mulher tocava Mozart no velho cravo de oitava larga, — meu sogro caíu bruscamente em côma. Rodeámos-lhe o leito. Ás onze e vinte e cinco minutos, com a mão da filha apertada na sua, morreu. Não sei ainda bem porquê, instantâneamente, deitei a mão a um castiçal e aproximei a chama da vela dos olhos do cadáver. Uma vez, duas vezes, as pálpebras ergueram-se-lhe, — e os olhos do morto ficaram diante da luz, baços, vítreos, immóveis, abertos. Os cabelos puseram-se-me de pé. Minha mulher caíu com um ataque. E ainda agora, depois duma noite inteira de vigília, ao escrever-te esta carta, sinto escorrer-me pela testa o suor frio do terror. Parto àmanhã para Lisboa. Vamos vender a casa.

Teu, — *Manuel*.

A FEIRA

Havia feira, lá acima, em S. Pedro. Fui. Desde certa tarde, em S. Bartolomeu da Charneca, há quatorze anos, que não assistia a uma feira de gado. Galguei a azinhaga cortada entre silvados brancos de pó; atravessei uns baldios para encurtar caminho; meti à estrada, debaixo de um sol de brasas, e, trezentos passos andados, entestei com o terreiro da feira, uma vasta chã sombreada de olmeiros à volta, onde largas manchas de gado grunhiam, mugiam e bezoavam, mordidas da raçada do sol e do ferrão sangrento dos moscões. Deviam ser nove horas andadas. Ao pé da frescura dum chafariz, um cruzeiro erguia, entre carvalheiras, a sua bênção de pedra. Perto, matinava um sino. Revoavam rôlas bravas, para as bandas da serra, sôbre o mato em flor. A atmosfera scintilava e tremia. Meti-me ao terreiro. Saloios grisalhos, risonhos, graves, em mangas

de camisa, um grilhão de prata luzindo num colete de pêlo de coelho, troquilhavam encostados aos varapaus. Ao pé duma junta de bois caldeiros, iguais, três ciganos cortavam pedaços de pão, à navalha. Largas nódoas vermelhas de loiça, húmidas de barro viçoso, coalhavam a terra escaldada. Vinha chegando mais gado, trôpego, entre nuvens de poeira. Pequenos criadores, saloios humildes dos casais vizinhos, atiravam, vazavam para a feira tôda a riqueza dos seus corveiros, dos seus cortelhos, dos seus currais: agora, um rebanho de chibos, enfurdados, sequiosos de leite; logo, uma porca enorme, maternal, pacífica, as têtas negras pojando, uma cria buliçosa de dez bácoros pendurada a mamar; dum lado, um vitelo magro embarbilhado de corda, prêso pelas patas a uma estaca; do outro, debaixo do seu albardão mourisco de volta em meia-lua, um jumento branco, reflexivo, resignado, escorrendo sangue das mataduras; os mais ricos traziam manadas de bois ruivos, bíblicos, serenos, possantes; os mais pobres, o seu porco negro e oleoso como faiança vidrada, ou o seu bezerro tenrinho, precário, a ajoelhar no lôdo e a chorar pela mãe. Tôda esta carne palpitante, tôda esta massa animal de trabalho e de sacrifício se movia, e formigava, e borbulhava no terreiro, varejada de môscas, tilintante de chocalhos de cobre, espe-

rando o ferro bárbaro dos arados ou a choupa lampejante das matanças. Em volta, a ferocidade humana alquilava, regateava, discutia empoleirada em carroças, boleava garupas luzentes de égua, travava de patas trazeiras de bácoro, zurzia vitelos que demandavam a apojadura materna, batia moedas de prata, que rolavam, tilintavam e retiniam na pedra velha dos poiais. Havia de tudo. O saloio abastado, chambão, sombreiro de abalroar, amarra de oiro, suíça branca, afeito a arrematar os grandes lotes e a varrer o gado das feiras; o criador tímido, cauteloso, miúdo, com um telheiro e dois palmos de chão, empreiteiro de engordas que comprava num ano uma ninhada de leitões e os vendia porcos anais na volta da Senhora de Agosto; o pastorelho saloio, esfomeado, descalço, um saco de milho às costas, humilde para o patrão, feroz para o gado; o cigano tisnado, semita, anguloso, triste, ferrolhando esporas de Guimarães, garrindo mantas de riscas do Alentejo: — e tudo aquilo praguejava, úivava, vociferava; tudo aquilo bebia, os olhos chispando, as barbas brancas de pó, a pontoeira dos varapaus reluzindo ao sol, uma malga de vinho roxo a espumar nas mãos; tudo aquilo era capaz, num abrir e fechar de olhos, de se baralhar por um pataco velho, de travar da navalha por uma manusca de palha, de assassinar o pai por uma ca-

beça de gado. O sino tornou a matinar para a missa. O sol apertava, ardente. Era tempo de arrepiar caminho. Meti à estrada, respirando, mordendo poeira. Vinham varas de porcos, a tropeçar; saloias, de lenços sarapantões, empilhadas em carroças; cadelas magras, hirsutas, farejando, fossando, ganindo. Já na volta da azinhaga, olhei: sôbre um jumento infantil, felpudo, de perninhas de fauno, assentado no seu albardão mouro, vinha galgando a encosta um saloio velhinho, sêco, risonho, debaixo dum formidável chapéu-de-sol de pano azul. Quando nos cruzámos, dei-lhe o «salve-o Deus» e perguntei:

— Êsse chapéu é para vender, tiosinho?

O saloio parou o burro, compôs o atafal, mirou-me de alto a baixo, sorriu, olhou a sua grande basílica azul, e respondeu-me, como o melhor dos filósofos:

— E vocemecê era capaz de vender a sua sombra?

ARRAIOLOS

Meti-me na diligência do correio. Eram dois quilómetros até à vila. Uma estrada nova, aberta entre terras de pão ceifado, que ondulavam a perder de vista, fulvas de restôlho e esbraseadas de sol. Nem montados, nem olivedos. O Alentejo-seara, o Alentejo-celeiro. Numa volta, os machos meteram a passo, sacudiram as esquilas, retesaram as ancas. Subíamos, a direito do monte de S. Pedro, que encobria ainda de todo a nobre Arroiolos dos Senhores Duques. Á medida que a diligência galgava a encosta, o horizonte alargava, desdobrava-se em novas ondulações de terra, estendia-se em leiras bárbaras rasgadas pelo ferro da piscola alentejana; além, aparecia uma lomba verde de sobreiros e de azinhos; acolá, para nascente, um olival negro, bíblico, sombrio; longe, numa névoa azulada, Estremoz; mais ao sul, a serra de Ossa, roxa, coroada de nuvens, escorrendo a baba de

oiro do sol. Olhei em frente: alvejavam já, ao tôpo da estrada, as primeiras casas da vila. O chicote estalou; os machos arrancaram, tilintando os guizeirões de cobre; uma nuvem de poeira, acre, espêssa, — scintilou. Estávamos em Arraiolos. Não me lembro de ter sentido nunca, em nenhuma das pequenas vilas caiadas e luminosas do Alentejo, uma tão viva, uma tão ofuscante impressão de luz, de brancura, de alegria, de claridade. Ao sopé do velho castelo das seis tôrres, de D. Denis, aninhada num regaço de terra entre dois montes, uma toalha branca e faïscante de casaria alastrava, silenciosa, tranqüila, florida de beirais, calcinada de sol, cheirando ao mesmo tempo ao leite ordenhado das primeiras cabras e ao pão cozido do primeiro forno. Era aquilo, a vila. Aquela meia-dúzia de casas, que parecia caber-nos na palma da mão, era a nobre Arraiolos da corôa ducal de Bragança, a Arraiolos antiga das tradições romanas e visigóticas, a Arraiolos carinhosa, a Arraiolos patriarcal dos coloridos tapêtes de lã, dos frades de tijolo nas lareiras, do chafariz milagroso dos almocreves, da noiva que, no século XVIII, levou quinze dias a enfeitar-se para a boda e saíu embrulhada numa manta. De repente, a diligência parou. Tínhamos chegado ao rossio da vila. Um terreiro vesgo, soalheiro, branco, coruscante, com uma picota de pedra des-

troncada, última relíquia do seu orgulho municipal: a um lado, a cadeia velha da comarca, eriçada duma sineira franciscana; a outro, a casa da Misericórdia, acaçapada, acolhedora, decrépita, com o seu telheiro encarnado, o seu painel de armas de azulejo e um ingénuo portal gótico, apeado talvez das primeiras ruínas do castelo, em cuja pedra — quem sabe? — teriam faïscado ainda os marrões de ferro dos alvanéis de D. Denis. Olhei em volta: ninguém. Ao pé da roda dum carro alentejano com a relha solta e os caibros descarnados, — quatro, cinco, seis cães fossavam, farejavam, dormiam ao sol. No meio dum silêncio de charneca, a tôrre branca do relógio, debruçada da alcáçova, bateu as duas horas. Deitei-me a correr as ruas. Tive a impressão duma vila recolhida, laboriosa, sossegada, feliz. Aquele silêncio não era desolação: era bem-aventurança. Não era morte: era vida. Tudo casas pequenas, brancas, tranqüilas, resplandecentes, aconchegadas como ovelhas; as mais abastadas com o seu eirado e os seus janelos de telhal; as mais pobres com a riqueza da sua enorme chaminé, do seu postigo espreitadeiro, das suas paredes de adobe caiado, do seu hospitaleiro lar de tijolo, e — coisa curiosa! — pobres ou ricas, grandes ou pequenas, todas com o beiral pojando de ninhos de andorinhas. Ninguém lhes toca; era destruir a própria feli-

cidade. E os ninhos crescem, povoam-se, ennovelam-se, esbeiçam, arredondam como alcôfas, chilreiam, palpitam de pequeninas asas, vivem, crestam-se, morrem, — sem que uma só mão se levante para perturbar a sua paz e o seu mistério. Nessa carinhosa vila de silêncio e de ninhos, cada casa apareceu-me como um sorriso; cada rua, como uma bênção. Fui subindo a encosta, por um córrego empinado numa lomba de monte cheirosa de queirogas e de tojo; galguei ao castelo onde viveu Nun'Álvares; olhei, do alto adarve da muralha, sôbre a porta de Santarém, tôda a maravilhosa planície do Alentejo, faülhante de sol; debrucei-me para Vale-Formoso, em cuja veiga viçosa e verde o convento dos Lóios dorme o seu sono de pedra; e fatigado de luz, de brancura, de solidão, de claridade, voltando os olhos, pela última vez, para a nobre Arraiolos dos tapêtes, — recebi a impressão de que essas velhas obras-primas de côr, de paciência, de ternura e de graça, não podiam ter sido feitas senão ali.

TROVAS BRASILEIRAS

Está aqui, sôbre a minha mesa, o encantador volume de *Trovas Brasileiras,* acabado de publicar pelo dr. Afrânio Peixoto.

Que horas de prazer intelectual eu devo a êste livro! Só as tive comparáveis, lendo as páginas bravias dêsse genial Catulo Cearense, o primeiro homéride do sertão brasileiro, cuja obra me veio às mãos por obsequiosa lembrança do meu amigo dr. Araújo Jorge As mil e uma trovas populares que Afrânio Peixoto recolheu e prefaciou (com que elegância e com que erudição!) e o livro de Catulo, éclogas dum Vergílio caboclo, ressumantes, saborosas, doiradas e selvagens como os frutos bravos da floresta, completam-se e explicam-se um ao outro. Sente-se pulsar em ambos, no mesmo ritmo largo, o coração ardente do povo brasileiro. Nêles lateja, como um clarão de fogueira ao vento, a alma da mesma raça. Versos de tôda a gente,

que são hoje anónimos; versos dum poeta de génio, que serão àmanhã da multidão, uns e outros foram feitos para as cordas da mesma sanfona, para os soluços da mesma garganta, para o meneio dos mesmos corpos, que se desnalgam, e peneiram, e saracoteiam no samba, como torsos de deuses de bronze, ao sol. Mas se há muito de brasileiro, de original, de autóctone nos dois livros, há muito também de português no seu sentimento, na sua emoção, no seu lirismo ingénuo. «Não é fácil suprimir o que nós temos de lusitanos» — diz Afrânio Peixoto, de resto fortemente nacionalista em literatura. Eu próprio tive a confirmação disso, vertendo para português correcto a primeira parte do *Lenhador*, de Catulo, — obra-prima que, não sei porquê, me fês pensar em certas sagas escandinavas. Quando li, numa roda de amigos, êsses versos formosíssimos, que não precisam, para ser belos e para ser brasileiros, de estar escritos em cassange, logo um nome aflorou em todas as bôcas, trémulas de admiração: António Correia d'Oliveira. De facto, os dois poetas confundem-se na mesma ternura, no mesmo sentimento, no mesmo fundo ideológico, na mesma expressão formal, idiomática, da redondilha, no mesmo culto religioso da árvore, na mesma tendência para a antropomorfização da natureza. E, o que se dá com êles, dá-se com

êsse grande poeta colectivo e anónimo, que é o povo. O livro do dr. Afrânio Peixoto, réplica, melhor sistematizada, das *Mil Trovas,* de Alberto d'Oliveira, vem demonstrar, antes de tudo, que a poesia popular portuguesa e a poesia popular brasileira são, ainda hoje, uma só poesia, impregnada do mesmo forte lusitanismo comum. Numa e noutra predomina um fundo essencial de lirismo amoroso. Mais sentimental uma, a portuguesa, — mais sensual outra, a brasileira (como justamente observa o romancista admirável da *Esfinge* e de *Maria Bonita),* ambas as colecções constituem, no seu conjunto, uma vasta amorografia, que, ou batida na viola estremenha dum campino ribatejano, ou zangarreada na brava sanfona dum cangaceiro caboclo, não aspira senão à exaltação e à divinização da mulher. Através das mil trovas populares da recolta de Afrânio Peixoto, eu vi, senti, reconstituí, com todas as suas determinantes étnicas, com todo o seu penetrante encanto, a mulher brasileira, a «morena requebrada», a «pimentinha mordida», a «trigueira picada do sol», a dengosa «flor de cananeia», — Eva eterna, volúpia imortal, inimiga adorada. Adivinhei a sua graça nas expressões ternas do lirismo mineiro, baïano e carioca, — «minha bem feita», «minha folhinha de coentro», «meu caroço de dendém», «minha andorinha de coqueiro», «meu cacujeiro miudi-

nho, carregadinho de flor» ; surpreendi-lhe a ondulação melodiosa do torso e dos rins, dríada, oréada, fauneza de cobre do sertão ofuscante e magnífico, — «corpo de fita lavrada», «ancas de linha torcida» ; vi-a sorrir, com a sua «bôca de cravo da Índia», fitar-me com os seus «olhos grandes», os seus «olhos de pimenta e de fogo», «de restilo e de veludo» ; compor o lenço azul sôbre a «trancinha cacheada», cheirosa às pombas virgens do mato ; sapatear numa esteira — «requebra mais, Lionô !» — com os pequenos pés nus, nervosos, doirados, morenos, «coalhados de leite cru e de mel de abelha», pés de ave e de sôpro, de deusa e de flor. Não será, talvez, a brasileira citadina, a brasileira hipercivilizada, descendente pura e extreme de europeus, que o scintilante Castro Meneses, numa crónica do seu último livro, acha demasiadamente «pálida, franzina, nervosa» ; mas é, com certeza, a brasileira plebeia, o adorável tipo lusitano cruzado de negroide ou de aborígene, a mestiça — cabocla, cabrocha, cafusa — a brasileira amarela e ardente do sertão que Catulo Cearense canta nos seus poemas, a *Maiby*, a *Viruca*, a *Lindinha*, a *Lionô*, olhos «de espinhos e de mel», peitos de rôla morena, línguas de cobra côr-de-rosa, Salomés bronzeadas da floresta, cujos olhos matam como «cornadas de chifre», cujo suor cheira como as flores do mato, e em cuja

beleza ondulante, voluptuosa, selvagem, eu vejo a Mãe suprema, o seio fecundo, o ventre glorioso do Brasil. Ignoro se os acasos da vida me levarão algum dia a conhecê-la. Não sei, na incerteza da hora presente, se àmanhã terei de demandar o Brasil, como quem procura uma segunda pátria. Mas, se assim for, a mulher brasileira já não terá surprêsas para mim. Através da poesia popular do seu país, recolhida pelas mãos ilustres de Afrânio Peixoto, eu pude vê-la, senti-la e entendê-la bem.

A CRÍTICA

Meu amigo. — Os seus nervos estão fatigados e doentes. Não gostei de ler a sua carta. Bem sei: é a *mental strain* inevitável das mocidades que ardem e vibram de mais. Se a Europa estivesse viajável, — aconselhava-o a uma longa viagem. Você precisa de sair daqui. Precisa, pelo menos, de não ler, de não pensar, de não sentir. A literatura é um veneno. Isole-se. Repouse. Entretenha o espírito com qualquer coisa fútil. Sabe o que lhe aconselho? Case-se.

A sua carta é dolorosa. E, entretanto, quando acabei de a ler, sorri. Vejamos os factos. Você tem vinte anos e tem talento. São duas grandes crises, meu amigo. Quando se é impressionável, nervoso, excessivo como você, — chegam a ser duas grandes doenças. Temperamentos como o seu, quando atingem a zona equatorial dos vinte anos, — ou se suicidam por uma mulher, ou fazem um livro. Você fêz o li-

vro Ainda bem. Foi o seu sarampo, foi a sua puberdade, foi o seu ataque de nervos. Se o escrevesse apenas, — não havia nada mais inofensivo. Papéis que se rasgam quando a crise passa, ou que se guardam à chave numa gaveta até que cheguem os primeiros cabelos brancos. Mas você não se limitou a escrever um livro; você publicou-o. E desde que o publicou, meu amigo, — o seu livro pertence a tôda a gente. É de todos. Todos teem o direito de o criticar, de o envenenar, de o discutir, de afrontar o pudor da sua sensibilidade, de sorrir da dignidade do seu nome, de humilhar, de devassar o que há de mais recatado no seu sentimento, de mais nobre no seu orgulho, de mais íntimo no seu coração. Ah, meu amigo! Se os vinte anos soubessem por que doloroso preço se paga a vaidade do primeiro livro, — quantos manuscritos inúteis crepitariam no fogo àmanhã!

O seu caso é o caso de todos nós. Você manda-me recortes de jornais que o ferem, que o deprimem, que o agravam, que lhe contestam originalidade, probidade, talento, — e pergunta-me, num estado de espírito que me alarma, se deve ou não responder-lhes. Não deve. Vejamos a questão com serenidade, com essa imperturbável serenidade que é a suprema fôrça de todas as criaturas destinadas a vencer. Que poderia ser a sua resposta? Ou uma violência,

ou uma justificação, ou uma banalidade. Não lhe aconselho a violência. A liberdade de crítica consagra um direito incontestável; e quem, pela sua excessiva sensibilidade, pela sua delicadeza doentia, não pode ou não quer ser criticado, — não publica livros. Dir-me há você que em Portugal, mercê duma lamentável falta de educação, o direito de crítica se exerce às vezes por uma forma vizinha da impertinência e do ultraje. É possível. Isso sucede aqui, — e em tôda a parte. Mas, meu amigo, não insulta quem quer. E, de resto, você sabe que a injúria literária, como a injúria política, revestem caractéres tão acentuadamente intelectuais, que só no campo exclusivamente intelectual podem ser julgadas e derimidas. Também não lhe aconselho a justificação. Justificação de intenções? Às intenções não se criticam. Justificação de obras? Os bons livros, os livros que teem o direito de viver, defendem-se e justificam-se por si próprios. Disse-o Chateaubriand: «*La critique n'a jamais tué ce qui doit vivre.*» Só as obras más precisam de ser explicadas. Se a obra por si não fala, — de que serve falar o autor? Muito menos lhe aconselho a banalidade. Para quê? O que convém à nossa obra, não é que nós a discutamos; é que os outros a discutam. Não responda. Repouse. Sossegue os seus nervos. Não há nada que valha a dignidade do

silêncio. Quanto mais você subir, — mais detestado, mais insultado será. «Tem-se a medida exacta do valor dum homem, contando o número de medíocres que se coligam para o derrubar.» Sabe quem disse isto? Rubinstein. Eduque o seu espírito na lição da serenidade, que tudo vence; da generosidade, que tudo perdoa. Você está deprimido, intoxicado, doente. A sua carta fêz-me sorrir, — mas fêz-me pensar, também. Retempere-se, — renasça. Afirmo-lhe que àmanhã, quando você se sentir forte na consciência do seu valor, — já não haverá artigos de jornal que o perturbem. E dê cá um abraço. Tomara eu ter vinte anos!

ÍNDICE

Mulheres de hoje :

Miss Melancolia 7
A velhice de D. João 13
Bébé 19
O livro de missa 25
O doente 31
As meias azúis 37
Pierrette 41
Maria Manuela 47
Lady Futilidade 51
Uma flor 55
O «rendez-vous» 59
Uma frase de Dumas 65
Flirt 67
Noiva 71
A outra 77
Mãe 81
A hora do diabo 85
O adeus 91
Maridos 95
As mãos 99
Tia Angélica 103
Ibsenianas 111
As nossas mulheres 115

Mulheres de ontem:

As amantes de D. Miguel..... 123
O busto da Duqueza..... 127
Avòsinhas..... 131
Catarina de Bragança..... 137
Um drama de amor..... 143
Duas Princesas..... 149
Carlota Joaquina..... 155
A musa das rendas..... 165
A Brichota..... 169
Duquesa de Borgonha..... 185
Freirinhas de S. Bento..... 191
As cómicas do Bairro Alto..... 197
Santa Isabel..... 203

Para Miss Kate ler:

Para Miss Kate ler..... 213
O meu vizinho..... 219
A cadeira..... 225
Debaixo de água..... 229
A espada..... 235
A divisão Pereira de Eça..... 239
Os mortos..... 245
A feira..... 251
Arraiolos..... 255
Trovas brasileiras..... 259
A crítica..... 265